



UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN
FACULTAD DE CIENCIAS POLÍTICAS, JURÍDICAS Y DE LA
COMUNICACIÓN
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

ENSINO, PATRIMÔNIO E MEMÓRIA:
UMA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE HISTÓRICA
SOCIOEDUCATIVA.

Claudia Luciana Gonçalves da Silva Freitas

Asunción, Paraguay

2018

Claudia Luciana Gonçalves da Silva Freitas

**ENSINO, PATRIMÔNIO E MEMÓRIA:
UMA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE HISTÓRICA SOCIOEDUCATIVA.**

Dissertação a ser apresentada para UAA como requisito parcial para
a obtenção do título de Maestria em Ciencias de la Educación.

Orientador: Dr. Diosnel Centurion, Ph.D.

Asunción, Paraguay

2018

Freitas, Claudia Luciana Gonçalves da Silva.

Ensino, patrimônio e memória: uma construção de identidade histórica Socioeducativa /Claudia Luciana Gonsalves da Silva Freitas- Asunción – Paraguay, 2018. Páginas: 122

Dissertação em Maestría en Ciencias de la Educación - Universidad Autónoma de Asunción UAA, 2018.

Orientador: Dr. Diosnel Centurion, Ph.D.

Áreas: Patrimônio; História; Ensino. Identidade.

Código de biblioteca:

Claudia Luciana Gonçalves da Silva Freitas

**ENSINO, PATRIMÔNIO E MEMÓRIA:
UMA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE HISTÓRICA
SOCIOEDUCATIVA.**

Esta tese foi avaliada e aprovada para a obtenção do título de
Licenciado em Mestre pela Universidad Autónoma de Asunción - UAA

Comissão avaliadora

.....

.....

.....

Asunción, Paraguay

2018

Dedicatória

À DEUS e à minha família. Vocês
contribuíram para que fosse possível a
realização desse sonho!

Agradecimentos

Os sonhos existem para serem realizados e, na realização destes sonhos, existem pessoas que foram cruciais para que eles se concretizassem de modo especial agradeço meus companheiros de viagem e curso Nádia Maria e Hamiltom Rocha e em nome de Helissandra a todos os meus colegas de turma. A estas pessoas o meu profundo e carinhoso OBRIGADO.

A DEUS, em primeiro lugar, curvo os meus joelhos e rezo: Senhor, sem a Vossa proteção eu não estaria aqui neste momento. Obrigado! À minha família, meu sustentáculo maior nesta Terra! Meus irmãos, minha mãe, meu esposo e meus filhos Diego e Raisa razão maior da minha luta por uma vida melhor! Amo vocês, por terem, de forma especial, me dado coragem, força e apoio nos momentos de dificuldades! Aos meus professores, que estimularam os meus pensamentos me levando a buscar mais conhecimentos. Ao meu Orientador, pela paciência e pela forma como me conduziu.

A inovação do passado constitui umas das estratégias mais comuns nas interpretações do presente. O que inspira tais apelos não é apenas a divergência quanto o que ocorre no passado e o que teria sido esse passado, mas também a incerteza se o passado é de fato passado, morto e enterrado, ou se persiste, mesmo que talvez sob outras formas.

Edward Said

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	ix
LISTA DE TABELAS	x
LISTA DE GRÁFICOS	xiii
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS	xiii
LISTA DE SIGLAS.....	xiv
RESUMO.....	xv
RESUMEN.....	xvi
INTRODUÇÃO.....	18
I CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA SOBRE A IMPORTÂNCIA DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE HISTÓRICA.....	24
1.1 Conceito histórico do ensino de História.....	24
1.2 O ensino de história e sua importância.....	26
1.2.1 O currículo no ensino de história.....	31
1.3 O respeito e a preservação do patrimônio cultural.....	39
1.3.1 Uma construção de identidade histórica nas escolas públicas.....	43
1.3.2 A arte de ensinar do professor de história.....	46
2. MÉMORIA E ENSINO DE HISTÓRIA.....	58
2.1 Importância da memória no ensino de história	58
2.2 Construção da memória na busca pela preservação do patrimônio Histórico.....	60
3 METODOLOGIA.....	65
3.1 Design, tipo e enfoque de pesquisa.....	66
3.2 Participantes do estudo: População e amostra.....	68
3.3 Descrição do lugar do estudo.....	69
3.3 Técnicas de coleta de dados.....	71
4. RESULTADOS: ANÁLISE.....	75
4.1 Resultados do questionário com professores.....	76
4.2 Resultados do questionário com alunos.....	

5. INTERPRETACIÓN E DISCUSSAO DOS RESULTADOS.....	88
6. CONCLUSÃO.....	108
7. E RECOMENDAÇÃO.....	122
	124
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	
	125
APENDICE.....	
	140
ANEXOS.....	
	149

LISTA DE FIGURAS

FIGURA Nº1: Localização geográfica de Senhor do Bonfim	69
FIGURA Nº2: Localização geográfica do Colégio Estadual Senhor do Bonfim.....	70
FIGURA Nº 3: Localização geográfica do Colégio Estadual Tancredo Neves	71

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Sexo dos professores do Colégio Estadual Tancredo Neves.....	76
Tabela 2: Ano de ingresso na rede pública estadual, dos professores.....	76
Tabela 3. Carga horária semanal dos professores	77
Tabela 4. Formação acadêmica dos professores	77
Tabela 5: A disciplina de história tem favorecido a descoberta de um patrimônio comum que precisa ser conhecido pelas novas gerações.....	79
Tabela 6: A escola desenvolve ações para conscientizar os alunos sobre a importância da preservação do patrimônio.....	79
Tabela 7: A disciplina de História tem possibilitado ao aluno a descoberta de um patrimônio comum.....	80
Tabela 8: O ensino de história local apresenta-se como ponto de partida para aprendizagem histórica pela possibilidade das relações sociais entre educandos e educados.....	80
Tabela 9: A construção da identidade histórica e cultural está presente durante todo o processo de ensino/aprendizagem.....	81
Tabela 10: A comunidade escolar participa da construção da identidade histórica Cultural.....	81
Tabela 11: Existe uma relação entre a formação de identidade histórica com os conteúdos abordados nas aulas de história?.....	82
Tabela 12: O conteúdo da grade curricular contempla a construção de um ensino que objetive o resgate da identidade cultural local.....	82
Tabela 13: A proposta curricular contempla assuntos relacionados ao patrimônio e memória.....	83
Tabela 14: O currículo contempla a interação da história e sua ação reflexiva na construção de identidades.....	83
Tabela 15: Procura refletir sobre a importância do patrimônio e memória na formação de identidades histórica e cultural.....	84
Tabela 16: A prática educativa está focada na história da cidade.....	84
Tabela 17: A valorização da história local pode ser considerada ponto de partida para o processo de formação do ser histórico e social que se pretende formar com o ensino de história.....	85
Tabela 18: Os conteúdos estudados proporcionam a construção de uma memória comum nos alunos permeando o reconhecimento de sua cultura.....	85
Tabela 19: AS aulas de história são abordadas assuntos relacionados ao patrimônio	
Tabela 20: A sua prática incentiva o resgate da memória coletiva	86
	86

Tabela 21. Noções de patrimônio e memória estão presentes no planejamento didático.....	87
Tabela 22: Articula elementos do saber histórico com o saber pedagógico.....	88
Tabela 23: Sexo dos alunos do Colégio Estadual Tancredo Neves.....	88
Tabela 24: Faixa etária dos alunos.....	88
Tabela 25: Carga horária dos alunos	92
Tabela 26: Sexo dos Professores do Colégio Estadual Senhor do Bonfim.....	93
Tabela 27: Ano de ingresso na rede pública estadual, dos professores.....	93
Tabela 28. Formação acadêmica dos professores	93
Tabela 29: Carga horária semanal.....	94
Tabela 30: AS aulas de história são abordadas assuntos relacionados ao patrimônio.....	94
Tabela 31: A sua prática educativa incentiva o resgate a memória coletiva	95
Tabela 32: Noções de patrimônio e memória está presente no planejamento didático	
Tabela 33: Articula elementos do saber histórico com o saber pedagógico.....	95
Tabela 34: Procura refletir sobre a importância do patrimônio e memória na formação de identidades histórica e cultural.....	96
Tabela 35: A prática educativa está focada na história da cidade.....	
Tabela 36: A valorização da história local pode ser considerada ponto de partida para o processo de formação do ser histórico e social que se pretende formar com o ensino de história.....	96
Tabela 37: Os conteúdos estudados proporcionam a construção de uma memória comum nos alunos permeando o reconhecimento de sua cultura.....	97
Tabela 38: A disciplina de história tem favorecido a descoberta de um patrimônio comum que precisa ser conhecido pelas novas gerações.....	97
Tabela 39: A escola desenvolve ações para conscientizar os alunos sobre a importância da preservação do patrimônio.....	98
Tabela 40: A disciplina História tem possibilitado ao aluno a descoberta de um patrimônio comum.....	
Tabela 41: O ensino de história local apresenta-se como ponto de partida para aprendizagem histórica pela possibilidade das relações sociais entre educandos e educados.....	98
Tabela 42: A construção da identidade histórica e cultural está presente durante todo o processo de ensino/aprendizagem.....	99
Tabela 43: A comunidade escolar participa da construção da identidade histórica Cultural.....	100
Tabela 44: Existe uma relação entre a formação de identidade histórica com os conteúdos abordados nas aulas de história?.....	101

Tabela 45: Os conteúdos propostos pela grade curricular contemplam a construção de um ensino que objetive o resgate da identidade cultural local.....	101
Tabela 46: A proposta curricular contempla assuntos relacionados ao patrimônio e memória.	102
Tabela 47: O currículo contempla a interação da história e sua ação reflexiva na construção de identidades.....	102
Tabela 48: Sexo dos alunos do Colégio Estadual senhor do Bonfim.....	103
Tabela 49: Faixa etária dos alunos.....	103
Tabela 50: Carga horária dos alunos	103

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: A professora de história em sua prática docente solicita a seus alunos para entrevistar pais ou pessoas da comunidade, acerca dos fatos culturais locais	89
Gráfico 2: São abordados pela professora assuntos relacionados ao patrimônio histórico incentivando a preservação destes lugares que fazem parte da memória da cidade.	90
Gráfico 3: Em relação a abordagem sobre a importância da preservação do patrimônio cultural da cidade.	90
Gráfico 4: A escola procura realizar ações que incentivem a valorização do patrimônio histórico cultural.	91
Gráfico 5: A escola promove a realizações de excursões aos prédios e monumentos antigos presentes na cidade e que fazem parte do patrimônio histórico.	91
Gráfico 6: Em relação à abordagem nas aulas de história, sobre da importância de preservação do patrimônio cultural da cidade.	92
Gráfico 7: A professora de história em sua prática docente solicita seus alunos para entrevistar pais ou pessoas da comunidade acerca de fatos culturais locais.	104
Gráfico 8: São abordados pela professora assuntos relacionados ao patrimônio histórico incentivando a preservação destes lugares que fazem parte da memória da cidade	104
Gráfico 9: A escola procura realizar ações que incentivem a valorização do patrimônio histórico cultural	105
Gráfico 10: Existe uma relação entre a história ensina na escola com a história voltada para a construção de identidades históricas e culturais.	105
Gráfico 11: A escola promove à realização de excursões aos prédios e monumentos antigos presentes na cidade e que fazem parte do patrimônio histórico local	106
Gráfico 12: Em relação à abordagem sobre a importância da preservação do patrimônio cultural da cidade.	107

LISTA DE SIGLAS

AC	Atividade Complementar
AGB	Associação dos Geógrafos Brasileiros
ANPUH	Associação Nacional de História
CEEPSTC	Centro Estadual de Educação Profissional em Saúde Tancredo Neves
CESB	Colégio Estadual Senhor do Bonfim
IAB	Instituto de Arquitetos Brasileiros
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	Ministério de Educação
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais

RESUMO

A presente pesquisa objetivou analisar o ensino de história nas escolas estaduais de Senhor do Bonfim-Bahia-Brasil e como se contempla a preservação e valorização pelos alunos e professores do patrimônio e memória local. O estudo foi do design não experimental, tipo descritivo e enfoque quantitativo. A técnica utilizada foi o questionário semiaberto feitos com professores e alunos nos encontros semanais de atividades complementares e com os alunos na sala de aula. Os resultados possibilitaram perceber que os professores e alunos tem a percepção de que as aulas de história contribuem para a preservação e valorização do patrimônio e memória local na construção de valores sociais e educativos. Em relação ao questionário dos alunos tonou-se uma divergência entre as respostas dos alunos do Colégio Estadual Senhor do Bonfim em relação a pratica docente.

Palavras chave: Ensino de História; Patrimônio; Preservação; Memória.

RESUMEN

La presente investigación tuvo como objetivo general analizar la enseñanza de la historia en las escuelas estatales de Senhor do Bonfim, Bahia-Brasil y como contempla la preservación y la valoración del patrimonio y la memoria local según los estudiantes y profesores. El estudio fue de diseño no experimental, tipo descriptivo y enfoque cuantitativo. La técnica utilizada fue el cuestionario semiabierto con profesores y estudiantes en reuniones semanales de actividades complementarias y con los estudiantes en el aula. Los resultados mostraron que profesores y alumnos perciben que las lecciones de la historia contribuyen a la preservación y mejora del patrimonio y la memoria local en la construcción de valores sociales y educativos. En relación con el cuestionario aplicado a los estudiantes se verificó que existe una divergencia entre las respuestas de los alumnos del Colegio Estatal Senhor do Bonfim en relación con la práctica docente.

Palabras clave: Enseñanza de la historia; Patrimonio; Conservación; Memoria.

INTRODUÇÃO

O interesse com a preservação da memória histórica e, por extensão do patrimônio cultural é um acontecimento que vem se caracterizando nos últimos anos, daí que um número considerável de instituições, sejam públicas e privadas, organizações não – governamentais, segmentos sociais dos mais diversas tem tomado iniciativas para criação de centros de memória visando preservar o patrimônio histórico visto que é uma questão de cidadania e, como tal interesse de todos para a construção da identidade cultural. Durante um grande período, o olhar sobre as questões culturais girou em torno dos patrimônios concretos. Somente a partir da constituição federal /88 que foi regulamentado um conceito de patrimônio cultural agregado a um patrimônio intangível trazendo um resgate histórico com os bens imateriais trazidos na memória coletiva e individual do povo.

As constantes mudança que estão ocorrendo nas sociedades modernas tem também atingido mudanças nos sistemas educacionais e representam um grande desafio sob várias perspectivas que vão das inovações educacionais as tecnológicas, exigindo um profissional cada vez mais competente e se constitui como um dos grandes desafios do séc. XXI. Portanto saber trabalhar com a diversidade principalmente dentro da sala de aula é de fundamental importância para que esses patrimônios sejam valorizados, conservados e permaneçam na memória.

Assim ação que as pessoas adultas exercem sobre os jovens em sua formação para a vida em sociedade, é o que se chama de educação. Ela incute e desenvolve nos mais jovens, valores intelectuais, culturais e morais reclamados pela sociedade vigente. Para Brandão (1995, p. 16) a “Educação é um dos principais meios de realização de mudança social ou, pelo menos um dos recursos de adaptações das pessoas, em um mundo em mudança”.

A educação é a base de qualquer desenvolvimento humano. Ela conduz o homem a questionar sobre si mesmo e sobre a sua realidade social, tornando-o capaz de transformar essa realidade. Especialmente, nos dias de hoje, a educação reveste-se de grande importância para a produção de novos modos de conhecimentos, tornando o cidadão capaz de conceber e construir sua emancipação político – econômica podendo ser agente de transformação educativa e social contribuindo para criar uma referência histórica ajudando na conscientização na necessidade de conhecer e preservar sua história.

Hoje o indivíduo é obrigado a saber o que se passa no mundo globalizado e deve incorporar os macetes do mundo capitalista, do modo capitalista de pensar e agir. Os indivíduos são obrigados a saber do que se passa e do que pode se passar ao seu redor para terem a dimensão exata do presente e do futuro, de seus direitos e deveres e principalmente as suas responsabilidades diante dos desafios que surgem. Nesse contexto, a educação ocupa um lugar de destaque porque é através dela que o indivíduo adquire saberes, desenvolve suas ideias para atuar na sociedade em que vive sendo agente de transformação social, é isso acontece quando preservamos nosso patrimônio e a memória.

De acordo com Teixeira (1997):

A educação é a grande igualadora das condições entre os homens, dá a cada homem a independência e os meios de resistir ao egoísmo dos outros homens. Em relação à evolução do homem, a educação deve abordar a formação de sua história e os fatos que contribuíram para que se chegasse até o momento atual.

Portanto o educando não se limita apenas à aquisição de informações, mas, principalmente, à apropriação e transformação das informações recebidas, ou seja, da própria produção de conhecimentos, permitindo assim, uma melhor compreensão de si, do outro, do mundo atual e social e do momento histórico em que está inserido, permitindo ao aluno que se aproprie das informações desenvolvendo habilidades e posturas que lhe possibilitem melhor qualidade de vida e a inserção em uma sociedade em constante transformação, sem perder de vista o passado.

Assim é requerido do ser humano habilidades intelectuais, estéticas, conduta moral, ética, concepção ampliada do mundo, domínio instrumental de línguas, habilidades de comunicação e capacidades de gerar novos modos de pensar. Entretanto, não se percebe uma preocupação em preservar os seus conhecimentos da história, os fatos que aconteceram no passado e que devem servir de alicerce para a construção do futuro.

Dessa forma, a História tem uma enorme importância para a vida social e na construção da democracia e da cidadania. Sendo assim é essencialmente formativa, propondo uma prática de ensino voltada para compreender a experiência humana ao longo do tempo. A memória de um povo deve ser entendida como um fenômeno construído coletivamente e sujeitos em constantes recriações.

Dessa maneira, o homem tem construído sua história deixando marcas do seu passado através do seu patrimônio cultural. Sendo uma forma de guardar sua história ao decorrer das gerações. Percebendo que a história regional vem ganhando cada vez mais destaque no ensino de História, buscou-se estudar questões relativas ao patrimônio e memória e suas relações com a educação, pois somente através do seu reconhecimento é que o indivíduo passa conhecer, valorizar e incorporar a sua experiência cotidiana atribuindo assim um valor histórico, cultural e etnográfico.

Neste contexto o ensino de história se faz necessário para resgatar a história dos nossos antepassados, possibilitando o conhecimento dos bens culturais do patrimônio histórico a fim de estimular nos educandos o senso de preservação da memória social e coletiva como condição indispensável à construção de uma nova cidadania e identidade nacional plural.

Sendo a escola, muitas vezes, é local de confronto para os sujeitos nele inseridos, pois aquilo que se “aprende” vai de encontro ao que se “sabe” ou, não faz qualquer sentido para quem deveria estar ali para aprender, por que muitas vezes não conhece sua História.

Assim a escola e principalmente o ensino de História tem um papel fundamental nesse processo de confronto que a História faz ao longo dos tempos, principalmente relacionado a cultura de um povo. E ela em última instância, o loco privilegiado para o exercício da cidadania, na qual se expressa no conhecimento e na valorização dos elementos que formam o nosso patrimônio cultural.

Quando o conhecimento é socializado historicamente produzidos e transmitindo em gerações, a cultura não morre ela perpetua ao longo do tempo sendo mostrada pelo seu patrimônio e resgatada nas memórias. E para tal é necessário, mudar o ensino de História, principalmente da maneira de ensinar.

Então o professor como principal agente de transformação, ele tem que estar preparado, sobretudo no processo de formação para estimular os alunos a entenderem e repensar de forma crítica o seu papel nesta história que modifica de acordo com a perspectiva social.

De acordo com Souza (2007):

a perspectiva precisa ser de formação na vida e para a vida e não apenas de qualificação do mercado ou para ele. Sendo a educação comprometida com a

formação de um sujeito com autonomia intelectual, ética, política e humana, exige assumir uma política de educação e qualificação profissional não para adaptar o trabalhador e prepará-lo de forma passiva e subordinada ao processo de acumulação da economia capitalista, mas voltada para a perspectiva da vivência de um processo crítico, emancipador e fertilizador de outro mundo possível.

Para a transformação do meio social dos alunos, primeiro o professor tem que pensar o na realidade do aluno, estudando o meio social que o mesmo está inserido, assim a história ultrapasse os muros da escola. Então é necessário pensar sobre a especificidade da história da cidade bem como no patrimônio deixados pelas gerações passadas, portando partindo da realidade dos alunos estamos valorizados a sua cultura, para depois ultrapassar o muro da escola.

Nessa perspectiva estamos contribuindo para o entendimento do passado e do patrimônio cultural, e as aulas devem propor atividades que façam o aluno entender, em primeiro lugar, o seu mundo é histórico e que a sua história deve ser preservada e conhecida por todos.

Por isso, falar de patrimônio e memória é buscar resgatar a história e cultura do povo que vem se perdendo ao longo do tempo, pois vivemos em cidades cheias de prédios e monumentos antigos carregados de histórias e esquecidos na correria do dia-a-dia.

Com a perspectiva de conhecer a visão sobre o patrimônio e memória no ambiente escolar, a partir das percepções dos professores e alunos, pretende investigar: O Ensino, patrimônio e memória: uma construção de identidade histórica socioeducativa .

A pergunta norteadora do problema central foi: Como o ensino de história nas escolas estaduais de Senhor do Bonfim contempla a preservação e valorização do patrimônio e memória local?

Diante do problema dessa pesquisa determinou-se verificar as seguintes hipóteses: O ensino de história contribui para preservação e valorização do patrimônio e memória local na construção de valores sócias e educativos. Ou, o ensino de história não contribui na preservação e valorização do patrimônio e memória local na construção de valores sociais e educativos.

O objetivo geral deste estudo é: Analisar o ensino de história nas escolas estaduais de Senhor do Bonfim-Bahia-Brasil e como se contempla a preservação e valorização pelos alunos e professores do Patrimônio e Memória local.

Para consolidar essa análise, tendo como objetivos específicos:

1. Identificar a percepção dos alunos quanto a preservação e valorização dos patrimônios e memória.
2. Averiguar como a comunidade escolar e local incorpora o processo de construção de identidade histórica cultural.
3. Verificar se a proposta curricular proporciona a interação de história como ação reflexiva na construção de identidade.
4. Constatar como o ensino de história relaciona o conteúdo patrimônio e memória como forma de resgate da identidade cultural da cidade.
5. Conferir como é abordado as noções de patrimônio e memória como forma de resgate da identidade cultural da cidade.

Para o direcionamento dos objetivos, foi realizada uma pesquisa do tipo quantitativa com desenho não experimental, descritiva.com técnica do questionário onde se fará análise e interpretação das informações obtidas.

Abordar tais questionamentos leva-nos, inicialmente, a trabalhar com a elucidação de alguns conceitos que julgamos de fundamental importância para, só então, discutirmos como viabilizar uma proposta de ensino de História centrada no estudo de nosso patrimônio cultural.

Para melhor compreensão essa pesquisa foi dividida em quatro capítulos. O primeiro Capítulo discorre sobre a contextualização teórica sobre a importância do ensino de História na construção da identidade histórica e cultural no processo de ensino aprendizagem e como o currículo tem buscado relacionar através dos conteúdos abordados o respeito e a preservação do patrimônio histórico e cultural.

No segundo capítulo traz uma abordagem sobre a memória e o ensino de história a partir da construção de uma memória comum e procura resignificar o ensino de história na busca da preservação e valorização do patrimônio.

No terceiro capítulo apresentam os aspectos metodológicos: Problematização, objetivo geral e objetivo específico, delimitação e alcance da pesquisa. No capítulo quatro contem a conclusão, resultado, discussão e análise e por fim as recomendações.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA SOBRE A IMPORTÂNCIA DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE HISTÓRICA.

1.1 Conceito histórico do ensino de História

O surgimento de uma nova era caracterizado pela mudança na maneira de pensar e de agir, trouxe como consequência a criação de um novo tipo de educação, baseada nas potencialidades que o indivíduo já possui. Esse processo de mudança se iniciou com a invenção da escrita e se acelerou com a criação das tecnologias de comunicação como a imprensa, o telefone e internet.

Segundo Costa (2006, p.163) esse processo de mudanças constrói um novo mundo com uma nova realidade, “o que traz como consequência fundamental a necessidade de repensar as relações humanas e, desse modo, também a educação”.

Sendo assim, a educação precisa se reconstruir em uma proposta que leve o indivíduo a pensar sobre o seu papel em sociedade, tendo uma formação que possibilite essa transformação de forma integral e humana.

Para Souza (1996) a educação é o conjunto das ações e das influências exercidas voluntariamente por um ser humano sobre um outro, e orientadas para um fim que consiste na formação, no jovem, de toda a espécie de disposições que correspondem aos fins a que é destinado quando atinge a maturidade. A educação, segundo Freire (1983), deve ter como objetivo maior desvelar as relações opressivas vividas pelos homens, transformando-os para que eles transformem o mundo.

A educação em seu contexto precisa relacionar a História do mundo, em uma visão crítica e reflexiva abordando as diversas experiências histórica que ao longo do tempo vem mudando o mundo.

Segundo Guimarães (2015, p.14) “é por meio dos diversos processos, mecanismos, fontes e atos educativos que compreendemos a experiência humana, as tradições, os valores, as ideias e as representações produzidas por homens e mulheres em diversos tempos e espaços que se produzem a história.

Por tanto, ensinar História é resgatar o velho com uma perspectiva reflexiva do novo, tendo como visão a transformação da sociedade.

Para Souza (1996):

Neste mundo em transformação, os velhos conhecimentos e as velhas concepções tornaram-se obsoletas e surge a necessidade de substituí-los por novos conhecimentos e concepções, inclusive na área educacional e na disciplina História, onde um novo modelo de educação deve substituir aquela educação tradicional. Esta não tem preparado os homens para viverem no mundo atual, pois as tradições têm sido marcadas por concepções solipsistas dos valores.

Para entender a História de um povo, temos que pensar e rever sua História, principalmente resgatando as memórias e relendo os patrimônios, que dão subsídio para a acervo cultural.

Segundo Vygotsky (2000) essa discussão é fundamental para trazer não somente o conceito de cultura e mediação e memória, pois contribuem para a compreender o lugar do patrimônio no contexto sociocultural.

Como escreve o historiador Jacques Le Goff (1992, p. 429).

[...] a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do conhecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos, que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva.

Com a proposta de contribuir com as reflexões em torno do ensino de história e suas relações com o patrimônio e memória, faz-se necessário pensar nas relações e constituição de identidade sócia educativa.

Guimarães (2012, p. 70) salienta que:

Ensinar e aprender História demanda de nós professores de História, a reflexão sobre o papel formativo do ensino de História. Devemos pensar sobre a possibilidade educativa da História, ou seja, a História como saber disciplinar tem um papel fundamental na formação da consciência histórica do homem, como sujeito de uma sociedade marcada por diferenças e desigualdades múltiplas.

Então a educação deve se preocupar com o ensino dos fatos históricos e culturais que conferem identidade aos povos em geral. A cultura de um povo refere-se à sua vivência concreta, a forma de ver o mundo, às particularidades e semelhanças construídas pelos formadores desse povo ao longo do seu processo histórico e social. A cultura é um conjunto de questões sociais, históricas e políticas, construído por um grupo étnico específico em contato com outras raças, salienta Bittencourt (2008).

Desta forma percebe-se que é necessário pensar sobre a especificidade da história da cidade bem como no patrimônio deixado pelas gerações passadas, pois as noções de tempo histórico e de espaço são fundamentais para a compreensão da memória e patrimônio.

1.2 O ensino de história e sua importância

Considerando as exigências do mundo globalizado percebe-se que o ensino, especificamente o ensino de história, exerce um papel importante na formação e consequente desempenho do cidadão. A história deve ser a disciplina que pode explicar às crianças e adolescentes a importância da preservação da cultura que foi construída através dos tempos e que levaram o mundo a se transformar.

O que seria então, a disciplina História? De acordo com Le Goff (1997), é o estudo dos fatos que aconteceram no passado, como também os fatos do presente e do futuro que um dia farão parte da história do homem. Os fatos históricos são transmitidos de geração para geração através da escrita como também através da oralidade.

A palavra História surgiu na Grécia (historie) e significa “investigar, procurar, ver” (Le Goff, 1990). Este autor menciona que a História “iniciou como sendo simples relatos, porém com sua evolução, se tornou muito mais, é considerada uma prática social, e nela uma importante característica se destaca, a de que cada acontecimento é único. A História é uma

ciência que analisa e descreve como os fatos aconteceram” (Le Goff, 1990, citado por Merlo, 2015, p. 33).

Então a escola tem que ensinar História de forma social, política, econômica e cultural, para poder entendermos o mundo globalizado.

Segundo Hobsbawm (2012), atualmente, o indivíduo é obrigado a saber o que se passa no mundo globalizado e deve incorporar os macetes do mundo capitalista, do modo capitalista de pensar e agir. Os indivíduos são obrigados a saber do que se passa e do que pode se passar ao seu redor para terem a dimensão exata de hoje e do futuro, de seus desafios, de seus direitos e de suas responsabilidades.

Nesse contexto, a educação ocupa um lugar de destaque porque é através dela que o indivíduo adquire saberes, desenvolve suas ideias para atuar na sociedade em que vive.

No espaço escolar ele conhece e vivencia o espaço e o tempo necessários à concepção e à construção de sua cidadania, aprendendo e apreendendo "conteúdos e conhecimentos", como também vivenciando "valores e sentimentos". Na sociedade, ele poria em ação a sua consciência crítica, sua reflexão relacional, sua criatividade despertada, sua conduta libertária, ampliando seu espaço de entendimento e renovando seu tempo de ação (Peliano, 1998 citado por Cavalcanti et al., 2004, p. 5).

Assim surgem as seguintes indagações: Para que aprender História? Por que aprender História? Para adquirir conhecimentos que propiciem a vida em sociedade e para desempenhar as funções de cidadania, pois ao conhecer as culturas de diversos lugares, o aluno compara, explica, compreende e especializa as múltiplas relações estabelecidas por diferentes sociedades na construção de seu espaço histórico. Ao adquirir esses conhecimentos, ele adquire também uma maior consciência dos limites e responsabilidades da ação individual e coletiva com relação ao seu lugar e a contextos mais amplos, de escala nacional e mundial.

O ensino de História, ao longo do tempo, tem enfrentado desafios, porque sofre a influência e se submete a orientações políticas do grupo dominante. Segundo Silva (2016, p. 7):

Entre os anos de 1940 a 1960 o Ensino de História foi alvo de discussões acerca das orientações políticas para o ensino. Emerge também a ideia da adoção dos estudos sociais em substituição da História autônoma. Dessa forma, os estudos sociais atenderam com maestria o plano de governo dos militares que assumiram a presidência do país a partir do ano de 1964 e efetivado nas escolas de Primeiro e Segundo Grau com a lei nº 5.692, em 1971.

Assim estudar História é relevante para que o aluno compreenda como surgiram e porque são desenvolvidas diversas ações que fazem parte de seu cotidiano, da sua comunidade, de seu país e até do mundo.

Para Moreira (2011) ao estudar História, o aluno compreende como as culturas, economias, estruturas e políticas se desenvolveram, como aconteceram os fatos do passado. Conhecer o passado é entender como foram feitas as ações histórico-culturais da humanidade, ações estas que serviram de base para o planejamento do presente e do futuro do homem.

Nascimento e Afonso (2016, p. 30) afirmam: O ensino de História é muito importante para que se tome conhecimento da origem e formação de um determinado povo, “através dela é possível compreender como desenvolveram a cultura, estrutura do ambiente ou localidade, política, economia e demais diferenças sociais da população”.

Percebe-se então como é essencial estudar História, conforme relata Pereira (2013) citado por Nascimento e Afonso (2016, p. 31): “O conhecimento da história da civilização é importante porque nos fornece as bases para compreender o nosso futuro, permite-nos o conhecimento de como aqueles que viveram antes de nós equacionaram as grandes questões humanas”.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) em seu artigo 26º, § 4º, discorre sobre o ensino da História do Brasil: “As contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e europeia” (Nascimento; Afonso, 2016, p. 30).

Neste contexto, a disciplina História era ministrada somente no Ensino Médio e os professores eram alvos de vigilância contínua, devendo seguir fielmente as orientações dadas pelo governo, que impunha e ditava os temas e a forma como deviam ser abordados em sala de aula. Com o fim da ditadura militar, aconteceu então uma campanha para que a disciplina fosse ensinada de maneira livre e construtiva, independente das ideologias políticas, surgindo então os Parâmetros Curriculares Nacionais no ano de 1998. Estes, então, baseados no fracasso escolar relativo à disciplina História, sentiram a necessidade de criar um ensino de História autônomo e construtor da identidade nacional (Reis, 2003).

Desta forma, foi colocado em prática um ensino que abrangesse diferentes espaços e que desenvolve nos alunos a consciência histórica. Assim, torna-se mais importante o ensino de História e de patrimônio cultural, que “permite o trabalho em espaços escolares e não escolares, com a história regional, o saber local e com diversas temporalidades que permeiam os objetos e espaços de memória, levando o estudante a realizar uma releitura do mundo que o cerca despertando o interesse em resolver questões significativas para a vida pessoal e coletiva (Silva e Delgado, 2014 citado por Silva, 2016, p. 7).

Quando a disciplina História aborda a história local, as manifestações artísticas, culturais, religiosas e sociais locais, rompe com o ensino tradicional mecânico baseado nos relatos dos livros, e que não despertava o interesse e a motivação nos alunos, em aprender uma realidade que não era a deles. Assim o professor tem que mudar sua prática pedagógica, relacionando o passado com o presente.

Nascimento; Afonso (2016, p. 26)

A função pedagógica da disciplina de história, aplicada de maneira adequada, é formar e desenvolver características dos alunos, além de, incentivar o aluno a desenvolver reflexões, opiniões, senso crítico, senso coletivo e participativo, despertando interesses e curiosidades, querendo formar sua própria história, inicialmente em seu meio de convívio expandindo para espaços maiores.

O ensino é uma prática social complexa, carregada de conflitos de valor e que exige posturas éticas, políticas e de mudanças. O ensino de História não pode ser apático, com a mesma filosofia e metodologia dos tempos antigos, onde os alunos se limitavam a ler e escrever, onde eles ficavam estáticos recebendo informações obsoletas de forma mecânica,

sem conseguir relacionar os conteúdos teóricos com a sua realidade, sem separar as informações relevantes das que nada acrescentariam ao seu crescimento intelectual.

Nos tempos da clonagem, do genoma humano, das inovações tecnológicas, é preciso despertar nos nossos alunos o gosto pela escola, o prazer de estudar, a importância do conhecimento, do saber e fazer, das competências e habilidades para que possamos inseri-los neste contexto literário, histórico sociocultural que vivemos como cidadãos críticos, reflexivos, participativos e conscientes do seu papel na sociedade local e global (Abreu, 2003, p. 5).

Um ensino de história eficiente é aquele que desenvolve uma didática envolvente e motivadora, que auxilia o aluno naquilo que ele precisa para aprender, analisar, compreender, deduzir, sintetizar, aprender a aprender, fazendo com que ele dê margem ao seu saber, produza seus conhecimentos, busque suas informações, resgate suas atitudes e valores, buscando também o seu ser, como pessoa.

Ensinar História é importante para que o aluno construa sua identidade local e esta identidade local só será possível se forem construídas as identidades pessoais e sociais, pois estas estão relacionadas à memória, permitindo que cada geração crie vínculos com as gerações anteriores. Desta forma, conhecer o passado serve como orientação para enfrentar as incertezas do momento atual e dos momentos futuros. Ensinar a história local, da comunidade onde o aluno vive, é o ponto de partida para aprender a história do Estado, do país e do mundo, sendo uma referência para a construção da identidade do aluno, possibilitando a compreensão do entorno do aluno e do conhecimento do passado e do presente em seus diversos espaços de convivência (Abud, 2014).

Neste contexto, os alunos passam a observar e compreender os fatos acontecidos no passado de sua comunidade, fatos estes que contribuíram para a construção das identidades culturais locais e da diversidade cultural existente em sua cidade. Segundo Barros (2016, p. 15):

O ensino de História pode também possibilitar ao aluno reconhecer a existência da história crítica e da história interiorizada e a viver conscientemente as especificidades de cada uma delas. O estudo de sociedades de outros tempos e lugares pode possibilitar a constituição da própria identidade coletiva na qual o

cidadão comum está inserido, à medida que introduz o conhecimento sobre a dimensão do 'outro', de uma 'outra sociedade', 'outros valores e mitos', de diferentes momentos históricos.

E para tal, aluno precisa aprender a pensar historicamente porque se nele for desenvolvida uma consciência histórica, ele aprenderá a fazer conexões entre a história, sua vida cotidiana e a aprendizagem. Uma das propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) é de que o ensino de História deve contemplar inicialmente, os estudos históricos no presente, identificando as semelhanças e diferenças entre o aluno e seus familiares, estudando e conhecendo o passado de sua família (Barros, 2016).

Aprender História significa construir a noção de identidade, portanto, é essencial que sejam estabelecidas relações entre as identidades individuais, coletivas e sociais, porque somente assim será formada a cidadania no aluno, conduzindo-o a pensar sobre sua participação nos fatos históricos de sua comunidade e sobre suas raízes culturais e históricas.

2.1 O currículo no ensino de História

No ensino de História, são relatados fatos e acontecimentos que ocorreram nos tempos passados e o aluno, quase sempre não tem interesse em saber o que aconteceu no passado e em lugares distantes da sua realidade. Desta forma, os conteúdos dessa disciplina se tornam entediantes e não despertam o interesse nos alunos. Assim, deve ser elaborado um currículo que cativasse o aluno, levando-o a gostar e a querer aprender sobre os fatos históricos que aconteceram em sua comunidade, em seu Estado, em seu país e no mundo, de forma geral (Alves, 2007).

Para Abud (2014, p. 29) os currículos são responsáveis, em grande parte pela formação e pelo conceito de História de todos os cidadãos alfabetizados, estabelecendo, em cooperação com a mídia, à existência de um discurso histórico dominante, que formará a consciência e a memória coletiva da sociedade.

O currículo escolar deve ser relativamente adequado às diversidades culturais, uma vez que ele é a estratégia da ação educativa, englobando todos os procedimentos realizados dentro da escola durante a jornada estudantil, implicando tanto conteúdos estudados quanto atividades realizadas.

[...] Em certo sentido, currículo confunde-se ou reduz-se a programas, relação de temas, ementas de disciplinas, proposta ou grade curricular, manuais didáticos ou qualquer outro texto que contenha uma proposta prescritiva de conteúdos e metodologias a ser seguida (Ferraço, 2004, p. 95 apud Alves, 2007, p. 23).

O currículo escolar poderia se voltar, em parte, para as vivências, cultura e história do aluno, uma vez que a cultura escolar é mais do que conteúdos propostos em um documento curricular. O currículo não é composto apenas de conteúdos e metodologias e sim, é uma soma das suas aprendizagens dentro e fora da escola (Sacristán; Pérez, 1995).

Santané (2008, p. 29), repensar o currículo e a expressividade em uma sociedade das aprendizagens significa, acima de tudo, repensar alguns pressupostos que norteiam a sociedade da informação, do conhecimento e das aprendizagens. Nesse contexto, impõe-se romper com a concepção do currículo isolado, descontextualizado, fragmentado que não propicia a construção e a compreensão de textos que permitam a sua estruturação com base na realidade.

O currículo escolar é uma ferramenta tanto de inclusão como de exclusão, dependendo de como for elaborado. Ele é a organização de tudo que é planejado e intencionado pela instituição escolar. A partir do currículo pode-se conhecer como é a atuação de uma determinada escola em relação à diversidade cultural de uma nação. Um currículo escolar jamais deve enfatizar determinados conhecimentos em detrimento de outros. Em relação à pluralidade cultural, o currículo não deve considerar apenas uma cultura e desvalorizar todas as outras.

Em registros datados do século XVII, encontram-se alusões ao termo “*currículo*”, nas quais ele é sempre relacionado a um projeto de controle do ensino e da aprendizagem, ou seja, da atividade prática da escola. Desde então, a palavra currículo estava relacionada a ordem e método e caracterizava-se como um instrumento facilitador da administração escolar. A palavra currículo é derivada do latim *currere* e significa carreira (Doll, 2002).

Muitas definições são atribuídas ao currículo escolar, mas, sintetizando, ele engloba todos os procedimentos realizados dentro da escola durante a jornada estudantil, implicando

tanto conteúdos estudados quanto atividades realizadas. “O currículo escolar é praticamente tudo o que se passa na escola e, carrega por isso mesmo, um grau imenso de complexidade já que significa o percurso da escola.” (Padilha, 2004, p. 24).

Que é um currículo escolar? É o instrumento utilizado para o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem. A escola foi criada para atender o desenvolvimento intelectual, mas a cada dia que passa torna-se imperioso que ela atenda os aspectos culturais, emocionais, sociais e morais do indivíduo, através de currículos adequados à formação desse indivíduo. Em 1996 foram criados pelo Ministério de Educação, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) objetivando nortear a formação básica e tentando unificar os currículos escolares para uma educação mais eficiente. O currículo escolar é então um roteiro para a orientação do professor, afirma Carvalho (2004).

O currículo é, antes de tudo, uma fabricação social caracterizada por um processo social de concorrência entre diferentes interesses que objetivam produzir e fortalecer aqueles conhecimentos sociais e culturais que entendem serem os mais válidos, os mais importantes a serem oferecidos aos estudantes (Silva, 2009).

Se a escola negar a identidade do aluno, as suas raízes, seu patrimônio histórico e cultural e suas experiências, estará negando o sucesso da aprendizagem, estará colocando o aluno à margem do conhecimento, impelindo-o a abandonar a escola. Para que isso não aconteça o currículo escolar deve propor a valorização e o respeito ao passado histórico do aluno, trazendo-os para a sala de aula, possibilitando uma educação plural e heterogênea.

Uma aprendizagem é tanto mais significativa quanto mais relações com sentido o aluno for capaz de estabelecer entre o que já conhece, seus conhecimentos prévios e o novo conteúdo que lhe é apresentado como objeto de aprendizagem (Miras, 1998, citado por Cury, 2011, p. 16).

Um importante mecanismo de produção e fabricação de culturas, de comportamentos, de identidades, e de valores que interpelam os sujeitos a quem se dirigem, é o currículo, afirma Silva (2009). Entretanto, o currículo escolar brasileiro quase não tem contribuído para a formação humanizadora de seu povo. A separação dos conteúdos reflete

o pensamento da sociedade brasileira em afirmar sua força com o estabelecimento de verdades sobre outros grupos ditos inferiores.

Uma leitura crítica da organização escolar nos possibilita perceber o envolvimento histórico da escola e do currículo como instrumentos de materialização de ideologias que reforçam as desigualdades sociais. Tanto a escola quanto o currículo são elementos indispensáveis para a análise dos processos de formação dos sujeitos e dos fenômenos culturais (Marques, 2007, p. 4).

Sacristán (2000, p. 86) ressalta que o currículo “tem que ser entendido como a cultura real que surge de uma série de processos, mais que como um objeto delimitado e estático que se pode planejar e depois implantar”. Ele é na realidade, a cultura nas salas de aula e fica configurado em uma série de processos: as decisões prévias acerca do que se vai fazer no ensino, as tarefas acadêmicas reais que são desenvolvidas, a forma como a vida interna das salas de aula e os conteúdos de ensino se vinculam com o mundo exterior, as relações grupais, o uso e o aproveitamento de materiais, as práticas de avaliação, enfim, todas as atividades praticadas no contexto escolar.

Para Forquin (1996, p. 188) o currículo é tudo o que se ensina e que se aprende, “de acordo com uma ordem de progressão determinada, no quadro de um dado ciclo de estudos”. É ainda, um programa de estudos ou um programa de formação, mas considerado em sua globalidade, em sua coerência didática e em sua continuidade temporal, isto é, de acordo com a organização sequencial das situações e das atividades de aprendizagem às quais dá lugar.

O currículo nas escolas deve ser um espaço onde todos os povos, todas as raças, todas as crenças, possam se ver refletidos, pois ele pode contribuir para a promoção, equidade e diversidade das raças. Quando o currículo escolar não contempla todas as culturas, todo o patrimônio de uma sociedade, torna-se um mecanismo de exclusão ou marginalização das culturas.

Conforme Canen & Moreira (2001) o currículo escolar deve priorizar a construção de uma pedagogia voltada para a ancestralidade (raízes culturais) de um determinado povo,

em seus fundamentos e influências, recuperando a memória histórica na formação étnico-social deste povo e possibilitando a vivência de novos saberes.

Ele é um dos elementos mais importantes dentro da educação e no entanto, não lhe é dada a devida importância. Quando se fala em educação quase nunca se menciona o currículo escolar como elemento relevante. Só é dada alguma importância ao currículo escolar quando se discute a inserção ou a eliminação de uma disciplina em um currículo já existente. Sendo assim, tudo indica que ele não merece ser abordado de forma mais aprofundada, mais séria, afirmam Ceccon et al. (1993).

A sociedade vem se modificando continuamente, inclusive no setor da educação formal, mas o currículo escolar parece permanecer praticamente o mesmo do século passado. Hoje existe uma grande distância entre a realidade vivida pelos alunos e os conteúdos que constituem os currículos escolares. O saber é transmitido pela escola de uma forma estática e passiva, na qual o professor expõe o assunto, os alunos ouvem, decoram o que ouviram e não conseguem ver uso naquilo que lhes foi ensinado, ao discutir novos rumos para uma educação escolar mais qualitativa e inclusiva.

Em certo sentido, [...] currículo confunde-se ou reduz-se a programas, relação de temas, ementas de disciplinas, proposta ou grade curricular, manuais didáticos ou qualquer outro texto que contenha uma proposta prescritiva de conteúdos e metodologias a ser seguida. Essa visão, ainda presente entre os educadores brasileiros, apresenta a ideia de currículo como algo identificável (qual o currículo da escola?), um objeto em si que tem existência própria, objetiva, que pode ser implantado, que atua de maneira causal sobre as pessoas (Ferraço, 2004, p. 9).

Na educação brasileira, a cultura popular quase sempre esteve ausente dos currículos escolares, pois eles reafirmam a superioridade de uma cultura erudita, associada a uma determinada classe social. Em decorrência disso, os conhecimentos, valores e práticas dos alunos são, em geral, ignorados pela educação escolar. Este problema é mais contundente nas escolas situadas na zona rural, dado o distanciamento entre a cultura

urbana dos professores e a cultura rural dos alunos, onde acontece uma grande diversidade cultural, salienta Ferraço (2006).

Os educadores devem se voltar mais para o problema da preservação cultural e neste contexto é ressaltado que:

[...] o currículo da escola pública das classes populares tem sido um lugar da dissipação dessas identidades, operando um distanciamento das origens familiares culturais, borrando a identidade de classe, em nome do acesso a uma identidade padrão classe média, ilustrada e meritocracia. As consequências disso todos nós conhecemos: um processo violento de homogeneização e simplificação que tem praticamente nos imobilizado e impossibilitado de pensar alternativas para a dominação, a desigualdade e a exclusão (Costa, 1999, p. 64).

Acredita-se que mais importante do que construir conhecimentos, é considerar o contexto histórico ao qual o aluno está inserido. Este é um dos grandes problemas na Educação: não adaptar o ensino às necessidades do aluno, ignorar a voz do aluno, os seus questionamentos, as suas sugestões, as suas práticas e vivências. A escola precisa evoluir e caminhar num objetivo comum que é o de tornar os alunos cidadãos e indivíduos competentes.

Parece que os recursos visuais proporcionam estímulos motivacionais nos alunos e, se estes recursos forem compostos por locais históricos da comunidade em que o aluno está inserido, fotos, filmes, vídeos do meio social em que o aluno vive, a aprendizagem será bem melhor. De acordo com Caimi (2006), o estímulo é maior quando está relacionado às experiências, habilidades, preferências, imagens e sons que compõem o dia-dia do aluno, porque ele se interessará mais pelo que está acostumado a ver, ouvir e sentir, ou seja, tudo que envolve sua formação cultural dentro de seu meio social.

O conhecimento é construído a partir de situações-problema, a formação do pensamento acontece a partir das transformações individuais, o indivíduo constrói sobre os elementos da cultura e o homem se desenvolve através da construção, ao longo de sua vida, das formas de comportamento e instrumentos que a cultura lhe fornece, afirma Monteiro (2001). Para sobreviver e facilitar sua existência, o homem defronta-se sempre com a

necessidade de dispor do saber, inclusive de construí-lo por si mesmo. Assim acontecia nos tempos antigos, quando o homem elaborava seu saber a partir de suas observações pessoais e de suas experiências. Foi assim que ele descobriu o fogo, a roda, a luz elétrica.

O trabalho educacional deve trabalhar com os aspectos mais importantes da formação do educando, os saberes adquiridos ao longo da sua formação devem ser amplamente explorados, conhecidos e reinventados. “Quando uma criança chega na sala de aula, ela traz o seu corpo, a sua pele [...] traz junto a história da sua família [...]. Esses elementos devem ser valorizados e tornados motivos de conhecimento” (Martins, 2001, p. 44).

Sendo assim, o currículo escolar deve ser trabalhado de maneira que ofereça oportunidades de produção de critérios estéticos, éticos e políticos; deve também potencializar as sensibilidades, as inteligências e os desejos, contribuindo para uma formação ampla dos conhecimentos. Deve funcionar como um veículo catalisador e potencializador da produção de sujeitos dotados de uma certa alteridade, de uma certa diferença e, sobretudo, de uma consciência crítica em relação aos conteúdos ensinados (Martins, 2001).

Em virtude de que a aprendizagem não se limita à aquisição de conhecimentos predeterminados e impostos cronológica e funcionalmente à comunidade escolar, de forma apressada e superficial, o currículo de História deve ser abrangente e amplo, contemplando todas as facetas do educando.

O seu desenvolvimento no contexto escolar deve atender às reais necessidades da comunidade e constituir-se em uma organização coletiva da escola, junto com a comunidade. “Partindo dessa premissa, o currículo deve ser elaborado de maneira que articule os vários saberes, tendo por finalidade maior a aprendizagem e a promoção da cidadania” (Ilza e Menegolla, 2000, p. 92).

Em relação ao ensino de História, o currículo deve conduzir a reflexões e não apenas a transmitir conhecimentos, deve desenvolver o senso crítico dos alunos, deve partir da realidade local para a realidade global, conforme salienta Pereira (2013 apud Nascimento; Afonso, 2016, p. 33) citando os PCNs:

Os conteúdos [...] deverão partir da história do cotidiano da criança, em seu tempo e espaço específicos. Porém incluindo contextos históricos mais amplos,

partindo do tempo presente e denunciando a existência de tempos passados, e modos de vida e costumes diferentes dos que conhecemos, sempre os relacionando ao tempo presente e ao que a criança conhece, para que não fique apenas no abstrato.

Neste contexto, vê-se que no ensino de História o currículo é um fato relevante, principalmente se a memória não for seletiva, isto é, se a memória guardar tudo o que tiver acontecido no passado e se forem registrados todos os acontecimentos, independentes de sua grandiosidade ou não, porque os fatos mais singelos também fazem parte da História e merecem ser lembrados e passados de geração para geração.

Ao conectar-se ao presente, a memória será invariavelmente seletiva. Alguns aspectos serão escolhidos para serem lembrados, assim como outros são eleitos para serem esquecidos. Dessa forma, o esquecimento não se opõe à memória nem opera contra a memória, mas é parte constitutiva dela (Possamai, 2010 citado por Prévidi, 2011, p. 36).

Sobre a relevância do ensino de História para a vida do aluno, Zamboni (1993, p.7) é enfático em afirmar que:

[...] o objetivo fundamental da História no ensino fundamental, é situar o aluno no momento histórico em que vive [...]. O processo de construção da história de vida do aluno, de suas relações sociais, situado em contextos mais amplos, contribui para situá-lo historicamente em sua formação social, a fim de que seu crescimento social e afetivo desenvolva lhe o sentido de pertencer.

Facilitar o acesso aos acontecimentos do passado é possibilitar a todos os alunos conhecerem a cultura de seus antepassados, é promover a educação através de ações informativas, para que todos participem do processo cultura de sua comunidade, de seu

Estado e de seu país. É incluir todas as camadas da população no processo de conhecimento dos bens culturais da sociedade em que vivem.

1.3 Patrimônio histórico e cultural: conhecimento e identidade histórica

Pensar o passado em busca de um futuro sempre remeteu ao estudo do Patrimônio, que procurar situar a História de um povo ao longo do tempo. Nesta perspectiva o conceito de patrimônio resulta da seleção dos certos elementos, algumas lembranças como algo que recorda, lembra, marca; enquanto outros são passíveis de esquecimento e destruição, mesmo aquelas intangíveis.

Viana (2009, p.61) salienta que quando se fala na palavra “patrimônio” vem logo à mente prédios antigos, museus, manifestações culturais, objetos preservados, etc., ou seja, tudo que tem um valor cultural para determinados povos. “Nos transporta à propriedade privada, algo material herdado e pertencente a alguém. Esta construção de patrimônio pode nos remeter a necessidade de algo a ser preservado e protegido pelos sujeitos sociais”.

Patrimônio é definido também por Canclini (1994 citado por Peixoto, 2010, p. 61), como sendo os bens culturais visíveis e invisíveis, associado ao conceito de cultura, “onde se inclui hábitos, costumes, tradições, crenças e um acervo de realizações materiais e imateriais”. Este acervo de culturas materiais e imateriais deve fazer parte da formação do aluno, através do ensino de História, para que ele seja formado na vida e para a vida, para exercer a sua cidadania de forma concreta e ampla.

O termo patrimônio histórico e cultural, antigamente, se referia somente às edificações antigas e aos sítios arquitetônicos, não se estendendo à dimensão imaterial do patrimônio histórico e nem era considerado importante para ser abordado nas escolas. Desta forma, apenas os bens históricos valiosos faziam parte do patrimônio histórico, deixando de lado a pluralidade étnico-cultural que contribuiu para formar o país (Maltez et al., 2010).

“O senso comum relaciona a expressão patrimônio histórico, com frequência, apenas a prédios, monumentos e demais edificações de notável valor histórico-arquitetônico que, pelo seu caráter de excepcionalidade, devem ser preservados” (Oriá, 2001, p. 131).

Patrimônio histórico lembra sempre museus, centros de cultura, objetos preservados, prédios antigos e manifestações culturais. Viana (2009, p.16) esclarece que:

Nos transporta à propriedade privada, algo material herdado e pertencente a alguém. Esta construção de patrimônio pode nos remeter a necessidade de algo a ser preservado e protegido pelos sujeitos sociais. A noção de patrimônio cultural mais tradicional ligada a algumas correntes da museologia nos orienta a valor, algo que está por se perder e precisa ser retomado, uma produção cultural congelada sacralizada pelos monumentos e coleções preservadas nos museus tradicionais.

Os lugares e as construções antigas transportam ao passado, fazendo evocar as pessoas que os construíram e que já não estão mais aqui, denunciando a passagem do tempo, demonstrando a cultura dos antepassados e a forma como eles viviam e construíam sua identidade, legando aos seus descendentes a história de suas raízes. Os prédios antigos, os prédios em ruínas, os escritos antigos, os objetos expostos nos museus, dentre outros, são a materialização da memória de um determinado povo. Neste contexto, as sociedades atuais passaram a lutar pela preservação de sua história e de seu patrimônio físico/cultural porque eles contribuem para a construção de sua identidade.

Atualmente vem crescendo o interesse pela ampliação do conceito de patrimônio cultural, em como a participação da sociedade civil organizada, através das mais variadas entidades e associações de classe tais como: o Instituto de Arquitetos Brasileiros (IAB) a Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), a Associação Nacional de História (ANPUH) frente a seleção e preservação dos bens culturais e, mais ainda, exigindo uma nova postura da administração pública com relação ao assunto.

O “patrimônio cultural”, terminologia substantiva á de “patrimônio histórico e artístico” é constituído de unidades designadas “bens culturais”. Pôr sua vez, podemos definir “bem cultural” como sendo segundo Godoy.p.72

Toda produção humana, de ordem emocional, intelectual e material, independentemente de sua origem, época ou aspecto formal, bem como a natureza, que

propiciem o conhecimento e a consciência do homem sobre si mesmo e sobre o mundo que o rodeia

Via de regra, quando se fala em patrimônio, associa-se ao concreto, ao patrimônio material, formado de bens e obras que remetem à riqueza, os quais possuem algum valor afetivo ou são resultantes de heranças. Entretanto, patrimônio não se refere apenas a herança e sim, aos fatos realizados pelos antepassados, experiências e memórias, tanto individuais como coletivas. É a herança cultural dos grupos sociais, que fornece informações sobre a forma de viver e de agir das sociedades (Rocha, 2012).

Segundo Pelegrini (2007, p. 1), o patrimônio cultural possui a “capacidade de estimular a memória das pessoas historicamente vinculadas a ele, e por isso, é alvo de estratégias que visam a sua promoção e preservação”. Este termo “patrimônio cultural” está associado aos “conceitos de memória e identidade, uma vez que entendemos o patrimônio cultural como lócus privilegiado onde as memórias e as identidades adquirem materialidade” (Pelegrini, 2007, p. 1).

Patrimônio cultural evoca lembrança e memória, salienta Rocha (2012, p. 5), “uma vez que os bens culturais são preservados em função da relação que mantêm com as identidades culturais”. Uma vez que patrimônio remete ao passado, é vivenciado no momento presente e é transmitido às gerações futuras, então ele é “historicamente construído e conjuga o sentimento de pertencimento dos indivíduos a um ou mais grupos, sentimento esse, que acaba por assegurar uma identidade cultural”, enfatiza Rocha (2012, p. 5).

O patrimônio histórico só é possível existir se houver a memória porque esta permite conhecer os costumes de determinada sociedade. “A lembrança proporcionada pela memória permite aos sujeitos reencontrarem as imagens de seu passado, prolongando o passado no presente. Quando esta memória se enfraquece, quando desaparece o grupo que lhe deu suporte, entra em cena a história, sendo então necessário institucionalizá-la”, ressalta Peixoto (2010, p. 60).

Portanto, o patrimônio Cultural é importante porque resgata a identidade e os valores de uma sociedade. Sempre se ouve falar que um povo sem história é um povo sem memória e está fadado ao esquecimento. Cuidar e preservar as suas raízes deve fazer parte do comportamento de cada um dos cidadãos, pois as futuras conquistas são resultantes dos atos e descobertas praticados no passado do ser humano. Os fatos passados fazem parte do

patrimônio histórico cultural de um povo e como tal devem ser ensinados de pai para filhos, de geração para geração.

Para falar mais a respeito de Patrimônio Cultural é preciso significar esse termo. Patrimônio cultural [...] vai além de uma edificação, ele também está ligado ao sentimento de pertencimento, às memórias individuais e coletivas dos sujeitos que usufruem do espaço no qual ele está inserido. É preciso investigar o patrimônio cultural edificado para além do interesse econômico, mas como agente ativo da memória local (Santos, 2014, p. 18).

Rüsen (2001, p.63) ressalta:

a importância da preservação do patrimônio cultural afirmando que “O passado é, então, como uma floresta para dentro da qual os homens, pela narrativa histórica, lançam seu clamor, a fim de compreenderem, mediante o que dela ecoa, o que lhes é presente sob a forma de experiência do tempo (mais precisamente: o que mexe com eles) e poderem esperar e projetar um futuro com sentido”.

O IPHAN, instituição federal responsável pela proteção do patrimônio arqueológico do Brasil, ao preservar a memória e, assim, participar da construção da ideia nacional brasileira, está realizando uma tarefa acadêmica e educativa que não deve ser vista como responsabilidade restrita de um pequeno grupo de técnicos.

A alfabetização cultural é relevante no sentido de fazer com que o aluno passe a observar com outros olhos o patrimônio e as memórias históricas, refletindo sobre seu contexto social e cultural, valorizando o contexto cultural coletivo. “Explorar o patrimônio na escola significa incluir e valorizar as memórias dos contextos socioculturais, que ao lado das

Memórias dos monumentos, podem se constituir num proveitoso diálogo para o processo de ensino-aprendizagem” (Viana, 2009, p. 39).

1.3.1 Uma construção de identidade histórica nas escolas públicas

A identidade do homem é uma construção que se faz com atributos culturais e se caracteriza pelo conjunto de elementos culturais adquiridos pelo indivíduo através da herança cultural. Essa identidade confere diferenças aos grupos humanos e se evidencia em termos da consciência da diferença e do contraste do outro. A construção da identidade é a educação. A educação é o objetivo maior da escola que deve problematizar a realidade. A escola não é o único lugar de integração social, mas, é um espaço privilegiado onde se tem acesso ao conhecimento científico e histórico do saber sistematizado e elaborado (Merlo, 2015).

O ser humano sente-se motivado a partir do momento em que certa atividade corresponde às suas expectativas e para que isso aconteça, torna-se necessário que a atividade seja prazerosa e atraente. No campo educacional, a aprendizagem está ligada ao desenvolvimento físico, social e emocional, e prepara o cidadão de acordo com as exigências da modernidade que requer, não observadores passivos, mas, espectadores críticos, participantes e exigentes.

O homem que não conhece as suas raízes tem sua aprendizagem limitada. O aluno, durante o processo de aquisição de conhecimentos, durante a construção de sua identidade, liberta sua tensão, ajusta-se, observa o mundo que o cerca, desenvolve percepções e imaginação, organiza seus pensamentos e forma hábitos.

Falar da construção da identidade, remete a falar em identidade. O que é então identidade? É algo que se forma em contato do eu com o outro, é um construto social não fixo, estável, pronto, porque, segundo Soares (2008, p. 31):

depende do ser/agir que se constitui na dinâmica relacional do individual com o coletivo. Nesse sentido, estando o sujeito inserido na sociedade, sob influências do seu contexto, termina sendo influenciado no seu processo de formação, no modo de pensar, ser e agir, modificando e renovando suas concepções, porém, não está apenas em função do próprio “eu”, centrado no campo da subjetividade, mas também envolvido com o outro, convivendo com experiências, saberes e concepções que influem no seu comportamento e formas de relacionamento com a sociedade.

A construção da identidade histórico-cultural de um povo é fundamentada nos atributos culturais e históricos inerentes a este povo, cultivados no tempo e no espaço, ou seja, situados historicamente. Uma vez que o ser humano está em constante processo de construção, a sua identidade histórica é socialmente construída e reconstruída ao longo de sua existência. Conforme Carvalho (2004 citado por Soares, 2008, p. 34) isto significa que “é no convívio social e na multiplicidade das experiências vividas que o homem constitui uma individualidade distinta da dos outros, mas que está em constante processo de formação e transformação de seu modo de ser no mundo”.

Deste modo, parece-nos de fundamental importância uma reflexão sobre o fato das aulas de história parecerem desconsiderar as raízes culturais do aluno, o patrimônio histórico de sua comunidade e as formas de preservar o seu patrimônio artístico e cultural. Tal metodologia dificulta o aprendizado na área de História, não propiciando ao educando a participação na construção do seu desenvolvimento, o fazer criativo fruto da sua expressão subjetiva, além do pensar sobre a realidade histórica do ambiente em que vive.

A construção de cultura e construção de monumentos históricos têm fundamento nas grandes civilizações antigas como o antigo Egito, a Mesopotâmia, Pérsia, Índia, China, Grécia e Roma. Cada um destes centros de civilização, desenvolveu um estilo único e característico de fazer arte e sua influência foi transmitida a outras culturas.

É um pouco complicado trabalhar a questão da construção da identidade histórica nas escolas, porque requer uma nova configuração na forma de ensinar por parte dos professores, pois eles devem direcionar o ensino de História para as múltiplas culturas existentes na comunidade em que a escola está inserida. Conforme Moreira e Candau (2003) citados por Viana (2009, p. 20), “é necessário uma orientação ‘multicultural’ na escola e no currículo que se assente na diferença e na igualdade, que seria uma versão que os autores chamam de emancipatória do currículo, com base na diferença e no direito à diferença”.

Construir uma identidade histórica na escola significa realizar um trabalho de alfabetização cultural, a qual “possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido” (Horta, Grunberg e Monteiro, 1999 apud Oriá, 2001, p. 1.).

[...] identidade cultural está diretamente ligada ao que somos e como vemos o mundo. Ela começa a ser moldada quando nascemos e é construída até o momento em que morremos. Os valores e as normas que estão ligados a uma cultura dentro de uma sociedade ou comunidade comum podem variar e até mesmo serem contraditórios: alguns grupos de indivíduos podem basear suas experiências de vida em sua religiosidade, enquanto outros se baseiam em uma visão puramente científica do mundo. As pessoas participam de várias identidades simultaneamente, em combinações às vezes conflitantes [...]. É válido também dizer que essa identidade muda com a forma como o sujeito é interpelado ou representado e que sua identificação nem sempre é automática; ela precisa ser conquistada e pode ser alienada politicamente (Silva; Silva Junior, 2016, p. 2).

Valorizar os acontecimentos histórico-culturais da comunidade onde os alunos estão inseridos possibilita o resgate da identidade histórica de cada um deles. Valorizar o acervo cultural da comunidade onde o aluno vive é uma prática produtiva para que se estabeleça e se concretize a sua identidade histórica.

Quando não se respeita a cultura e os valores históricos de um determinado povo, está se privando este grupo social de obter a sua identidade histórico-cultural. A não abordagem dos fatos históricos da comunidade do aluno provoca “um efeito político deletério para a sociedade, isto é, a escola, ao não possibilitar aos seus educandos a apropriação do saber sistematizado, acaba sendo neutralizada em sua contribuição para o processo de democratização da sociedade”, ressalta Marques (2016, p. 70).

Formar uma identidade histórica, segundo Mendonça e Fonseca (s.d.), “passa pela constituição da consciência histórica, uma vez que a narrativa histórica é um meio de constituição da identidade humana, na qual o jovem anseia por localizar-se nesta relação temporal contínua afim de não se perder em suas próprias transformações e nas do mundo”

[...] a consciência histórica constituiu-se mediante a operação, genérica e elementar da vida prática, do narrar, com a qual os homens orientam seu agir e sofrer no tempo. Mediante a narrativa histórica são formuladas representações da continuidade da evolução temporal dos homens e de seu mundo, instituidoras de identidade, por meio da memória, e inseridas, como determinação de sentido,

no quadro de orientação da vida prática humana (Mendonça e Fonseca, s.d., p. 6).

1.3.2 A arte de ensinar do professor de história

Sabe-se que a história no mundo está em constante mudança, surgindo alterações através na tecnologia, na cultura, na política, na economia e nos hábitos dos seres vivos, exigindo que a educação também realize mudanças para acompanhar as demandas atuais.

Neste contexto, o estudo da história deve ir muito além da realidade local, ele atinge regiões longínquas, países e todos os continentes, uma vez que as culturas se transmite de um país para outro, por meio das migrações e das informações políticas e do turismo.

O ser humano, ao tomar conhecimento de sua história, passa a compreender como os fatos aconteceram e como acontecem diariamente no local em que vive, percebendo que sua cidade faz parte do mundo, é global.

Bittencourt (2009, p. 282) afirma que a aproximação histórica ao meio define o processo de observação que conduz a um modo de observação do real. Pressupõe assumir uma postura dialética que lhe permita captar e representar com seus alunos o movimento sócio histórico e temporal da sociedade, as contradições, as especificidades, as particularidades sem perder de vista a totalidade. A formação de consciência histórica pressupõe a compreensão do eu no mundo, do Universo, enquanto dinâmica, movimento, transformação, histórica!

Portanto educação não é aprendida somente na escola, pois existem diferentes modos de educação nas sociedades em todo o mundo. Os homens vivenciam situações durante o decorrer de sua existência e através destas situações eles criam a sua educação. Para Brandão (1981 apud Parreira; José Filho, 2010, p. 14), “[...] não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece [...]; o ensino escolar não é a sua única prática”.

A escola deve ajudar o aluno a adquirir uma visão mais compreensiva e crítica da realidade assim como sua inserção e participação nessa realidade. Deve se preocupar com a formação cultural e histórica do aluno, preparando-o para atuar na sociedade em que vive. Na aprendizagem as estratégias são fatores determinantes do sucesso ou do insucesso. As estratégias utilizadas devem ser desenvolvidas a partir de um tema e dos objetivos que se

pretende alcançar com determinado conteúdo. Elas devem ligar o professor ao aluno e este, ao tema trabalhado. Os recursos de ensino utilizados devem servir para a exposição do professor e para o trabalho independente do aluno (Viana, 2009).

A importância do processo educativo consiste em se garantir uma aprendizagem que acompanhe o desenvolvimento natural do indivíduo não só em seus aspectos intelectuais, mas também sociais, emocionais, perceptivos, físicos e psicológicos. É importante porque desenvolve a cognição dos alunos, ampliando sua compreensão de mundo e seu entendimento dos conteúdos das diversas disciplinas que fazem parte do currículo escolar. Uma estratégia de ensino é a motivação, despertada através de bons recursos didáticos, que pode ter ótimos resultados quando se utilizam os recursos certos nos momentos certos. Dentre esses recursos, os visuais podem atingir maior êxito no aproveitamento dos mecanismos sensoriais, obtendo-se também maior retenção dos conhecimentos aprendidos, na memória (Fonseca, 2003).

Desta forma, o ensino e a aprendizagem deve sempre fazer parte da história do homem. O processo de ensino/aprendizagem está presente até no momento do ato de criar, quando o homem realiza atos que satisfazem suas necessidades práticas.

O homem cria ensina e aprende para que o mundo saiba o que pensa, para divulgar as suas crenças, para estimular e distrair a si mesmo e aos outros, para explorar novas formas de olhar e interpretar objetos e cenas (Ferreira, 2001).

No ensino-aprendizagem de História é preciso que haja concepções teórico-metodológicas capazes de permitir o reconhecimento do saber do outro, a capacidade de ler o mundo da vida e reconhecer a sua dinamicidade, superando o que está posto como verdade absoluta. É preciso trabalhar com a possibilidade de encontrar formas de compreender o mundo, produzindo um conhecimento que é legítimo, afirma Santos (2014).

O ambiente escolar por muitas vezes, é local de confronto para os sujeitos nele inseridos, pois, aquilo que se “aprende” vai de encontro ao que se “sabe” ou, não faz qualquer sentido para quem deveria estar ali para aprender. Essa relação entre o conhecimento que o aluno tem e o que ele busca no ambiente escolar é determinante para a relação ensino - aprendizagem, bem como para a permanência deste aluno na escola.

A educação na sociedade globalizada tem o compromisso de preparar o homem para viver e participar de uma cultura que não é apenas social. A educação deve possibilitar o desenvolvimento do homem integralmente para que ele possa não só atender aos requisitos do mercado, mas também atuar como cidadão do mundo globalizado (Siqueira; Pereira, 1998, p. 6).

A educação escolar é a forma mais natural de educação do povo e é necessária para que haja mais justiça social e todos possam usufruir o bem comum produzido pela sociedade. No século XXI não basta a escola transmitir informações, é preciso educar valorizando as diferenças e respeitando a história de cada aluno em particular. Embora o ensino seja parte integrante do processo educativo, o desafio que hoje se coloca, ultrapassa a esfera da simples aquisição de conhecimento para dar sentido a aplicabilidade ao que é aprendido.

Então, “Educar é a principal função da escola, mas as variações do modo de ensinar determinam diferenças nos resultados obtidos. [...] ensinar era sinônimo de transmitir informações, mas as ideias pedagógicas mudaram” (Bicudo, 1999, p. 154).

O ensino tradicional prega o não desenvolvimento do raciocínio e a ausência de aplicações práticas, seu processo educativo dá ênfase à memorização e a aula expositiva, dentre outros procedimentos. Este tipo de ensino está ultrapassado, deve-se estabelecer uma relação entre o aprender conhecimentos teóricos e as questões da vida real e de sua transformação. No âmbito dos PCNs, deve-se aprender na realidade e da realidade, isto é, trazer para os conteúdos a perspectiva dos temas (Menezes e Santos, 2002).

Para Vesentini (2004) o sistema escolar nunca foi tão importante como nos dias atuais. Isto não quer dizer que no passado o ensino não fosse importante, acontece que neste século ele ganhou uma importância de proporções gigantescas pois o desenvolvimento socioeconômico depende muito mais do poder cerebral do que dos recursos naturais ou mesmo financeiros. “[...] o avançar da terceira Revolução Industrial necessita de uma força de trabalho cada vez mais qualificada e, a flexibilidade, a reciclagem contínua, tornam-se mais importantes do que uma formação técnica” (Vesentini, 2004, p. 8).

O ato de refletir oportuniza repensar, construir e desconstruir conceitos, ideias e práticas já cristalizadas. Alguns educadores se fecham a essas mudanças porque desestabiliza,

deparam-se com coisas novas e o novo sempre assusta, mas eles devem ter em mente que as reflexões contribuem demais para uma educação significativa (Horta, 1999).

O professor de História deve superar o ensino tradicional que priorizava a “decoreba” de nomes e lugares, seja de personagens, seja de batalhas que mudaram a história de determinados povos. Esse profissional deve entender que o importante é ensinar a importância que o personagem histórico tem para a história atual da comunidade, pois somente assim, o ensino será proveitoso.

Segundo Monteiro (2001): O novo ensino de História precisa resgatar a vontade de aprender dos próprios alunos, que são os agentes de transformação do espaço onde vivem e interagem. Essas iniciativas estão se espalhando por todo país com o objetivo de, através da História, o aluno aprender a ler o mundo; compreender seu contexto; localizar-se no espaço cultural mais amplo, a partir da relação da linguagem com a realidade. É necessário acrescentar que existem muitas dificuldades enfrentadas por professores principalmente das escolas públicas quanto à diversificação do ensino de História em suas salas de aula.

No ensino da disciplina História, o professor deve priorizar desenvolver no aluno a consciência de que o território nacional é constituído por múltiplas e variadas culturas, que definem grupos sociais, povos e etnias distintos em suas percepções e de atitudes de respeito às diferenças socioculturais que marcam as sociedades.

As concepções do professor sobre a História é que fazem a diferença no ensino-aprendizagem dessa disciplina. Como ressalta Santos (2014), é a interlocução dos saberes que pode permitir o progresso da aprendizagem. Ao se considerar a realidade concreta do espaço vivido pelo aluno, ou seja, o cotidiano da vivência dele, a aprendizagem do aluno será positiva. Além disso, a clareza em expor as teorias e aplicar as metodologias é fundamental para que o educador possa contextualizar os seus saberes, transferindo-os para seus alunos.

O referido autor ressalta que o professor tem um papel muito importante no desenvolvimento do conteúdo estudado e, portanto, deve fazer ligações do conteúdo com o conhecimento cotidiano do aluno, problematizando o conteúdo a ser estudado. Sobre isso, Freitas (2008, p. 5) enfatiza que “considero que a relação com o conteúdo ministrado e a realidade do aluno é um elemento importante para que ele possa materializar os conteúdos até então abstratos para sua realidade”.

Acredita-se que a formação do educando não se limita apenas à aquisição de informações, mas, principalmente, à apropriação e transformação das informações recebidas, ou seja, da própria produção de conhecimentos, permitindo assim, uma melhor compreensão de si, do outro, do mundo atual e social e do momento histórico em que está inserido, permitindo ao aluno que se aproprie das informações, desenvolvendo habilidades e posturas que lhe possibilitem melhor qualidade de vida e inserção positiva na sociedade.

A responsabilidade do professor ultrapassa os muros da escola, está atrelada ao social com o mundo real que vive em constante movimento, em constante transformação. Educar pressupõe um processo contínuo de mudanças, e essa é uma tarefa de grande dimensão no mundo contemporâneo, pois requer reflexão acerca das práxis pedagógicas do professor. Para Freire (1998, p. 54) educar é “capacitar pessoas a lidarem crítica e criativamente com a sua realidade social, e não simplesmente adaptá-las a ela [...] um exercício de libertação [...] uma conscientização”. Cada pessoa é única e seletiva pois aprende aquilo que sente ser importante para a sua existência.

O professor deve criar e produzir uma mudança na sua prática pedagógica, tornando-a reflexiva e criativa. Criativa para transformar a realidade e lidar com o imprevisível e até criar novas situações. Ele deve procurar em sua prática pedagógica, como ressalta Biasoli (1999, p. 116): “Estabelecer uma ação recíproca com os alunos e com a realidade circundante, propor uma atividade criadora em oposição à atividade mecânica e repetitiva, vincular a teoria à prática tanto no saber e fazer artístico como no saber e fazer pedagógico”.

O educador deve refletir sobre a importância e a funcionalidade do conteúdo que pretende ensinar ao aluno. Quando isso acontece, ele amplia o leque de possibilidades e consegue um ensino de maior qualidade. As aplicações de novas técnicas de ensino mudam a prática cotidiana de sala de aula e motivam o aluno a aprender. Entretanto, o educador deve saber usar convenientemente os recursos pedagógicos porque um recurso simples, se não for bem colocado, pode inviabilizar uma ótima ideia.

De modo geral, muitos professores de História, provavelmente, por não realizarem uma reflexão sobre “método de ensino” e por se manterem restritos ao território da especialização, pensam estar fazendo o melhor no que se refere ao ensino de História. Esses professores, ao entenderem “melhoria do ensino” apenas no sentido da inserção/melhoria das metodologias específicas da área ou de recursos didáticos, relegam as condições de ensino, refletida na atuação dos sujeitos e na consideração do objeto de conhecimento da

prática educativa, que podem oportunizar a apropriação crítica e contextualizada dos conhecimentos, indispensáveis à formação emancipatória do aluno (Bittencourt, 2006).

O docente que leciona História deve saber que no contexto escolar atual, o aluno deve desenvolver habilidades que o preparem para o exercício da cidadania, para se inserir na sociedade e no mercado de trabalho. Entre essas habilidades, afirma Cool (2006), está o pensamento crítico, a conexão de ideias, uma visão globalizada, o estabelecimento de metas a serem alcançadas, dentre outras.

É fundamental que o professor, em parceria com a escola, desperte o interesse do aluno pela disciplina de história, e o que o mesmo desenvolva reflexões e o senso crítico sobre questões que envolvam os cotidianos com as pessoas, principalmente nas fases iniciais, pois são crianças em formação de caráter entre outras características pessoais. Como consequência a criança tornara um adulto cidadão, ciente de seus atos e que os mesmos farão parte das histórias futuras (Nascimento; Afonso, 2016, p. 34).

Na sociedade contemporânea não se admite um professor arcaico, descontextualizado, fragmentado e dissociado da realidade. A modernidade exige do professor de História uma mudança de postura, de novas práticas, um repensar da prática educativa e das teorias; exige que ele tenha uma visão global, complexa, holística, ensinando para a vida. No ensino da história o professor deve ter uma nova visão de educação escolar, na qual a experiência vivida e a cultura sistematizada se interajam, em que os alunos possam estabelecer relações entre os conhecimentos construídos e sua vida cotidiana.

Ao ensinar História, o professor deve passar para o aluno o respeito às diferenças culturais e aos fatos construídos pelos seus antepassados, pois a forma de ensinar essa disciplina mudou muito nos últimos anos, fazendo com que o aluno seja um sujeito ativo e participante na construção de seu conhecimento. “Deve-se estabelecer relações, construir noções de diferenças e semelhanças, de continuidade e permanência. Comparar acontecimentos no tempo, tendo como referência os conceitos de simultaneidade e tempo/espço” (Hoffing, 2003 citado por Nascimento; Afonso, 2016, p. 35).

Agendar passeios em museus, ou mesmo ir visitar uma residência do tempo colonial, pode se tornar algo extremamente educativo, não só em relação à aprendizagem de História, como também em relação à preservação do patrimônio histórico. Então, que se busque a criatividade adormecida. Deve-se sempre lembrar que há uma série de jovens sedentos de saber e com muitas habilidades para serem exploradas e desenvolvidas. Quem sabe se um deles não se apaixonou pela História?

O professor de História tem uma árdua missão: tornar o ensino dessa disciplina prazeroso, despertando no aluno o gosto pela sua aprendizagem. Para que isso aconteça deve oferecer desafios e questões interessantes para os alunos, explorando da melhor maneira possível os recursos de que dispõe.

Quando o educador segue uma prática pedagógica atraente e instigante, ele consegue aproximar-se do educando e com laços afetivos e segurança no que faz, levá-lo à aprendizagem autônoma e crítica, com ênfase na livre expressão do pensamento, na reflexão de suas ações e na visão ampla da realidade, em busca da transformação positiva de si mesmo e da sociedade (Antunes, 2003, p. 81).

O professor que ama ensinar tem a coragem de ousar em sala de aula, ou seja, tem a coragem de inovar, de criar novas metodologias no ensino de História. Esta maneira de agir é enfatizada por Freire (1983, p. 96) quando ele diz que a "educação é um ato de amor, por isso é um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa." Isso significa que a sala de aula é um local que permite a construção de novas ideias. O ensino de História na escola deve sofrer modificações no sentido de torná-lo satisfatório.

Algumas vezes, os professores alegam que não teriam tempo de articular os conteúdos à realidade concreta porque não teriam tempo de cumprir o programa. Porém se esquecem que podem priorizar os conteúdos. Não é possível ao aluno aprender História sem que tenha possibilidade de observar o patrimônio histórico, atendo-se apenas às lições da sala de aula.

O professor de história ajuda o aluno a adquirir as ferramentas de trabalho necessárias para aprender a pensar historicamente, o saber-fazer, o saber-fazer-bem, lançando os germes do histórico. Ele é responsável por ensinar ao aluno como captar e valorizar a diversidade das fontes e dos pontos de vistas históricos, levando-o a construir, por adução, o percurso da narrativa histórica (Schimidt et al., 2004 apud Nascimento; Afonso, 2016, p. 35).

As transformações são importantes para que o professor crie e utilize novas metodologias para melhorar qualitativamente a aquisição da aprendizagem. A nova tendência do ensino considera que os educadores de História devem buscar novos métodos que levem à prática da sala de aula, ideias de construção do conhecimento com significado.

Sob o ponto de vista da pedagogia inovadora, o professor é o facilitador da aprendizagem, sendo uma de suas missões, assegurar aos alunos o domínio mais seguro e duradouro possível dos conhecimentos científicos. Além disso, o educador deve criar condições e meios para que os alunos desenvolvam capacidades e habilidades intelectuais a fim de que dominem os métodos de estudo e de trabalho intelectual, tornando-se autônomos na sua aprendizagem.

Atualmente, o ensino nas escolas está sofrendo modificações e em ritmo bem acelerado devido às novas tecnologias, e também o ensino de História não poderia ser diferente, passa por questionamentos, por reestruturações, por mudanças radicais e uma maior valorização. Por outro lado, como afirma Vesentini (2004, p. 220) “vem sendo questionado pelas autoridades, pelos educadores e pelo público em geral, que algumas vezes pensam que esse saber é obsoleto para dar conta dos desafios do mundo atual”.

Parece que existem algumas resistências, por parte do professor, em ensinar História através de recursos didáticos que estimulem o interesse dos alunos, e este fato pode estar no pouco conhecimento que ele possui frente às pesquisas ligadas aos estudos dessa disciplina, como também a falta de tempo para preparar atividades atraentes voltadas para o desenvolvimento das competências do aluno.

É necessário tornar o ensino de História mais interessante porque na sua aprendizagem, as estratégias são fatores determinantes do sucesso ou do insucesso. As estratégias utilizadas devem ser desenvolvidas a partir de um tema e dos objetivos que se

pretende alcançar com determinado conteúdo. Elas devem ligar o professor ao aluno e este, ao tema trabalhado. Os recursos de ensino utilizados devem servir para a exposição do professor e para o trabalho independente do aluno.

Uma ótima estratégia de ensino da disciplina História é a motivação, despertada através de bons recursos didáticos, que pode ter ótimos resultados quando se utilizam os recursos certos nos momentos certos. Dentre esses recursos, os visuais podem atingir maior êxito no aproveitamento dos mecanismos sensoriais, obtendo-se também maior retenção dos conhecimentos aprendidos, na memória (Zamboni, 1993).

Acredita-se que os recursos audiovisuais proporcionam estímulos motivacionais nos alunos e, se estes recursos forem compostos por fotos, filmes, vídeos do meio histórico em que o aluno vive, a aprendizagem será bem melhor. O estímulo é maior quando está relacionado às experiências, habilidades, preferências, imagens e sons que compõem o dia-dia do aluno, porque ele se interessará mais pelo que está acostumado a ver, ouvir e sentir, ou seja, tudo que envolve sua formação cultural dentro de seu meio social.

Cabe ao professor desenvolver nos alunos uma atitude investigativa, situação em que o uso de uma pesquisa venha a constituir, ao mesmo tempo, instrumento de ensino e conteúdo da aprendizagem. Trabalhar de forma investigativa significa mudar de atitude diante do conhecimento. Para Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007, p. 96) significa:

Ultrapassar a visão da prática pedagógica como simples transmissão de um conhecimento pronto e acabado que os alunos não possuem e implica outra concepção de educação, de acordo com a qual o conhecimento é visto à luz de seu processo de produção e apropriação, como produto social de contextos históricos determinados – revelando-se, portanto, algo provisório, em permanente processo de construção e reconstrução.

O professor, seja lá de que disciplina for, deve inicialmente dominar os conteúdos. Com relação ao professor de História, além de dominar conteúdos ele deve saber utilizá-los como instrumentos para compreender a realidade do mundo histórico em que o aluno vive. Acontece que alguns professores ensinam de forma fragmentada, simplificada, e, na maioria das vezes desconexa, privilegiando apenas os tópicos que mais lhe agradam. Ao agirem

assim, transformam o ensino “numa transmissão de dados meramente factuais, sem estabelecer relações entre eles e sem preocupação com as bases científicas do conhecimento” afirma Cavalcanti (2006, p. 12).

O professor deve trazer a história local para a sala de aula como subsídio para ensinar História, oferecendo aos alunos uma metodologia significativa para o desenvolvimento de sua aprendizagem. Relatos da cultura local é um material de alta produtividade, oportunizando a apreciação crítica do aluno, sendo um recurso didático farto e produtivo, ressalta Schmidt (2004).

O professor deve usar a sua imaginação, pois a imaginação no espaço educacional é um fator positivo, é a capacidade para pensar, para encontrar soluções inteligentes para algum problema, é auxiliar precioso para a construção do conhecimento. O desenvolvimento da imaginação na sala de aula é fundamental para criar novas situações, elaborar novas formas de trabalho, aprender os conhecimentos que são ensinados na escola. As atividades decorrentes da imaginação são essenciais no desenvolvimento do conhecimento.

Para Maltez (2010), a imaginação é mola propulsora do desenvolvimento da cultura e do conhecimento humano em todas as esferas. Por esse motivo, o professor deve desenvolver atividades curriculares que favoreçam a imaginação do aluno, como as brincadeiras, cantigas, poesias, histórias. A imaginação e não a mera informação, pode levar ao conhecimento, pois ela pode abrir múltiplas possibilidades de caminhos por onde o aluno pode viver experiências que lhe são recusadas no seu cotidiano.

As visitas aos locais históricos são poderosas aliadas do professor no momento de trabalhar os recursos da disciplina História. De acordo com Rojo (2000) o ensino tradicional, onde o aluno decora, mas não entende, não é o meio mais adequado do ensino dessa disciplina. À medida que o professor alia a criatividade à disciplina que ensina, para auxiliar a assimilação dos conteúdos, está transmitindo algum saber, conhecimento, informação, sugestões, informações e propostas que objetivam tornar a aprendizagem mais agradável.

O professor sabendo da utilidade da reflexão sobre os relatos históricos locais em sala de aula como elemento auxiliar, deve aplicá-los em sua disciplina, em benefício seu e de seus alunos, no propósito de criar novas possibilidades de atividades em suas aulas.

Quando um professor trabalha em suas aulas conteúdos de forma isolada, de acordo com muitos livros didáticos tradicionais, está tornando a História uma disciplina simplória e

inútil, sem nenhuma aplicação prática fora da sala de aula. Nessa perspectiva, gera o desinteresse, distanciando o aluno do conhecimento em si, enquanto sujeitos sociais e construtores da história, não contribuindo para formar verdadeiros cidadãos (Brito, 2006).

No ensino fundamental, especificamente, os conteúdos devem ser selecionados de forma que contemplem temáticas de relevância social, essenciais para a formação dos alunos como cidadãos. Estes conteúdos devem permitir o “pleno desenvolvimento do papel de cada um na construção de uma identidade com o lugar onde vive e, em sentido mais abrangente, com a nação brasileira, valorizando os aspectos socioambientais que caracterizam seu patrimônio cultural e ambiental” (Nascimento e Mesquita, 2009, p.102).

Os PCN’S também dizem que não é mais suficiente somente explicar o mundo e sim transformá-lo, compreender os motivos que geram desigualdade e contradições e assim poder interferir de forma coerente na distribuição de renda e de trabalho proporcionada pelo espaço.

Segundo Kaercher (2003):

Não há garantia de sucesso e nem de fracasso, crer na capacidade intelectual e no compromisso ético em promover uma educação que ajude a construção de uma sociedade mais igualitária e uma cidadania mais ativa e solidária com os excluídos é um compromisso político, uma luta diária, um desafio permanente (p. 18).

Apesar de não termos garantias que o novo ensino será capaz de realizar boas propostas, é preciso acreditar e buscar fazer a nossa parte como diz Kaercher (2003), com o intuito de podermos estar inseridos num processo de mudança que favoreça a sociedade como um todo.

Atualmente, o Ministério de Educação tem se preocupado em qualificar academicamente os professores, visando uma melhoria no sistema de ensino e inovação nas práticas pedagógicas. Essas práticas pedagógicas são reflexos da sociedade e nela se refletem, espelhando a complexidade da dinâmica social e da interação humana. Conhecer tais práticas é fundamental para uma tomada de consciência, e para mudar a forma de atuação em sala de aula.

Em qualquer setor e empresa, quando se percebe que o progresso não está acontecendo, que os lucros estão despencando, que o trabalho não está dando os frutos esperados, muda-se de tática, inovando e inserindo novas estratégias que conduzam a bons resultados. Assim também deve ser na educação. Quando o educador perceber que sua prática pedagógica não está surtindo efeito, que não está levando à construção de conhecimentos, deve procurar modificá-la para torná-la satisfatória e alcançar o sucesso na aprendizagem.

A criatividade e as sensações são necessárias dentro de uma sala de aula para acabar com o marasmo que nela reside, e o professor deve possuir muita criatividade para dar significado ao espaço escolar, fazendo o conhecimento ser recriado a todo instante por meio de significações e experiências. Existem autores como Antunes (2003) que dão sugestões para que as aulas seja um sucesso. Ele afirma que devem ser usadas metodologias que tragam a alegria, sensações e sentimentos durante o processo de ensino-aprendizagem.

O ser humano sente-se motivado a partir do momento em que certa atividade corresponde às suas expectativas e para que isso aconteça, torna-se necessário que a atividade seja prazerosa e atraente. No campo educacional, a aprendizagem está ligada ao desenvolvimento físico, social e emocional, e prepara o cidadão de acordo com as exigências da modernidade que requer, não observadores passivos, mas, espectadores críticos, participantes e exigentes. As profissões da atualidade exigem cada vez mais um conhecimento amplo do mundo e uma sensibilidade aguçada.

2. MÉMORIA E ENSINO DE HISTÓRIA

Para que a História exista é necessário que exista a memória. Conforme Jardim (1995), a memória é um tema de estudo dentro da História, pois “se constitui de um conhecimento produzido de forma intencional; ela é a percepção do passado” (Jardim, 1995, p. 18). “A memória é voltada à representatividade de fatos passados aos quais são atribuídos significados pela sociedade” (Merlo, 2015, p. 33).

Para ensinar e aprender História, é necessário dar realce à memória, porque sem memória não haverá lembrança dos fatos do passado. De acordo com Barros (2016), a memória é a presença do passado. “A memória é uma construção psíquica e intelectual que

acarreta de fato uma representação seletiva do passado, que nunca é somente aquela do indivíduo, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social e nacional” (Moreira, 2011, p. 1)

[...] desde a mais alta Antiguidade, o homem demonstrou a necessidade de conservar sua própria “memória” inicialmente sob a forma oral, depois sob a forma de grafite e desenhos e, enfim, graças a um sistema codificado... A memória assim registrada e conservada constituiu e constitui ainda a base de toda atividade humana: a existência de um grupo social seria impossível sem o registro da memória, ou seja, sem os arquivos (Jardim, 1995 citado por Merlo, 2015, p. 34).

Nos últimos anos temos tomado conhecimento de iniciativas voltadas à criação de centros de memória, projetos de revitalização de sítios históricos, urbanos, instalação de documentos e pesquisa, memórias, museus, programas de história oral, elaboração de vídeos e documentários visando resgatar a memória cultural esquecidos no tempo. Comumente ouvimos falar no Brasil a máxima “país sem memória”, uma vez que facilmente os fatos e acontecimentos são esquecidos e acabam se perdendo ao longo do tempo.

“Por sua vez, a história procura construir uma memória total [...], ao passo que a memória é sempre plural e parcial. Enquanto a memória busca identidades, durações e origens, a história sempre se ocupa do novo, da ruptura e da descontinuidade, dessacralizando o passado” (Peixoto, 2010, p. 60).

Bittencourt (2009), citado por Barros (2016, p. 22) também relaciona a memória com a História, afirmando que: “a memória é, sem dúvida, aspecto relevante na configuração de uma história local tanto para historiadores quanto para o ensino”. Fernandes (2004) salienta que a memória é o elemento necessário para a criação da identidade cultural do educando (p. 17) e que os “elementos constitutivos da consciência histórica, quais sejam, a memória, a representação de continuidade e a identidade apontam para a necessidade de se ter na escola um patrimônio cultural local e escolar para ser preservado e utilizado” (p. 18). Considera-se que a memória é essencial para ensinar História e valorizar o Patrimônio Cultural e a Educação Patrimonial no cotidiano da sala de aula, caracterizando uma estratégia de sucesso para inserir os estudos do local e do regional.

Diante do exposto é possível dizer, ainda, que a memória utilizada no ensino de História, possibilita aos educandos terem capacidade de “interpretar os acontecimentos históricos de seu contexto sociocultural, político e ideológico, lhe permitirá também o acesso a cultura histórica local e a percepção de si mesmo enquanto agente da História e como produtor de conhecimento” (Rolim, 2013, p. 12).

Nos últimos anos temos tomado conhecimento de iniciativas voltadas à criação de centros de memória, projetos de revitalização de sítios históricos, urbanos, instalação de documentos e pesquisa, memórias, museus, programas de história oral, elaboração de vídeos e documentários visando resgatar a memória cultural esquecidos no tempo. Comumente ouvimos falar no Brasil a máxima “país sem memória”, uma vez que facilmente os fatos e acontecimentos são esquecidos e acabam se perdendo ao longo do tempo.

Da mesma forma o tema da memória e de sua materialização através dos bens consolidados no patrimônio histórico é muito recente e praticamente ausente no processo de ensino-aprendizagem. Somente a partir dos anos 70 e por década de 80 assistiu-se ao chamamento dos movimentos sociais populares a conclamarem pela mobilização de trabalhadores, mulheres, negros, índios, homossexuais a reivindicarem seus direitos de cidadania e participação política no processo de decisões nacionais. A partir desse fato houve um maior interesse pelo resgate de sua memória como instrumento de luta e afirmação de sua identidade cultural.

Nesse sentido as palavras do historiador Ulpiano Bezerra de Meneses (2010, p.9) são bem esclarecedoras:

O tema da memória está em voga, hoje mais do que nunca. Fala-se da memória da mulher, do oprimido, das greves do ABC, memória da constituinte e do partido, memória da cidade, do barro da empresa, da família. Talvez apenas a memória nacional, tantas vezes acuada (e tantas vezes acuada). Multiplicam-se as casas de memória, centros, arquivos, bibliotecas, museus, coleções, publicações especializadas (até mesmo periódicos). Os movimentos de preservação do patrimônio cultural e de outras memórias especificadas já contam com força política e tem reconhecimento público. Se o antiquariano, a moda “retró revivals” mergulham na sociedade de consumo, a memória também tem fornecido munição para confrontos e reivindicações de toda a espécie.

2.1 Construção da memória preservação e valorização do patrimônio

A memória é um fenômeno coletivo e social e devem ser vividos pessoalmente ou por um determinado grupo, pois a identidade cultural de um país, estado, cidade ou comunidade se constrói a medida que a sociedade resolve preservar e divulgar seus bens culturais e que se permeia o processo de construção de seu ethos cultural e de sua cidadania.

Com estudos sobre memória se expandem no momento em que como nunca, o passado está distante do presente, quando as pessoas não mais identificam sua herança, pela perda dos antigos padrões de relacionamento social e desintegração dos antigos laços entre as gerações.

Segundo Márcia D Alessio (2008.p.21):

a conseqüente profusão de estudos sobre a memória reduziu a história e, no limite. Modificou lhe a escrita. As emoções do lembrar e seu uso pelo historiador desmancham a rigidez da reflexão científica e a aridez de seu discurso. Embora a oposição permaneça, memória e história-conhecimento estão mais próximos, a primeira em colaboração com a segunda.

Portanto o patrimônio-histórico cultural é de fundamental importância pois tenta filtrar o substrato da memória como direito à cidadania indicando que todos devem ter acesso aos bens materiais e imateriais que representam seu passado sua tradição, enfim sua história.

Assim os lugares que guardamos na nossa memória estão ligados ao nosso pertencimento e lembranças, podem ser destacados os que se relacionam aos aspectos mais públicos da vida das pessoas, que são os lugares de comemorações. Sendo assim os espaços-tempo de vida de uma pessoa, um lugar destacado para a memória coletiva pode se tornar importante para o indivíduo por sua condição de pertencimento só desta maneira se sentirá parte integrante do grupo podendo construir memórias a fim de desenvolver atitudes de valorização e preservação dos patrimônios culturais.

Durante muito tempo privilegiou-se a memória nacional a partir de heróis nacionais pois a historiografia brasileira tradicional baseou-se na concepção positivista desprezando

outros sujeitos históricos, este fato afetou consideravelmente a política de preservação do patrimonial no nosso país. Nota-se que no decorrer da história, os bens culturais representativos dos segmentos dominantes, sobretudo os ligados aos elementos de origem europeia foram exaltados e deixamos ao esquecimento a contribuição de outros segmentos étnicos na formação da cultura brasileira. É possível observar esta influência nos nomes das ruas e principais avenidas, nos monumentos históricos dos “heróis nacionais “que se encontram as praças das cidades.

De uma forma sutil a memória histórica como qualquer experiência humana, mostra a dominação e a legitimação do poder dos grupos dominantes vencedores da história e tentam obrigar a sua visão e a perpetuação de uma memória da dominação. Aos vencidos, restam apenas o esquecimento e a exclusão da História.

Foi a partir da década de 80, em parte pela renovação da historiografia brasileira, que passou a resgatar a pesquisa a participação dos “excluídos da história oficial”, é que a ação preservacionista em nosso país passou a dar atenção a bens culturais de outros segmentos sociais e minorias étnico-culturais.

Eric Hobsbawm (2010, p136) no seu balanço sobre o último século afirmou:

A destruição do passado –ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal às das gerações passadas–é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo sem qualquer relação orgânica com o passado da época em que vivem. Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar que os outros esqueceram, tornam-se mais importantes do que nunca no fim do segundo milênio.

Através da memória pode-se ajudar na construção da identidade e da cidadania cultural, pois é a partir da memória dos habitantes de um determinado lugar que se faz com que elas percebam, na estrutura desse espaço, sua própria história de vida, suas experiências sociais e lutas do dia a dia. A memória é, pois, imprescindível na medida em que se estabelece sobre o vínculo entre a sucessão de gerações e o tempo histórico que as acompanha. Sem a preservação da memória a população não tem condições de compreender

a história de sua cidade, como seu espaço foi produzido pelos homens através do tempo. Portanto sem a memória não se pode situar na própria cidade, pois se perde o elo afetivo e de pertencimento que possibilita a relação habitante-cidade, impossibilitando ao morador de se reconhecer enquanto cidadão de direitos e deveres.

Preservar a memória é de fundamental importância porque as referências históricas estão pautadas na memória e a falta dela nos causa estranheza e nos dar a sensação do que somos. Sem ela não encontraremos mais os ícones, símbolos e lembranças que nos unem as nossas tradições e, assim nos sentiremos deslocados e confusos. Ver-se, em muitos centros urbanos de nosso país, vivemos o jogo dialético entre a memória e o esquecimento. E nesse jogo, muitas vezes, o esquecimento vem ganhando a partida.

A história da cidade está presente em cada lugar e qualquer cidadão comum que vaga pelas ruas de onde mora, sobretudo os mais velhos, terá uma grande sensação de perda: poucas referências históricas resistem a ação do tempo. Muitos foram destruídos em nome de uma concepção desenvolvimentista do progresso e lucro fácil e imediato, respaldados na especulação imobiliária, na lógica do capitalismo selvagem, como diz o poeta baiano Caetano Veloso. “dar força da grana que ergue e destrói coisas belas”, que sempre desprezam a defesa de nossa memória histórica.

Como bem assinala a historiadora Déa Fenelon (2010, p.142) vencia outra vez a perspectiva de consagrar como obras de arte e da cultura os símbolos do poder constituído. Desprovidos assim de memória coletiva, que lhe permitisse a consciência história(...)a maioria da população continuou sem se reconhecer nestes símbolos. Com isso, foi expropriada também de sua memória e da sua história.

Quando são destruídos os “lugares de memória da cidade” sopram apenas os argumentos do poder econômico dos setores dominantes que desistem construir seus arrojados prédios modernos símbolos de uma memória elitista e excludente memória do poder, a memória oficial, em detrimento da memória plural e possibilitada a da construção de uma identidade cultural para todos.

Cada vez mais tem sido comum nos mais diversos lugares desse nosso Brasil a destruição da memória e é uma realidade presente e triste. E por conseguinte o sentimento de perda e desalento que nos abate diante dessa situação, as palavras de Ecléia Bosi (2010,p.452) são bastantes elucidativas: podem arrasar as casas, mudar o curso das ruas; as pedras mudam de lugar desse enorme lugar, mas como destruir os vínculos com que os

homens se ligavam a elas?(...)À resistência muda das coisas, à teimosa das pedras, une-as a rebeldia da memória que as repõe em seu lugar antigo.

Eric Hobsbawm, no seu mais recente livro. A Era dos extremos: o breve século XX, em que realiza uma lúdica síntese histórica deste século, nos faz um alerta acerca da ameaça de destruição do passado e a perda de referências históricas por parte da população jovem, salientando a importância social do historiador neste tempo de grandes mudanças.

A destruição do passado ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal às das gerações passadas é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso os Historiadores, cujo ofício é lembrar o que os outros esquecem, tornam-se mais importantes do que nunca.

Em meio ao processo de globalização da economia e a mundialização do capital, apesar dos arautos do neoliberalismo e da pós-modernidade que apregoam o “fim da história”, torna-se cada vez mais importante a busca por parte dos países da afirmação de sua identidade nacional. Ao contrário do que se previa houve até um revigorecimento e uma valorização das culturas regionais e o despertar de identidades culturais latentes que, nessa nova “aldeia global” encontram o espaço para a defesa de seu direito à diferença e ao passado.

Sendo assim, nesse processo de construção de uma nova identidade Cultural, que a diferencia um povo de outro, é que a questão da preservação do patrimônio histórico ganha força e nitidez. Cabendo a escola e, mais especificamente, o ensino de história assumam o compromisso de serem instâncias de afirmação de uma identidade nacional plural, assentada no reconhecimento da memória como princípio fundante para uma construção de uma sociedade mais democrática que tentam e devem preservar seu patrimônio e memória.

3. METODOLOGIA

Problematização

Ao longo do tempo o homem tem construído sua história deixando marcas de seu passado, através do seu patrimônio cultural. Sendo uma forma de guardar sua história no decorrer das gerações. Percebendo que a história regional vem ganhando cada vez mais destaque no ensino de História, buscou-se estudar questões relativas ao patrimônio e memória e suas relações com a educação, pois somente através do seu reconhecimento é que o indivíduo passa a conhecer, valorizar incorporar a sua experiência cotidiana atribuindo assim seu valor histórico, cultural e etnográfico. Assim surgiu o questionamento: Como o ensino de história nas escolas estaduais de Senhor do Bonfim contempla a preservação e valorização pelos professores e alunos do patrimônio e memória local?

Hipótese

A pesquisa determinou-se verificar as seguintes hipóteses: O ensino de história contribui para preservação e valorização do patrimônio e memória local na construção de valores sócias e educativos. Ou, o ensino de história não contribui na preservação e valorização do patrimônio e memória local na construção de valores sociais e educativos.

Objetivo da Pesquisa

Objetivo geral

Analisar o ensino de história nas escolas de Sr.do Bonfim e como se contempla a preservação e valorização pelos alunos e professores do patrimônio e memória local.

Objetivos específicos

- Identificar a percepção dos alunos quanto a preservação e valorização patrimônios e memória.
- Averiguar como a comunidade escolar e local incorpora o processo de construção de identidade histórica cultural.
- Verificar se a proposta curricular proporciona a interação de história como ação reflexiva na construção de identidade.
- Constatar como o ensino de história relaciona o conteúdo patrimônio e memória como forma de resgate da identidade cultural da cidade.
- Conferir como é abordado as noções de patrimônio e memória como forma de resgate da identidade cultural da cidade.

Variáveis do estudo: operacionalização:

- *História*: Neste estudo se refere a história que investiga o passado da humanidade seu processo de evolução, tendo como referência um lugar, uma época, um povo e um indivíduo específico.
- *Patrimônio Histórico*: Neste trabalho o patrimônio se definiu como um conjunto de bens materiais ou imóveis com significação no processo de ensino aprendizagem,

como forma artística e cultural para sociedade em constante transformação, pensando no seu futuro.

- *Memória*: Refere-se nesta pesquisa ao armazenamento de informações e fatos obtidos através da experiência ouvidas e vividas ao longo do tempo que se passa de geração em geração.

3.1 Design, tipo e enfoque de pesquisa

O presente estudo está baseado no design (modelo) não experimental, porque não se manipulam variáveis e seu enfoque foi quantitativo. Não se faz experimento. Seguindo as indicações de Sampieri et al. (2010), o estudo não experimental tem vários tipos. Entre eles o estudo descritivo,

A pesquisa desse trabalho delinea-se por não experimental, descritiva que a partir de uma abordagem interpretativa define como um estudo de uma situação social e outra educativa.

A pesquisa em tela é do tipo descritiva, que Para Gil (2008, p. 47):

As pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis... São incluídas neste grupo as pesquisas que têm por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população.

Nesse tipo de pesquisa o pesquisador segundo Prodanavo e Freitas (2013, p. 52):

Apenas registra e descreve os fatos observados sem interferir neles. Visa a descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados: questionário e observação sistemática.

Assim essa pesquisa pretende analisar de forma descritiva a importância do ensino de história e como se contempla a preservação e valorização pelos alunos e professores do patrimônio e memória nas escolas do ensino médio de Sr.do Bonfim/Bahia.

A investigação busca descrever os conhecimentos dos professores de história, verificando se nas aulas de história contempla a temática da pesquisa, e se os alunos percebem que os professores de história sua prática pedagógica trabalham a valorização do Patrimônio e Memória da cidade de Senhor do Bonfim.

Essa pesquisa é não experimental. Portanto o pesquisador precisa analisar o fotos e contexto que pontuaram sua pesquisa com seriedade, para dar credibilidade na investigação. Kerlinger e Lee (2002, p. 420) destacam que “na pesquisa não-experimental não é possível manipular as variáveis ou distribuir aleatoriamente os participantes ou tratamentos”.

Como afirmam Sampieri, R. H., et al. (2013, p. 168):

Ela poderia ser definida como a pesquisa que é realizada, sem a manipulação deliberada de variáveis. Ou seja, são estudos que não fazemos variar de forma intencional as variáveis independentes para ver seu efeito sobre outras variáveis. O que fazemos na pesquisa não experimental é observar fenômenos da maneira como ocorrem em seu contexto natural, para depois analisá-los.

3.2 Participantes do estudo: População e amostra

População

A sede do município foi escolhida para a realização da pesquisa. Consta de 10 escolas municipais oferecendo cursos de fundamental I e II. As escolas estaduais são 4 escolas que atendem a clientela de ensino médio regular e profissionalizante.

A referida pesquisa foi realizada em 2 (duas) escolas estaduais: Colégio Estadual Senhor do Bonfim, que atende uma clientela de ensino médio regular e o Colégio Estadual Tancredo Neves, com ensino médio na modalidade profissionalizante com cursos de enfermagem, nutrição e análise de laboratório.

Partindo de uma população de 6 professores de história do Colégio Estadual Senhor do Bonfim e Colégio Estadual Tancredo Neves e 26 alunos do segundo ano do turno matutino, foi constituído de 30 alunos, sendo 15 alunos de cada Unidade escolar.

Amostra:

A amostra de estudantes. A amostragem se faz em forma aleatória, baseado numa fórmula. Segundo Centurion (2015), uma das formulas para representar a amostra, diante de uma população de menor escala (inferior a 1.000) é a seguinte:

Formula:

$$n = N.p.q.z^2/[p.q.z^2+(N-1).e^2]$$

Onde:

n = tamanho da amostra

N = tamanho da população (26)

p = probabilidade de sucesso (50% = 0,5)

q = probabilidade de insucesso (50% = 0,5)

z = nível de confiança (95% = 1,96)

e = erro estatístico (5% = 0,05)

Daí se obtém:

$$n = 25 \times 0,5 \times 0,5 \times 1,962 / [0,5 \times 0,5 \times 1,962 + (24-1) \times 0,052]$$

$$n = 25 \times 0,25 \times 3,84 / [0,25 \times 3,84 + (24) \times 0,0025]$$

$$n = 25 \times 0,96 / [0,96 + 0,6]$$

$$n = 24/1,56$$

$$n = 15,3$$

O cálculo apontou que no mínimo 15 alunos da turma formaram a amostra, o critério de seleção adotado foi aleatório, 25 alunos tiveram a opção de escolher se queriam fazer parte da pesquisa, sendo 15 alunos do Colégio estadual e 15 alunos do Colégio Tancredo Neves fechando um total de 30 alunos que participaram ativamente respondendo ao questionário proposto.

Quanto aos professores foram selecionados 6 que ministram aulas da disciplina de história sendo 3 em cada estabelecimento pesquisado que também responderam aos questionários.

3.3 Descrição do Lugar de Estudo



Figura 1 - Localização geográfica de Senhor do Bonfim

Fonte: Mapas Google (2018)

A pesquisa foi realizada no município de Senhor do Bonfim localizado no centro norte da Bahia, Brasil, distante da capital Salvador 375km. Sua população foi estimada no ano de 2017 pelo IBGE em 81.218 habitantes. Faz parte do semiárido nordestino possui uma área de 827km² com uma topografia bastante rica com a presença de serras, rios e cachoeiras.

Possui uma forte tradição histórica e cultural, tendo uma arquitetura rica com a presença de vários prédios, casarões e monumentos antigos. Um dos momentos mais fortes de sua cultura é durante as festas juninas especificamente durante o São João, que é considerada a capital baiana do forró.



Figura 2 - Localização geográfica do Colégio Estadual Senhor do Bonfim

Fonte: Foto da pesquisadora, 2018.

O Colégio Estadual de Senhor do Bonfim é uma escola antiga, construída em 1945, abrigou durante muitos anos o Colégio Marista. Na década de 70 foi vendido para o Governo de Estado da Bahia, e passou a ser chamado de Colégio estadual Senhor do Bonfim.

O quadro de funcionários da escola é formado por 38 profissionais: 13 professores entre efetivos e contratados. O quadro da gestão administrativa é formado por 1 diretora, 6 secretarias que trabalha 40hs sendo contratada por meio de decreto administrativo, 2 vice-diretores que trabalha 40hs. O quadro da gestão pedagógica é composto por 1 coordenadora que trabalha 40hs.

A escola tem ainda 2 vigilantes sendo um contratado e 12 serviços gerais que se intercalam nos dois turnos para a realização da limpeza da escola e fazer a merenda.

No que tange ao espaço físico ela possui: 22 salas de aulas, 1 como sala de informática, 1 cantina, 03 banheiros, 1 sala de direção, 2 depósitos.



Figura 3 - Localização geográfica do Colégio Estadual Tancredo Neves

Fonte: Foto da pesquisadora, 2018.

O segundo local da pesquisa é o Colégio Tancredo Neves situado a Rua José Francisco/n bairro Barbosa Santos.

O quadro de funcionários da escola é formado por 80 profissionais: 53 professores entre efetivos e contratados. O quadro da gestão administrativa é formado por 1 diretor, 6 secretarias que trabalha 40hs sendo contratada por meio de decreto administrativo, 3 vice-

diretores que trabalha 40hs. O quadro da gestão pedagógica é composto por 1 coordenadora que trabalha 40hs.

A escola tem ainda 3 vigilantes sendo um contratado e 13 serviços gerais que se intercalam nos dois turnos para a realização da limpeza da escola e fazer a merenda.

No que tange ao espaço físico ela possui: 20 salas de aulas, 1 como sala de informática, 1 sala laboratório de ciências naturais, 1 quadra esportiva, 1 cantina, 03 banheiros, 1 sala de direção, 2 depósitos.

3.4 Técnicas de coleta de dados

Para coletar os dados desta pesquisa foi utilizado um questionário semiaberto destinado a professores e alunos.

O questionário dos professores constou 17 de questões e dos alunos 6 questões, que se dividiu em duas etapas: a primeira constou os dados de identificação sociodemográficos, com o objetivo de caracterizar o perfil dos investigados quanto a idade, sexo, formação acadêmica e experiência quanto ao tempo de trabalho. A segunda etapa do questionário foi destinada aos questionamentos referentes aos objetivos específicos indagando aos professores sobre o ensino, patrimônio e memória: uma construção socioeducativa.

E para maior confiabilidade o conteúdo dos questionários passaram pelo julgamento e validação de doutores sendo uma do Paraguai e o outro espanhol, que analisaram tantos os aspectos formais quanto a importância dada a cada questão. A primeira etapa da validade se deu por 2 professores doutores vinculados a Universidade Autônoma de Assunção Paraguai. Foi construído um formulário com colunas SIM ou NÃO, onde peritos marcaram com um (X) avaliando cada questão quanto a clareza e coerência entre perguntas, opção de respostas e objetivos.

Uma vez aprovado pelos doutores, o questionário foi aplicado aos 6 professores e 30 alunos das duas escolas pesquisadas com características similares para certificar que as questões seriam bem compreendidas pelos participantes.

Os referidos questionários dos professores nas duas escolas pesquisadas foram aplicados durante os encontros de AC (atividade complementares), que se realizam todas as semanas sempre as terças-feiras com a presença dos professores da Área de Humanas entre

eles os professores de história. Já os questionários respondidos pelos alunos foram aplicados nas salas de aula pelo professor que se encontrava no momento da aplicação dos mesmos com devida participação da pesquisadora.

Sendo essa pesquisa de natureza social, utilizou-se o questionário como instrumento de coleta de dados, que segundo Gil (2008), tem suas vantagens:

- a. Possibilita atingir grande número de pessoas, mesmo que estejam dispersas numa área geográfica muito extensa, já que o questionário pode ser enviado por correio;
- b. Implica menores gastos com pessoas, posto que não exige treinamento de pesquisadores;
- c. Garante anonimato nas respostas;
- d. Permite que as pessoas o respondam no momento em que julgarem convincentes;
- e. Não expõe os pesquisados à influência das opiniões e do aspecto pessoal do entrevistado

Nesta pesquisa o questionário adotado foi do tipo fechado é aquele que utiliza questões que tem categorias ou opções de respostas previamente delimitadas. Ao responderem a um questionário, os sujeitos da pesquisa especificam seu nível de conhecimento com uma afirmação. Sendo que a intenção da pesquisa é calcular porcentagem, não utilizando uma escala, mas respostas simples para saber o quantitativo. Para tanto, usualmente são usados quatro níveis de respostas.

1. Sempre
2. Quase sempre
3. Indeciso
4. Raramente
5. Nunca

O questionário do tipo fechado tem na sua construção questões de resposta

Procedimentos metodológicos para coleta de dados

A metodologia da investigação é considerada como a disciplina que elabora e sistematiza e avalia o conjunto de técnicas procedimentos das que dispõe a ciências, para a

busca de dados e a construção do conhecimento científico. Campoy (2016, p.37) A metodologia consiste então em um conjunto coerente e racional de técnicas e procedimentos cujo objetivo fundamental é implementar processos de coleta, classificação e validação de dados e experiências provenientes da realidade, a partir dos quais pode construir-se o conhecimento científico.

Assim entende-se que a metodologia é o caminho que nos conduz ao objetivo desejado e que não há conhecimento científico validado sem um processo metodológico e que se faz necessário definir quais os procedimentos para se desenvolver uma investigação científica. Ainda segundo Campoy (2016.p.37) a metodologia se define como um conjunto de técnicas que se utilizam para conduzir a investigação. Essa é uma etapa de grande importância para se entender como se dará o desenvolvimento da pesquisa, dando assim um valor empírico e científico ao que foi estudado, investigado e produzido como um novo paradigma.

Segundo Bunge (apud Campoy 2016,p.39) método é considerado como procedimentos que trata de um conjunto de problemas e cada problema requer um conjunto de técnicas ou métodos diferentes .Nesse sentido ele conceitua o método científico como um conjunto de regras que devem ser seguidos de modo que os resultados da investigação sejam validados pela comunidade científica.Então podemos concluir que não há investigação científica sem que haja um planejamento metodológico a ser seguido .São também os métodos que vão embasar cientificamente a pesquisa .São "ações ou modelos de proceder para obter conhecimentos novos e verdadeiros". Gortary (apud Compy, 2016, p.38).

Com objetivo de valorar os resultados dessa investigação a pesquisa se desenvolveu seguindo rigorosamente o conjunto de etapas definidas abaixo:

- ✓ Definição do problema a ser investigado;
- ✓ Seleção da população e amostra;
- ✓ Aprofundamento teórico (revisão literária);
- ✓ Formulação das hipóteses;
- ✓ Coleta de dados;
- ✓ Tabulação dos dados;

- ✓ Interpretação dos resultados;

4 RESULTADOS: ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo fez-se um estudo das respostas obtidas através do preenchimento dos questionários, apurando-se os dados. Apresentou-se os resultados da pesquisa feita no Colégio Estadual Senhor do Bonfim e Colégio Democrático Tancredo Neves, através da aplicação do questionário aos professores e aos alunos dos referidos colégios.

Gil (2008):

Uma das mais importantes etapas da pesquisa científica é a análise de dados, porque permite uma razoável interpretação dos resultados obtidos, tanto em trabalhos descritivos como em trabalhos experimentais. Ela busca construir uma concepção do fenômeno estudado, interpretando os dados colhidos. Na pesquisa qualitativa a interpretação é algo inevitável. A essência dos dados deve ser identificada, descobrindo-se as entrelinhas, o contexto e o significado além da palavra.

Após a aplicação dos questionários obteve-se os resultados que foram colocados em tabelas e gráficos, para melhor entendimento do leitor desta dissertação. Inicialmente foi traçado o perfil dos entrevistados e posteriormente, foram analisadas suas respostas nas questões abertas e fechadas constantes dos questionários.

Tendo como base as informações dos questionários (APÊNDICES A e B), é que foram colocados em gráficos os resultados de todos os tópicos neles contidos, acompanhados de comentários que facilitará a compreensão dos dados obtidos na pesquisa.

4.1 Resultados do questionário com professores

4.1.1 Perfil dos professores do Centro Estadual de Educação Profissional em Saúde Tancredo Neves.

Tabela 1. Sexo dos professores

Sexo	Quantidade	%
Masculino	1	33,3%
Feminino	2	66,7%

Fonte: Dados da pesquisadora, 2018.

Conforme os dados coletados na pesquisa por meio de questionários, o sexo dominante dos professores foi o feminino correspondendo a 33,3% do total entrevistado e 66,7% do sexo masculino.

Tabela 2. Ano de ingresso na rede pública estadual, dos professores

Entrevistados	Ano de ingresso na rede pública estadual
Prof. A	1991
Prof. B	1994
Prof. C	2000

Fonte: Dados da pesquisadora 2018.

Quanto ao ano de ingresso na rede pública estadual, foi informado pelos 3 professores os anos de 1991, 1994 e 2000, respectivamente.

Tabela 3. Carga horária semanal dos professores

Entrevistados	Carga horária semanal
Prof. A	40 horas em duas escolas
Prof. B	40 horas em duas escolas
Prof. C	90 horas em duas escolas

Fonte: Dados da pesquisadora 2018.

Referente à carga horária de cada professor, foi informado por eles: Prof. A possui uma carga horária de 40 horas semanais, lecionando em duas escolas; Prof. B possui uma carga horária de 40 horas lecionando em duas escolas distintas e o Prof. C possui uma carga horária de 90 horas lecionando também em duas escolas distintas.

Tabela 4. Formação acadêmica dos professores

Entrevistados	Formação acadêmica
----------------------	---------------------------

Prof. A	Mestrado
Prof. B	Pós-Graduação
Prof. C	Pós-Graduação

Fonte: Dados da pesquisadora, 2018

Quanto à formação acadêmica, constatou que o Prof. A é Mestre em Educação; o Prof. B e o Prof. C fizeram Pós-Graduação na área de Educação (mas não especificaram em que disciplina), portanto são Especialistas em Educação.

Diante destes resultados, foi interessante observar que um dos professores pertence ao sexo masculino, porque geralmente, no Brasil, a maioria dos professores são do sexo feminino. Os professores deste centro de educação são relativamente veteranos na área de educação, o que lhes confere maior autonomia para responder sobre o ensino de história. O tempo de serviço dos entrevistados é relativamente alto: 18, 24 e 27 anos respectivamente. Percebe-se que pelo tempo em que trabalham, estes docentes parecem possuir respaldo para responder com conhecimento de causa às questões que lhes foram formuladas. Isto demonstra certa estabilidade em prestar serviços na área educacional, contribuindo para um bom desempenho das práticas pedagógicas dos professores.

Causou-me perplexidade o fato de um dos entrevistados informar que sua carga horária é de 90 horas semanais, deixando-me curiosa para saber como era distribuída esta carga horária. Entretanto, ele não esclareceu como era feita a distribuição da carga horária. A formação acadêmica destes professores (Especialização e Mestrado) sinalizam para o fato de que eles parecem ser bem capacitados para atuar na área de Educação.

Peres (2015) concorda com os professores acima, que se capacitaram fazendo Especialização e Mestrado, afirmando que a sociedade contemporânea exige que o professor acompanhe as inovações e estas inovações “exigem do profissional docente constante aperfeiçoamento [...]. Logo se entende que é necessário haver professores capacitados e qualificados para inserir na sua prática educativa recursos que auxiliem na aprendizagem do aluno” (p. 10).

“Recentemente se começa a perceber iniciativas que se ocupam de uma maior qualificação dessa formação, por perceber que professores melhor preparados influenciarão de maneira mais significativa no desenvolvimento da educação”, ressalta Santos (2013, p. 7), apoiando a postura dos professores acima.

Jacomini e Pena (2016, p. 188) não concordam com a carga horária de um dos professores acima, afirmando que a “jornada de trabalho é aspecto fundamental na construção de condições de trabalho docente adequadas”. Estes autores citam Monlevade (2000) que diz: “o rápido processo de desvalorização salarial dos professores, a partir principalmente da década de 1970, levou à multiplicação da jornada de trabalho. Para compensar os baixos salários, os professores passaram a trabalhar em duas ou três jornadas, na mesma rede ou em redes diferentes de ensino” (p. 188). A multiplicação da jornada escolar sobrecarrega o professor e contribui para diminuir a eficiência do processo de ensino/aprendizagem.

Continuam afirmando Jacomini e Pena (2016) que o professor trabalhar até 70 horas, “implica numa jornada diária de 14 horas, cinco dias por semana. Duas questões podem ser destacadas: maior possibilidade de adoecimento do professor e um exercício docente aquém do potencial do profissional, como consequência do excesso de trabalho” (p. 189).

Quanto ao professor que atua mais de 40 horas, parece que esse fato prejudica o ensino porque conforme Stranforini (2004) os professores que trabalham mais de 40 horas semanais são impossibilitados de irem em busca do aprimoramento na disciplina que lecionam. Acontece que o docente que possui uma carga horária maior que 40 horas, geralmente, não atua na mesma disciplina, pois se assim fosse, a qualidade de seu ensino seria melhor porque ele teria mais tempo para se dedicar ao estudo dos temas da disciplina que ensina.

4.1.2 Identificação da percepção dos alunos sobre a preservação e valorização do patrimônio e história.

Tabela 5: A disciplina de história tem favorecido a descoberta de um patrimônio comum que precisa ser conhecido pelas novas gerações

Respostas	Frequência			
	Raramente		Sempre	
Professores	No.	%	No.	%
		0	0%	3

Fonte: Dados da pesquisadora, 2018

Notou-se que a disciplina de história sempre favorece a descoberta de um patrimônio comum que precisa ser conhecido pelas novas gerações. Assim obteve um percentual de 100%.

Tabela 6: A escola desenvolve ações para conscientizar os alunos sobre a importância da preservação do patrimônio.

Respostas	Frequência			
	Sempre		Quase Sempre	
Professores	No.	%	No.	%
		2	66,7%	1

Fonte: Dados da pesquisadora, 2018

A preservação do patrimônio pela escola a partir de ações que desenvolvam nos alunos a consciência da importância da preservação foi respondida da seguinte forma: O docente A e B responderam sempre 66,7% são desenvolvidas ações visando conscientizar seus alunos sobre a importância da preservação do patrimônio e apenas o professor C quase sempre 33,3%.

Tabela 7: A disciplina de História tem possibilitado ao aluno a descoberta de um patrimônio comum.

Respostas	Frequência			
	Raramente		Sempre	
Professores	No.	%	No.	%
		0	0%	3

Fonte: Dados da pesquisadora, 2018

A análise mostra que 100% dos professores disseram que a disciplina de História tem possibilitado ao aluno a descoberta de um patrimônio comum.

4.1.3 Averiguar como a comunidade escolar e local incorpora o processo de construção de identidade histórica e cultural.

Tabela 8: O ensino de história local apresenta-se como ponto de partida para aprendizagem histórica pela possibilidade das relações sociais entre educandos e educados.

Respostas	Frequência			
	Sempre		Quase Sempre	
Professores	No.	%	No.	%
		2	66,7%	1

Fonte: Dados da pesquisadora, 2018

A maioria dos docentes Prof. A e Prof. B 66,7% disseram que o ensino de história local sempre possibilita a aprendizagem histórica e apenas o professor C quase sempre 33,3% o ensino de história local possibilita essa aprendizagem.

Tabela 9: A construção da identidade histórica e cultural está presente durante todo o processo de ensino/aprendizagem.

Respostas	Frequência			
	Sempre		Quase Sempre	
Professores	No.	%	No.	%
		0	0%	3

Fonte: Dados da pesquisadora, 2018

Nota-se que 100 % dos docentes responderam que a construção de identidade histórica e cultural está quase sempre presente durante todo o processo de ensino/aprendizagem.

Tabela 10: A comunidade escolar participa da construção da identidade histórica cultural

Respostas	Frequência			
	Sempre		Quase Sempre	
Professores	No.	%	No.	%
		2	66,7%	1

Fonte: Dados da pesquisadora, 2018

Apurou-se que os Prof. A e B, 66,7% informaram que a comunidade sempre participava nessa construção da identidade histórica e cultural. O Prof. B disse que quase sempre a escola participava desta construção de identidade histórica e cultural ou seja 33,3%.

Tabela 11: Existe uma relação entre a formação de identidade histórica com os conteúdos abordados nas aulas de história?

Respostas	Frequência			
	Sempre		Quase Sempre	
Professores	No.	%	No.	%
		0	0%	3

Fonte: Dados da pesquisadora, 2018

Todos os professores 100% responderam que quase sempre existe uma relação entre a formação de identidade histórica com os conteúdos abordados nas aulas de história.

4.1.4 Verificar se a proposta curricular proporciona a interação de história como ação reflexiva na construção de identidades.

Tabela 12: Os conteúdos propostos pela grade curricular contemplam a construção de um ensino que objetive o resgate da identidade cultural local.

Respostas	Frequência			
	Raramente		Sempre	
Professores	No.	%	No.	%
	0	0%	3	100%

Fonte: Dados da pesquisadora, 2018

Todos os professores 100% informaram que sempre os conteúdos da grade curricular contemplam a construção de um ensino que objetive o resgate da identidade cultural local.

Tabela 13: A proposta curricular contempla assuntos relacionados ao patrimônio e memória.

Respostas	Frequência			
	Raramente		Sempre	
Professores	No.	%	No.	%
	0	0%	3	100%

Fonte: Dados da pesquisadora, 2018

Todos eles disseram que a proposta curricular contempla assuntos relacionados ao patrimônio e memória atingindo um percentual de 100%.

Tabela 14: O currículo contempla a interação da história e sua ação reflexiva na construção de identidades.

Respostas	Frequência			
	Raramente		Sempre	
Professores	No.	%	No.	%
		0	0%	3

Fonte: Dados da pesquisadora, 2018

Foi perguntado se o currículo contribui para a interação da disciplina História na construção de identidades e os docentes o responderam unanimemente que sempre o currículo tem contribuído na construção de identidades atingindo um percentual de 100%.

4.1.5 Constatar se o ensino de história relaciona o conteúdo patrimônio e memória como forma de resgate da identidade cultural da cidade.

Tabela 15: Procura refletir sobre a importância do patrimônio e memória na formação de identidades histórica e cultural.

Respostas	Frequência			
	Raramente		Sempre	
Professores	No.	%	No.	%
		2	66,7%	1

Fonte: Dados da pesquisadora, 2018

A cerca da reflexão sobre a importância do patrimônio e memória na formação de identidades histórica e cultural obteve-se os seguintes resultados: 02 dos professores 66,7%, responderam que raramente procuram refletir sua a importância apenas 01 professor 33,3% disse que quase sempre fazia esta reflexão.

Tabela 16: A prática educativa está focada na história da cidade

Respostas	Frequência					
	Sempre		Quase sempre		Raramente	
Professores	No.	%	No.	%	No	%
		1	33,3%	1	33,3%	1

Fonte: Dados da pesquisadora, 2018

Em relação a prática focada na história da cidade constatou-se : Prof. A 33,3% disse que raramente, sua prática está focada na história da cidade o Prof. B 33,3% respondeu raramente ,enquanto o Prof. .C 33,3% disse quase sempre

Tabela 17: A valorização da história local pode ser considerada ponto de partida para o processo de formação do ser histórico e social que se pretende formar com o ensino de história

Respostas	Frequência			
	Raramente		Sempre	
Professores	No.	%	No.	%
		0	0%	3

Fonte: Dados da pesquisadora, 2018

Verificou-se que todos os docentes valorizam a história local como ponto de partida para formação do ser histórico e social que se deseja forma com o ensino de história; tendo um percentual de 100%.

Tabela 18: Os conteúdos estudados proporcionam a construção de uma memória comum nos alunos permeando o reconhecimento de sua cultura.

Respostas	Frequência			
	Sempre		Quase Sempre	
Professores	No.	%	No.	%
		2	66,7%	1

Fonte: Dados da pesquisadora, 2018

Quanto a construção de uma memória comum nos alunos permeando o reconhecimento de sua cultura através dos conteúdos estudados diagnosticou-se que: Os Prof. A e Prof. B disseram que sempre 66,7% os conteúdos estudados proporcionam a construção da memória comum e apenas o Prof. C 33,3% disse que quase sempre esses conteúdos podem ajudar na construção de uma memória comum.

4.1.6 Conferir como é abordado as noções de patrimônio e memória na prática educativa

Tabela 19: AS aulas de história são abordadas assuntos relacionados ao patrimônio

Respostas	Frequência			
	Raramente		Quase sempre	
Professores	No.	%	No.	%
		1	33,3%	2

Fonte: Dados da pesquisadora, 2018

A partir da abordagem das noções de patrimônio e memória presentes na prática educativa os professores responderam: um professor 33,3% afirmou que quase sempre aborda e dois professores disseram que nas suas aulas raramente abordavam assuntos sobre o patrimônio, num total de 66,7%.

.

Tabela 20: A sua prática incentiva o resgate da memória coletiva

Respostas	Frequência					
	Sempre		Quase sempre		Raramente	
Professores	No.	%	No.	%	No.	%
		1	33,3%	1	33,3%	1

Fonte: Dados da pesquisadora, 2018

Quanto ao resgate da memória coletiva na sua prática os professores divergiram em suas respostas: Prof. A – 33,3% raramente incentiva; Prof. B -33,3% quase sempre resgata a memória coletiva e o Prof. C 33,3% disse: a minha prática educativa sempre incentiva o resgate da memória coletiva.

Tabela 21. Noções de patrimônio e memória estão presentes no planejamento didático

Respostas	Frequência			
	Raramente		Sempre	
Professores	No.	%	No.	%
		2	66,7%	1

Fonte: Dados da pesquisadora, 2018

Quanto a presença de noções de patrimônio e memória no planejamento didático responderam: Prof. A e B disseram que raramente 66,7 % estão presentes estas noções enquanto o terceiro docente Prof. C 33,3% afirmou que estas noções sempre estão presentes no seu planejamento didático.

Tabela 22: Articula elementos do saber histórico com o saber pedagógico

Respostas	Frequência
-----------	------------

Professores	Raramente		Sempre	
	No.	%	No.	%
	0	0%	3	100%

Fonte: Dados da pesquisadora, 2018

Os professores foram unânimes em afirmar que os elementos do saber histórico sempre estão articulados ao saber pedagógico somando um percentual de 100%.

4.2 Resultado do questionário com alunos

4.2.1 Perfil dos alunos do Centro Estadual De Educação Profissional Em Saúde Tancredo Neves.

Tabela 23: Sexo dos alunos

Sexo	Quantidade	%
Masculino	10	66,7%
Feminino	05	33,3%

Fonte: Dados da pesquisadora, 2018.

Observou-se que a maioria dos alunos entrevistados pertencem ao sexo masculino (10 alunos) e somente (5 alunos) do sexo feminino.

Tabela 24: Faixa etária dos alunos

Faixa etária	Quantidade	%
Até 15 anos	0	0%
De 16 a 25 anos	15	100%

Fonte: Dados da pesquisadora, 2018.

A faixa etária de todos eles abrange de 16 a 25 anos, não tendo nenhum com idade inferior a 16 anos e nem superior a 25 anos.

Tabela 25: Carga horária dos alunos

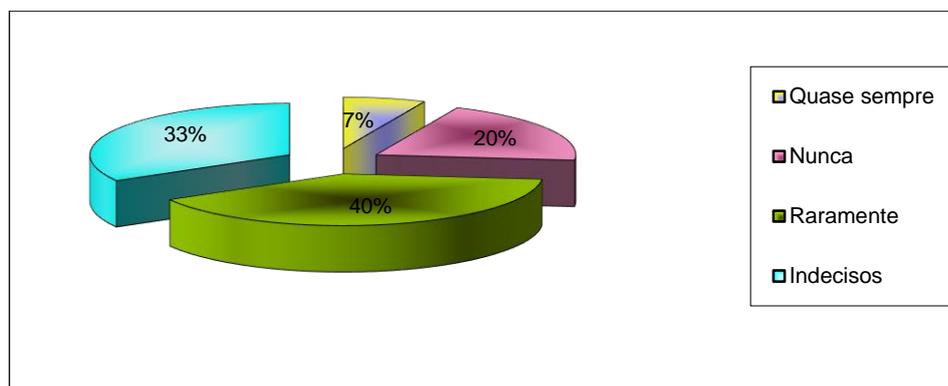
Turno	Quantidade	%
Matutino	14	93%
Vespertino	1	7%

Fonte: Dados da pesquisadora, 2018.

A coleta de dados se deu no turno matutino por isso temos um total de 14 alunos frequentando o referido turno. Ressalta-se, porém, que 1 dos entrevistados frequentava o turno do vespertino também, por fazer dependência de uma disciplina no turno oposto.

Posicionamento dos alunos que estudam no Centro Estadual de Educação Profissional em Saúde Tancredo Neves e que participaram desta pesquisa.

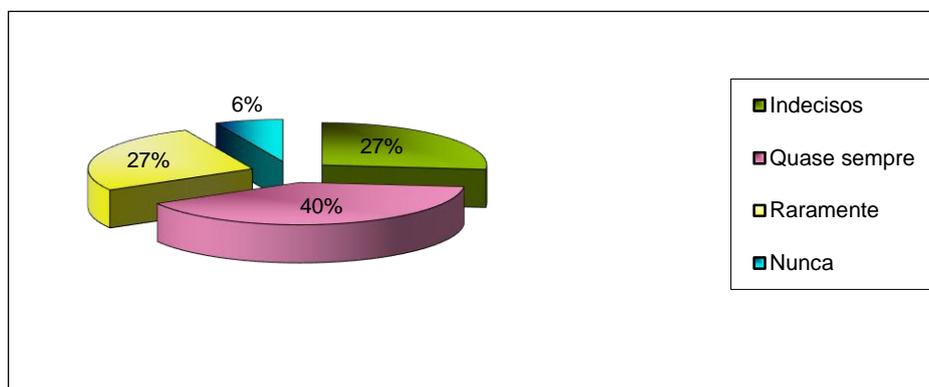
Gráfico 1: A professora de história em sua prática docente solicita a seus alunos para entrevistar pais ou pessoas da comunidade, acerca dos fatos culturais locais.



Fonte: Dados da pesquisadora, 2018.

Sobre esta questão obteve-se os seguintes resultados: a maioria (40%) dos alunos disseram que a professora raramente solicitava que eles entrevistassem seus pais ou alguém da comunidade em que moram sobre os fatos culturais da sua comunidade; 33% dos alunos, ficaram indecisos; 20% deles disseram que sua professora de História nunca fez esta solicitação e apenas 7% dos entrevistados afirmou que a professora quase sempre fazia esta solicitação.

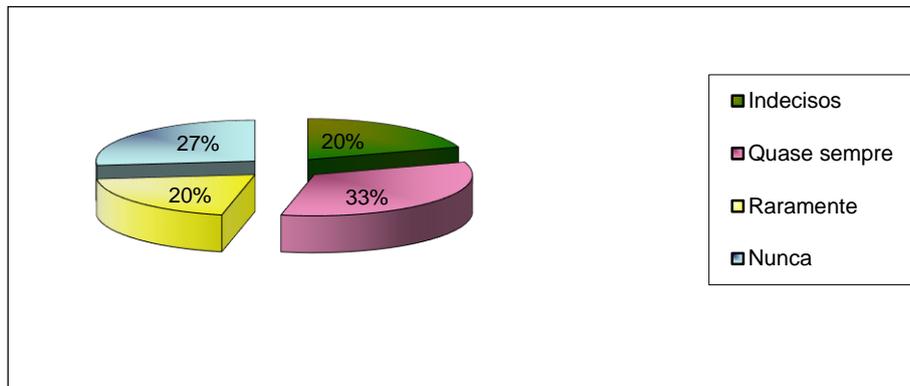
Gráfico 2: São abordados pela professora assuntos relacionados ao patrimônio histórico incentivando a preservação destes lugares que fazem parte da memória da cidade.



Fonte: Dados da pesquisadora, 2018.

Observando o gráfico 26, constatou que 39% dos professores quase sempre fazem abordagem nas aulas de História de assuntos acerca dos lugares que fazem parte do patrimônio histórico/cultural de sua cidade, 27% ficaram indecisos; 27% afirmaram que raramente a professora discorria sobre estes lugares e 7% disseram que a professora nunca abordava.

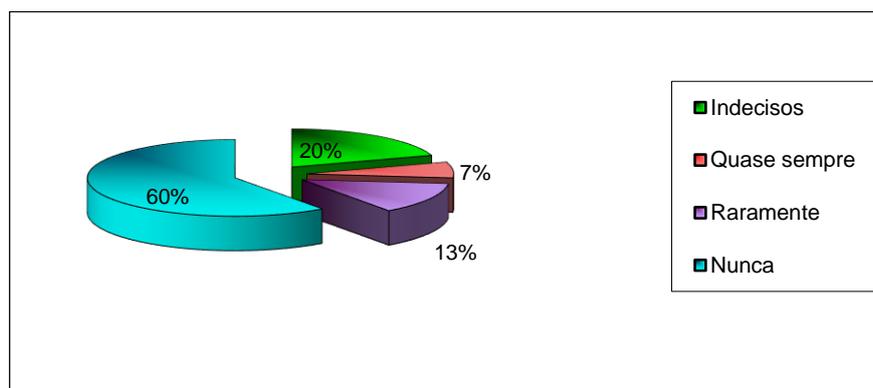
Gráfico 3: Existe uma relação entre a história ensinada na escola com a história voltada para a construção de identidade histórica e cultural?



Fonte: Dados da pesquisadora, 2018.

Sobre o gráfico 27, a maior parte 33% dos alunos afirmaram que durante as aulas de História, quase sempre lhes eram abordados sobre a importância da preservação do patrimônio cultural da cidade. e que fazem parte da sua história, 27% disseram que nunca foram abordados .e 20% ficaram indecisos e 20% também responderam que raramente eram tratados assuntos referentes a importância da preservação destes patrimônios culturais presentes na cidade.

Gráfico 4: A escola procura realizar ações que incentivem a valorização do patrimônio histórico cultural.

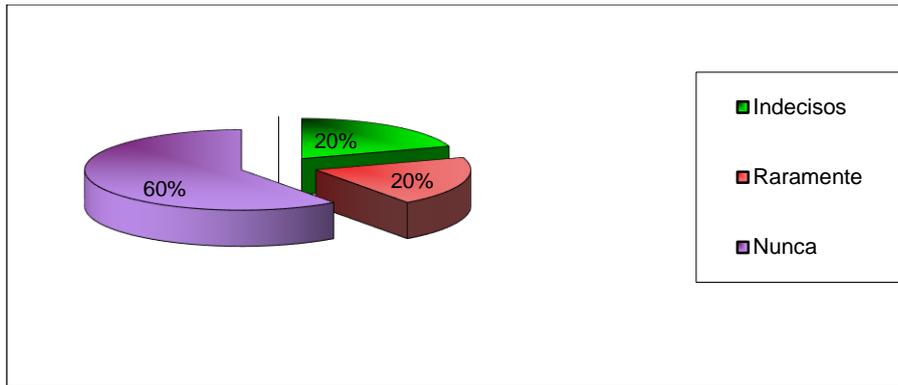


Fonte: Dados da pesquisadora, 2018.

Uma grande parte 60% dos alunos informaram que na escola nunca foi feito movimento visando a valorização do patrimônio histórico cultural. Alguns alunos 7%

disseram que quase sempre eram realizados movimentos incentivando a valorização destes patrimônios, entretanto 13% os discentes afirmaram que raramente isto ocorria e 20% ficaram indecisos.

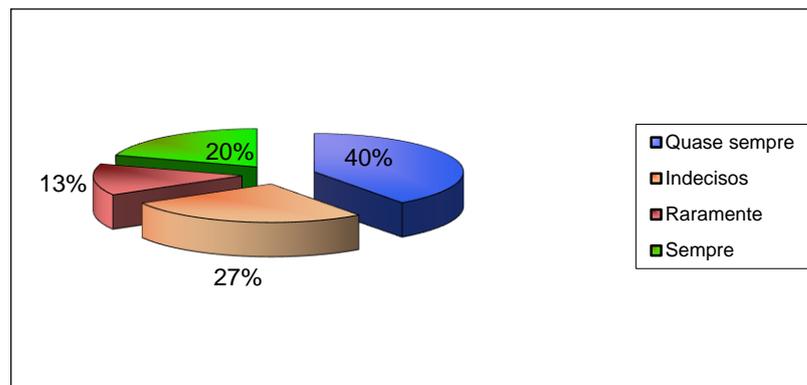
Gráfico 5: A escola promove a realizações de excursões aos prédios e monumentos antigos presentes na cidade e que fazem parte do patrimônio histórico.



Fonte: Dados da pesquisadora, 2018.

Sobre esta questão, foi informado pela maioria dos alunos 60% que nunca foi realizada alguma excursão aos prédios antigos da cidade; 20% deles ficaram indecisos e 20% disse que raramente ocorria excursões aso prédios antigos existentes na cidade, promovidos pela escola.

Gráfico 6: Em relação à abordagem nas aulas de história, sobre da importância de preservação do patrimônio cultural da cidade.



Fonte: Dados da pesquisadora, 2018

Os alunos se posicionaram sobre esta pergunta, afirmando, que quase sempre 40% era abordado nas aulas de História, a importância de se preservar o patrimônio cultural da cidade. Outros 20% disseram que esta abordagem sempre era feita nas aulas de história, 27% ficaram indecisos quanto a esse questionamento e 13% responderam que raramente a importância de preservar o patrimônio cultural da cidade era abordado nas aulas de história.

4.2.2 Resultados do Perfil dos Professores Do Colégio Estadual De Senhor Do Bonfim, BA (CESB).

Tabela 26: Sexo dos Professores do Colégio Estadual Senhor do Bonfim

Sexo	Quantidade	%
Masculino	0	0%
Feminino	3	100%

Fonte: Dados da pesquisadora, 2018.

Todos os professores do CESB são do sexo feminino e quanto ao vínculo empregatício todos são efetivos.

Tabela 27: Ano de ingresso na rede pública estadual, dos professores

Entrevistados	Ano de ingresso na rede pública estadual
Prof. D	1989
Prof. E	1992
Prof. F	1993

Fonte: Dados da pesquisadora 2018.

Quanto ao ano de ingresso na rede pública estadual, Prof. D foi admitido em 1989, Prof. E em 1992 e o Prof. F em 1993, o que sinaliza para o fato de que todos têm menos de 30 anos trabalhando na educação.

Tabela 28. Formação acadêmica dos professores

Entrevistados	Formação acadêmica
Prof. D	Pós- Graduação
Prof. E	Pós-Graduação
Prof .F	Pós-Graduação

Fonte: Dados da pesquisadora, 2018

Quanto à formação acadêmica, todos possuem especialização na área de Educação.

Tabela 29: Carga horária semanal

Entrevistados	Carga horária semanal
Prof. D	20 horas em uma escola
Prof. E	20 horas em uma escola
Prof. F	180 horas em duas escolas

Fonte: Dados da pesquisadora 2018.

Em relação à carga horária, 2 professores Prof. D e Prof. E disseram ter 20 horas semanais trabalhando em uma só escola. O Prof. F disse que trabalha em duas escolas tendo uma carga horária de 180 horas semanais.

Conferir como é abordado as noções de patrimônio e memória na pratica educativa

Tabela 30: As aulas de história são abordadas assuntos relacionados ao patrimônio.

Respostas	Frequência			
	Sempre		Quase Sempre	
Professores	No.	%	No.	%
		2	66,7%	1

Fonte: Dados da pesquisadora 2018.

Os Professores D e E 66,7% afirmaram que sempre abordavam estas noções durante suas aulas; o Prof. F 33,3% disse que quase sempre abordava estes assuntos.

Tabela 31: A sua prática educativa incentiva o resgate a memória coletiva

Respostas	Frequência			
	Sempre		Quase Sempre	
Professores	No.	%	No.	%
		3	100%	0

Fonte: Dados da pesquisadora 2018.

Todos os professores disseram que sempre incentivam o resgate à memória coletiva num total de 100%

Tabela 32: Noções de patrimônio e memória está presente no planejamento didático

Respostas	Frequência			
	Sempre		Quase Sempre	
Professores	No.	%	No.	%
		1	33,3%	2

Fonte: Dados da pesquisadora 2018.

O Prof. D. disse que estas noções sempre 25% estão no planejamento, enquanto os professores E e F afirmaram que quase sempre 75% elas fazem parte deste planejamento

Tabela 33: Articula elementos do saber histórico com o saber pedagógico

Respostas	Frequência			
	Sempre		Quase Sempre	
Professores	No.	%	No.	%
		3	100%	0

Fonte: Dados da pesquisadora 2018.

Todos os docentes 100% responderam que sempre faziam a ligação entre saber histórico com o saber pedagógico.

4.2.3 Constatar se o ensino de história relaciona o conteúdo patrimônio e memória como forma de resgate da identidade cultural da cidade.

Tabela 34: Procura refletir sobre a importância do patrimônio e memória na formação de identidades histórica e cultural.

Respostas	Frequência			
	Sempre		Quase Sempre	
Professores	No.	%	No.	%
		3	100%	0

Fonte: Dados da pesquisadora 2018.

Todos eles 100% então disseram que sempre refletiam sobre esta importância na formação de identidades

Tabela 35: A prática educativa está focada na história da cidade

Respostas	Frequência					
	Sempre		Quase sempre		Raramente	
Professores	No.	%	No.	%	No	%
		1	33,3%	1	33,3%	1

Fonte: Dados da pesquisadora 2018.

O Prof. D 33,3% disse que sempre foca este assunto, o Prof. E 33,3% disse que raramente faz isto e o Prof. F 33,3% afirmou que quase sempre.

Tabela 36: A valorização da história local pode ser considerada ponto de partida para o processo de formação do ser histórico e social que se pretende formar com o ensino de história

Respostas	Frequência			
	Sempre		Quase Sempre	
Professores	No.	%	No.	%
		2	66,7%	1

Fonte: Dados da pesquisadora 2018.

Tabela 37: Os conteúdos estudados proporcionam a construção de uma memória comum nos alunos permeando o reconhecimento de sua cultura.

Respostas	Frequência			
	Sempre		Quase Sempre	
Professores	No.	%	No.	%
		2	66,7%	1

Fonte: Dados da pesquisadora 2018.

Os professores D e E informaram que sempre 66,7% proporcionam a construção da memória nos seus alunos e o professor F quase sempre ou seja 33,3%.

4.2.4 Identificar a percepção dos alunos quanto a preservação e valorização do patrimônio é memória.

Tabela 38: A disciplina de história tem favorecido a descoberta de um patrimônio comum que precisa ser conhecido pelas novas gerações.

Respostas	Frequência	
Professores	Sempre	Quase Sempre

	No.	%	No.	%
	2	66,7%	1	33,3%

Fonte: Dados da pesquisadora 2018.

Os professores D e E 66,7% informaram que a disciplina de história sempre favorece a descoberta de um patrimônio comum, que será conhecido pelas gerações futuras; O prof. F 33,3 % disse que esta disciplina quase sempre favorece esta descoberta.

Tabela 39: A escola desenvolve ações para conscientizar os alunos sobre a importância da preservação do patrimônio

Respostas	Frequência			
	Sempre		Quase Sempre	
Professores	No.	%	No.	%
		2	66,7%	1

Fonte: Dados da pesquisadora 2018.

Informaram os professores E e F 66,7% que na escola são sempre desenvolvidas ações com o objetivo de conscientizar os alunos acerca da importância de se preservar o patrimônio. O Prof. D 33,3% disse que quase sempre são desenvolvidas estas ações.

Tabela 40: A disciplina História tem possibilitado ao aluno a descoberta de um patrimônio comum.

Respostas	Frequência					
	Sempre		Quase sempre		Raramente	
Professores	No.	%	No.	%	No	%
		1	33,3%	1	33,3%	1

Fonte: Dados da pesquisadora 2018.

A tabela 45 mostra que o Prof. D que quase sempre possibilita esta descoberta; O Prof. E disse que sempre possibilita e o Prof. F disse que raramente isto acontece.

4.2.5 Averiguar de que forma a comunidade escolar e local, incorporam o processo de construção de identidade histórica cultural.

Tabela 41: O ensino de história local apresenta-se como ponto de partida para aprendizagem histórica pela possibilidade das relações sociais entre educandos e educados.

Respostas	Frequência			
	Sempre		Raramente	
Professores	No.	%	No.	%
		2	66,7%	1

Fonte: Dados da pesquisadora 2018.

Foi informado pelos professores D e E, 66,7% que o ensino da história local contribui sempre para a aprendizagem histórica; o Prof. F 33,3% disse que raramente o ensino da história local contribui para que este fato aconteça.

Tabela 42: A construção da identidade histórica e cultural está presente durante todo o processo de ensino/aprendizagem.

Respostas	Frequência			
	Sempre		Quase Sempre	
Professores	No.	%	No.	%
		2	66,7%	1

Fonte: Dados da pesquisadora 2018.

A construção da identidade histórica e cultural sempre está presente durante todo o processo de ensino/aprendizagem, afirmaram os Professores D e E; 66,7%, entretanto o Prof. F 33,3% disse que quase sempre a construção da identidade histórica e cultural.

Tabela 43: A comunidade escolar participa da construção da identidade histórica cultural

Respostas	Frequência			
	Sempre		Raramente	
Professores	No.	%	No.	%
		2	66,7%	1

Fonte: Dados da pesquisadora 2018

A comunidade escolar sempre participa da construção da identidade histórica e cultural, afirmaram os docentes D e E 66,7%; o docente F 33,3% disse que raramente a comunidade escolar participa dessa construção.

Tabela 44: Existe uma relação entre a formação de identidade histórica com os conteúdos abordados nas aulas de história?

Respostas	Frequência			
	Sempre		Raramente	
Professores	No.	%	No.	%
		2	66,7%	1

Fonte: Dados da pesquisadora 2018.

Os Professores D e E 66,7 % disseram que sempre existe relação entre os conteúdos abordados nas aulas da disciplina História com a formação da identidade histórica; O Prof. F 33,5%. Disse que raramente essa relação entre a formação histórica com os conteúdos abordados nas aulas de história acontece.

4.2.6 Verificar se a proposta curricular proporciona a interação de história como ação reflexiva na construção de identidades.

Tabela 45: Os conteúdos propostos pela grade curricular contemplam a construção de um ensino que objetive o resgate da identidade cultural local.

Respostas	Frequência			
	Sempre		Quase Sempre	
Professores	No.	%	No.	%
		1	33,3%	2

Fonte: Dados da pesquisadora 2018.

Foi informado pelos Professores E e F que quase sempre 66,7% os conteúdos da grade curricular contribuem para a construção de um ensino baseado no resgate da identidade cultural local; O Prof. D 33,3% disse que os referidos conteúdos sempre constroem a identidade local.

Tabela 46: A proposta curricular contempla assuntos relacionados ao patrimônio e memória.

Respostas	Frequência			
	Sempre		Quase Sempre	
Professores	No.	%	No.	%
		2	66,7%	1

Fonte: Dados da pesquisadora 2018

Os Professores D e E; informaram que sempre a proposta curricular contempla assuntos relacionados ao patrimônio e memória 66,7% já o Prof. F. disse que quase sempre isto acontece 33,3%.

Tabela 47: O currículo contempla a interação da história e sua ação reflexiva na construção de identidades.

Respostas	Frequência					
	Sempre		Quase sempre		Nunca	
Professores	No.	%	No.	%	No	%
		1	33,3%	1	33,3%	1

Fonte: Dados da pesquisadora 2018

Em relação ao currículo contemplar a interação da história com a construção de identidades, foi informado pelo Prof. D que nunca acontece esta interação; o Prof. E disse que o currículo sempre contempla e o Prof. F afirmou que quase sempre contempla.

4.2.7 Delineando o perfil dos alunos participantes da pesquisa, lotados no Colégio Estadual De Senhor Do Bonfim, BA (CESB).

Tabela 48: Sexo dos alunos

Sexo	Quantidade	%
Masculino	06	40%
Feminino	09	60%

Fonte: Dados da pesquisadora, 2018.

O perfil dos alunos que participaram da pesquisa e que frequentam o Colégio Estadual de Senhor do Bonfim (CESB) ficou assim definido: em relação ao sexo, a maioria 60% são do sexo feminino e os demais 40% são do sexo masculino;

Tabela 49: Faixa etária dos alunos

Faixa etária	Quantidade	%
Até 15 anos	09	60%
De 16 a 25 anos	06	40%

Fonte: Dados da pesquisadora, 2018.

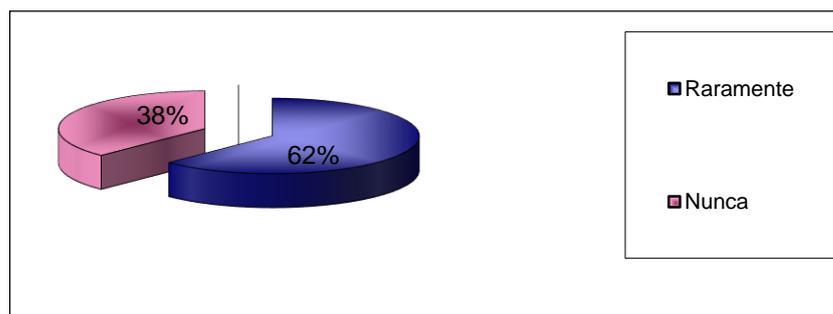
A maioria (09) dos 15 alunos que compõem a amostra se encontram com menos de 16 anos de idade e os demais (07) estão na faixa etária de 16 a 25 anos;

Tabela 50: Carga horária dos alunos

Turno	Quantidade	%
Matutino	15	100%
Vespertino	0	

Fonte: Dados da pesquisadora, 2018.

Gráfico 7: A professora de história em sua prática docente solicita seus alunos para entrevistar pais ou pessoas da comunidade acerca de fatos culturais locais.

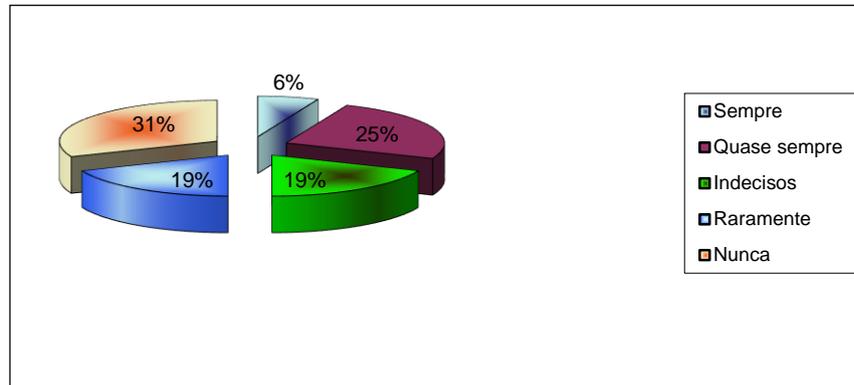


Fonte: Dados da pesquisadora, 2018.

Os alunos, na sua maioria 62% disseram que raramente foi solicitado pela professora de História a realização de entrevistas com seus pais ou com pessoas da comunidade, sobre fatos culturais que aconteceram em sua comunidade e 38% dos alunos responderam que

nunca foram solicitados a entrevistar pais ou pessoas da comunidade acerca de fatos culturais locais.

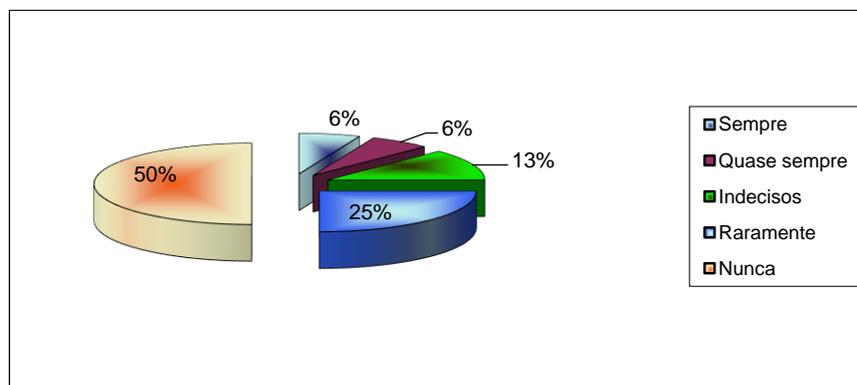
Gráfico 8: São abordados pela professora assuntos relacionados ao patrimônio histórico incentivando a preservação destes lugares que fazem parte da memória da cidade



Fonte: Dados da pesquisadora, 2018.

Foi informado pela maioria dos alunos 31% que sua professora nunca abordou durante as aulas de História, os lugares de que fazem parte do patrimônio histórico/cultural de sua cidade. Verificou-se que 19% dos alunos responderam que raramente eram abordados os lugares que fazem parte do patrimônio histórico e apenas 6% afirmaram sempre são abordados os lugares que fazem parte do patrimônio histórico da cidade e 25% afirmaram que quase nunca eram abordados.

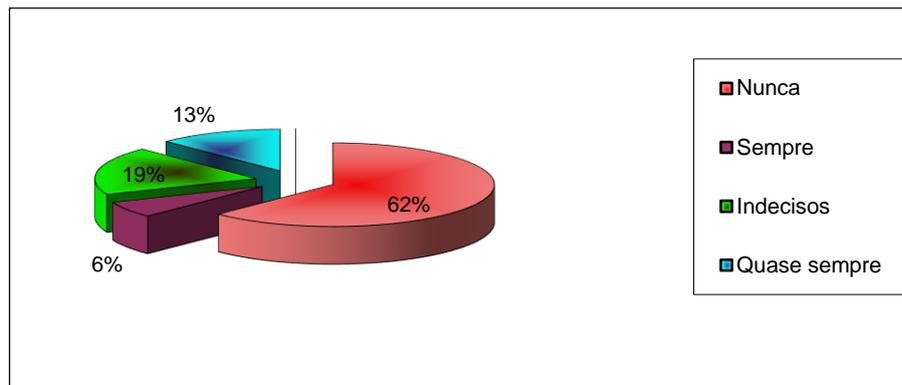
Gráfico 9: A escola procura realizar ações que incentivem a valorização do patrimônio histórico cultural



Fonte: Dados da pesquisadora, 2018.

A escola, nunca procura realizar ações que incentivem a valorização do patrimônio histórico cultural ou seja 50%. Outros 25% disseram que nunca a escola proporcionou ações que incentivassem a valorização do patrimônio histórico, 13% fiaram indecisos e 6% responderam que quase sempre a escola procura incentivar a valorização do patrimônio histórico cultural.

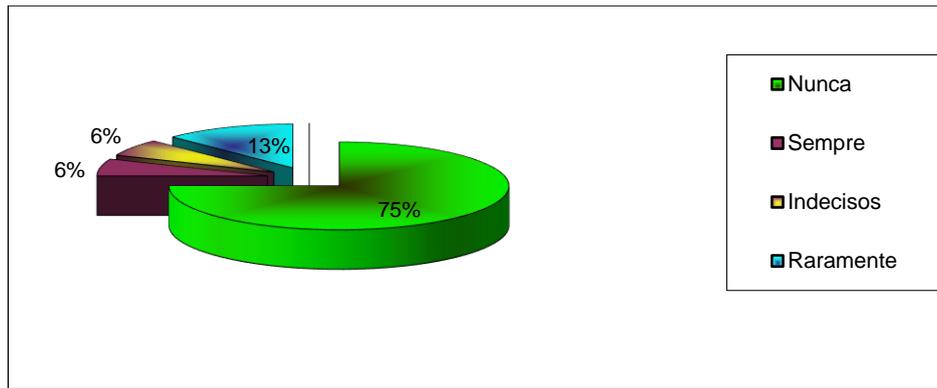
Gráfico 10: Existe uma relação entre a história ensinada na escola com a história voltada para a construção de identidades históricas e culturais.



Fonte: Dados da pesquisadora, 2018.

A realização de movimentos de incentivo à comunidade, para doação de objetos antigos da cidade, observou-se que nunca aconteceu, essa relação do que se ensina na escola com a história voltada a construção de identidades histórica e culturais num percentual de 62% dos alunos. Apenas 6% deles afirmaram que sempre acontece essa relação entre a história ensinada na escola com a construção de identidades históricas, 13% afirmaram que quase sempre eram realizados essa relação e 19% ficaram indecisos quanto ao questionamento.

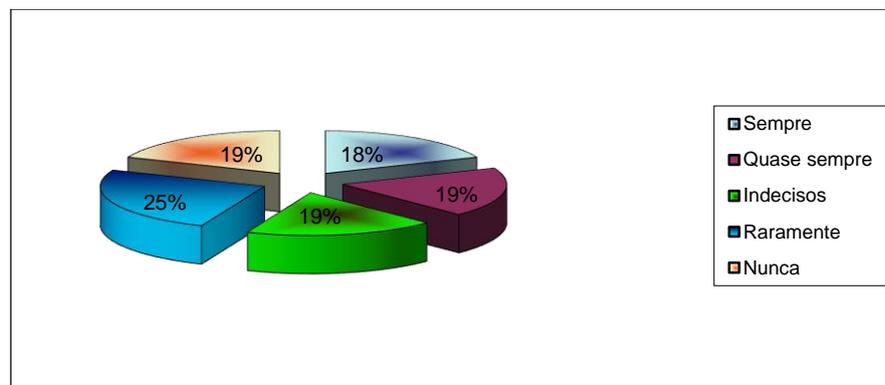
Gráfico 11: A escola promove à realização de excursões aos prédios e monumentos antigos presentes na cidade e que fazem parte do patrimônio histórico local



Fonte: Dados da pesquisadora, 2018

Uma parcela bastante significativa 75% dos alunos informaram que nunca são realizadas excursões aos prédios e monumentos antigos da cidade. Apenas 6% deles disseram que sempre são realizadas estas excursões 6% ficaram indecisos ,13% afirmaram raramente são realizadas excursões e 6% ficaram indecisos quanto ao questionamento.

Gráfico 12: Em relação à abordagem sobre a importância da preservação do patrimônio cultural da cidade.



Fonte: Dados da pesquisadora, 2018

Sobre a importância de se preservar o patrimônio cultural da cidade observou-se 24% acharam que sempre se deve preservar, 19% quase sempre devemos preservar esses patrimônios culturais da cidade, 19% ficaram indecisos e outros 19% sempre, 19% disseram que nunca devem ser preservados esses patrimônios culturais da cidade.

5. INTERPRETAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo fez-se um estudo das respostas obtidas através do preenchimento dos questionários de professores e alunos, apurando-se os dados e analisando-os. Apresentou-se os resultados da pesquisa feita no Colégio Estadual Senhor do Bonfim e Colégio Democrático Tancredo Neves.

Quanto ao primeiro objetivo notou-se que a disciplina de história tem favorecido a descoberta de um patrimônio comum possibilitando sua preservação pois só assim serão conhecidos pelas futuras gerações como afirma: Sutil (2016, p. 5) é concordante com as respostas destes professores ao dizer que a disciplina história pode “estimular e ensinar o aluno a perceber a diversidade de fontes e documentos disponíveis, a variedade de pontos de

vista históricos”. A partir daí o aluno percebe que o conhecimento histórico é uma construção coletiva e não algo que se adquire aleatoriamente.

Germinari e Buczenko (2012) ratificam as respostas acima e asseguram que a disciplina História faz com que o aluno perceba e valorize o patrimônio e a memória, “utiliza-se da história local para que a criança entenda que faz parte de uma história que está em seu entorno, principalmente da cidade onde vive”

Observou-se que sempre são realizadas ações que busquem valorizar, preservar e proteger o patrimônio comum pertencentes a todos.

Estes resultados são concordados por Da Silva (2017, p. 4) pois ele diz que é importante se preservar o patrimônio histórico de uma comunidade e que são “necessárias ações educativas que visem despertar o interesse sobre a memória, as manifestações e produções do local. Para essas ações educativas atribuímos o conceito de Educação Patrimonial”.

Marchi (2010) defende a realização de ações realizadas pela escola voltadas para a preservação do patrimônio, afirmando que “uma política de preservação patrimonial acontece de forma democrática, com a participação de diversos segmentos de uma comunidade. Realmente, é preciso que todos, escola, família e comunidade, participem destas ações para que elas não representem apenas as ânsias de poucos e possa contemplar a diversidade cultural e histórica de todos.

Preservar os dados do passado, preservar a memória e a cultura e a história, perpetuar os procedimentos e obras daqueles que nos antecederam, é mais do que uma obrigação, é o pressuposto básico para o exercício da cidadania.

A escola tem a obrigação e responsabilidade de ensinar a proteger o patrimônio histórico e cultural, uma vez que a memória de todos é registrada através dos bens culturais que compõem o patrimônio, que é o elo de ligação entre o passado e o presente e, desta forma, os registros do passado devem ser preservados por todos, pois fazem parte de um patrimônio comum.

Estas afirmativas da maioria dos professores são compartilhadas por Schmidt e Garcia (2003), quando eles afirmam que a disciplina História possibilita inserir o aluno na comunidade da qual é parte, criando a historicidade e a identidade dele, levando-o a refletir sobre a realidade histórica que o cerca.

Barros (2010) concorda com os docentes acima e diz que a disciplina História permite que os alunos compreendam as realidades históricas de sua localidade e das demais localidades, não isoladas entre si, bem como compreendam os processos históricos que construíram o patrimônio comum.

A disciplina História possibilita aos alunos refletirem sobre os valores históricos locais e globais, relacionando-os com os fatos e obras históricas inerentes à sua localidade e às sociedades nacional e mundial. Possibilita ainda conhecerem a importância dos fatos históricos e de sua preservação para as gerações posteriores.

Discorrendo sobre o segundo objetivo, Barros (2010) concorda com estes resultados e afirma que se deve valorizar a memória dos sujeitos históricos “que constroem suas histórias diariamente, pois o ensino de História Local permite que possamos dar vozes àqueles autores que estiveram marginalizados pela História Oficial” (p. 8).

Ao se voltar para o ensino da história local, o professor faz com que o aluno se perceba como uma parte desta história, como sujeito desta história, passando a se interessar pelos acontecimentos que já houveram em sua comunidade e passando a aprender mais a história de sua cidade. Geralmente, parece acontecer de, nas aulas de História, serem abordados assuntos de locais distantes da realidade do aluno, o que não lhe causa nenhuma curiosidade em aprender. Mas, quando se fala dos fatos históricos acontecidos no município onde o aluno mora, aí então a aprendizagem histórica acontece, porque foi despertado nele o interesse em conhecer estes fatos.

Acredita-se que, dependendo de como ocorre o processo de ensino/aprendizagem de História, a construção da identidade histórica e cultural dos alunos pode acontecer durante todo o processo educativo.

Oliveira (2017) não concorda com os professores que disseram que “quase sempre” acontece a construção da identidade histórica e cultural. Este autor acha que essa construção está presente durante todo o processo de ensino/aprendizagem, afirmando que “esse processo é contínuo e perpétuo, o que significa que a identidade de um sujeito está sempre sujeita a mudanças” (p. 8).

Silva (2013) diz que a identidade histórica e cultural é construída durante todo o processo educativo, especialmente se nas aulas de História for abordada a história e cultura

local, pois ela “está intimamente relacionada com o sentimento de pertencimento e identificações dos indivíduos de determinada cultura”

Vaz, Pereira e André (2015) acha que a identidade histórica é sempre construída: “Podemos perceber a construção da identidade através das interações com os diferentes sujeitos e espaços sociais, nos quais buscamos, a todo tempo, construir significados para si mesmos” (p. 307).

A comunidade escolar “sempre” participa da construção da identidade histórica cultural mas para tanto é necessário a ampla participação da comunidade escolar

A participação da comunidade escolar na construção da identidade histórica cultural do aluno, é um fator primordial para que essa construção se concretize de forma satisfatória.

A construção da identidade está relacionada ao ambiente em que o aluno vivencia suas experiências e às suas origens. Deste modo, as questões históricas, políticas, culturais, religiosas e territoriais são muito importantes, fazendo com que o aluno se sinta pertencente ou excluído do ambiente ao qual está inserido (Vaz, Pereira e André, 2015, p. 311).

Carvalho (2012) defende a participação da comunidade escolar na construção da identidade histórica dos alunos, dizendo que as “instituições sociais adquirem um importante significado no processo de construção da identidade, posto que se constituem no espaço de produção de saberes, de experiências” (p. 210).

Notou-se que grande parte dos professores acreditam que exista uma relação entre a formação da identidade histórica e os conteúdos abordados durante as aulas de História.

É evidente que os conteúdos abordados em sala de aula, referentes ao ensino de História, poderão ou não contribuir para a construção da identidade histórica dos alunos. A omissão de alguns conteúdos nas aulas de História poderá contribuir para desconstruir a identidade histórica do educando.

“A partir dessa ideia acreditamos que a ausência de determinados conteúdos no currículo de História irá interferir na identidade dos alunos e reconhecimento de alguns sujeitos históricos como personagens ativos na formação do Brasil”, afirma Bittencourt (2011, p. 11).

Os conteúdos de História ensinados em sala de aula são contribuintes ou não, para a formação da identidade histórica dos alunos, ressalta Santos et al (2013). São ferramentas indispensáveis “para a formação da identidade do aluno, incorporando na vida do sujeito, as relações sociais marcadas por modos de ver, pensar, agir, criar e recriar os objetos socialmente construídos no decorrer do tempo pelos diferentes contextos culturais” (Santos et al, 2013, p. 3).

Em relação ao terceiro objetivo, a resposta da maioria dos entrevistados é defendida por Hobsbawn (1984), pois os “conteúdos presentes nos currículos são selecionados de acordo com aspectos culturais do período, determinadas temáticas são enfatizadas e outras são omitidas” (p. 1).

Santos et al. (2013) concordam com as respostas da maioria dos docentes porque para eles a construção de um ensino que resgate a identidade cultural local não ocorrerá “se os conteúdos escolares não estiverem aglutinados a História Local dos sujeitos” (p. 3).

A proposta curricular de uma escola deve, no ensino de História, relacionar conteúdos referente ao patrimônio e memória porque se assim não o fizer, o ensino/aprendizagem de História não surtirá o efeito desejado que é formar um cidadão consciente de sua história.

Segundo Bittencourt (1991) citado por Melo (2013), o currículo da disciplina História nas escolas “não deve se prestar apenas ao papel de narrar a história, mas de (re) elaborar os saberes históricos, juntamente com os alunos. O professor de História ainda tem o papel de transmitir uma “memória nacional” (p. 5)

As respostas dos professores acima são corroboradas por Silva (2007), quando ele diz que a prática curricular deve “introduzir conteúdos [...] relacionados à Educação Patrimonial”, para que os alunos “saibam identificar os laços que os identificam e estabelecer uma nova estratégia de reconhecer suas características culturais e desenvolver na sociedade valores de cidadania” (p. 33).

O currículo escolar da disciplina História deve ser elaborado de forma a proporcionar a construção de uma identidade histórica nos alunos, respeitando a especificidade de cada um deles, porque quando isto ocorre, o ensino de História constrói novas noções e novas identidades históricas.

Silva (2002) está de acordo com os docentes acima e afirma que quando o currículo seleciona os conteúdos de forma correta, refletirá na constituição de novas identidades. “Essas escolhas serão decorrentes do tipo de sujeito que queremos formar, assim, não existe currículo neutro, ele sempre é carregado de intencionalidade. O currículo constitui os sujeitos e também é constituído por eles” (p. 12).

Rebelo (2010) é a favor do currículo que contemple a ação reflexiva da História na formação de identidades, pois garante que é através do currículo escolar “que se concretizam as diferentes filosofias, ideologias e modos de pensar, [...]”.

Quanto ao quarto objetivos, Da Silva (2017, p. 2) enfatiza que os professores “precisam pensá-los muito além dos espaços públicos e com significado para a sua coletividade. O patrimônio também assume um caráter importante na formação da memória afetiva com o local e da identidade cultural do indivíduo”.

Medeiros e Surya (2012) concordam com a postura dos professores nesta questão, afirmando que:

Sem dúvida, a educação patrimonial pode ser um instrumento de “alfabetização cultural”, que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Esse processo leva ao desenvolvimento da autoestima dos indivíduos e da comunidade, e à valorização de sua cultura (p. 279).

Um ensino voltado para uma educação histórica é centrado no patrimônio cultural da comunidade, sendo um processo constante e plural, resultando na formação da identidade histórica dos alunos, sendo um processo de enriquecimento individual e coletivo. “Significa tomar os objetos e expressões do patrimônio cultural como ponto de partida para a atividade pedagógica, observando-os, questionando-os e explorando todos os seus aspectos, que podem ser traduzidos em conceitos e conhecimentos” (Medeiros e Surya, 2012, p. 279).

No contexto destes resultados, Fernandes (2004) afirma que a maioria dos “professores não incorpora em suas práticas o fazer histórico em sala de aula, resultando, entre outras deficiências, em pouco empenho no trabalho com as fontes da memória e da

documentação pessoal e escolar, na constituição dos saberes local e escolar no cotidiano da sala de aula (p. 34).

Acredita-se que o professor, para construir uma identidade histórica nos alunos, deve focar a história da cidade durante suas aulas, munindo-se de documentos e objetos que fazem parte do passado da comunidade local, refletindo e criando atividades didáticas que possibilitem a construção do saber histórico escolar.

Prévidi (2011) ressalta que focar a história na prática educativa significa que o professor tornar conhecido o bairro e a rua em que o aluno mora, abordar a história da escola, a história familiar de cada um, os lugares que os alunos já visitaram, para permitir que os educandos estabeleçam uma relação com as histórias de outros tempos, as diferenças de costumes e de arquitetura dos tempos passados de sua comunidade.

No que diz respeito à valorização da história local contribuir para formar um ser histórico e social, todos os professores responderam afirmativamente a esta questão, denotando que sabem a importância de se valorizar a história local na aprendizagem dos alunos.

Fernandes (2004) corrobora estes resultados salientando que “o estudo do patrimônio cultural local é muito importante para o ensino de História, pois permite estabelecer um diálogo com o passado por meio de uma existência material (p. 93).

Pereira e Pacheco (2013, p. 13) concorda com os professores acima e acha que deve ser valorizada a história local, da comunidade onde vivem os alunos, e defende que: “Conhecer a sua história permite ao sujeito compreender o que acontece nesse lugar, perceber que o município é mundo”.

[...] é fundamental que o aluno conheça a história de seu cotidiano, como também de seu Estado, País e do mundo, para assim compreender o porquê e como chegou até aqui, como se desenvolveram as culturas, políticas, estrutura, economia, entre outras características (Nascimento; Schier, 2016, p. 7).

Referindo-se aos conteúdos proporcionarem a construção de uma memória comum e o reconhecimento da cultura, todos os docentes disseram que sim, que os conteúdos trabalhados em sala de aula, se forem inerentes à história e à cultura, construirão a memória comum dos alunos.

Os conteúdos ensinados em sala de aula, abordando o patrimônio local “sob a forma de saber escolar a ser resignificado pelas novas gerações que chegam à escola, contribui para a formação da identidade do educando, neste contexto de globalização e mudanças aceleradas”, salienta Fernandes (2004, p. 27).

É através dos conteúdos ensinados na sala de aula “que o professor de história precisa pensar e construir propostas pedagógicas que contribuam para o pleno desenvolvimento de uma memória comum [...]”, afirma Guimarães (2012) citado por Sutil (2016, p. 3).

Abreu e Chagas (2009) também se posicionam sobre estes resultados quando dizem que “a escola é um espaço privilegiado de produção da memória coletiva, das identidades sociais [...] (p.9).

O conteúdo da disciplina História devem ser trabalhados de forma que conduzam os alunos a refletirem e a adquirirem uma memória comum, reconhecendo a sua cultura local.

Na discussão do quinto objetivo, Marchi (2010) aplaude a postura da maioria dos professores acima, afirmando que “Conhecer o nosso passado e preservar a memória e a cultura é requisito para as ações no presente”.

Abordar as noções de patrimônio histórico e cultural e da memória significa alfabetizar culturalmente, possibilitando aos alunos conhecerem a história da sua comunidade e dos seus antepassados, levando-os a compreenderem o universo cultural e a trajetória histórico-temporal em que estão inseridos, salienta Pacheco (2010).

Acredita-se que é importante resgatar a memória coletiva, pois este fato significar valorizar o passado e seus legados, é valorizar todos os fatos acontecidos em épocas remotas, é construir a história atual baseada nos fatos históricos anteriores, é construir a cidadania histórica.

Le Goff (2003) corrobora com os resultados desta questão, afirmando que memória coletiva é identidade social porque somos seres históricos. É relevante resgatar esta memória porque ela é “o acúmulo de referências de outras épocas que formam a estrutura da sociedade em que estamos inseridos. Estas referências constituem o patrimônio cultural” (p. 12).

“A memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção” (Le Goff, 2003, p.

As respostas dos professores que responderam positivamente são corroboradas por Pacheco (2010) quando ele afirma que o planejamento didático deve valorizar os bens culturais das sociedades, principalmente os bens culturais das comunidades locais, pois quando são conhecidos pelos alunos, passam a ser incorporados às suas vivências.

Da Silva (2017) defende a inclusão das noções de patrimônio e memória no planejamento escolar, ressaltando que “o ensino de História se mostra de extrema importância para levar a cabo uma das premissas básicas do ensino básico que é permitir o pensamento crítico”.

Todos os professores que responderam ao questionário, informaram que sempre fazem a articulação do saber histórico com o saber pedagógico durante o ensino de História.

Este resultado é defendido por Da Silva (2017, p. 8) quando ele diz que quando se faz a ligação entre os conteúdos de História com o saber pedagógico:

[...] possibilita atividades investigativas dos usos do espaço geográfico, dos recursos naturais, das manifestações artísticas, religiosas e sociais locais e permite um rompimento com um ensino de história mecânico que se atém a currículo petrificado da história dos grandes heróis nacionais que foi muito praticado no passado.

É necessário que nas aulas de História seja feita a articulação entre o saber histórico e o saber pedagógico, para que o exercício da cidadania seja concretizado. O aluno precisa entender o saber histórico faz parte da aprendizagem pedagógica.

Os conteúdos pedagógicos farão parte de uma parcela na “perspectiva para a preservação cultural do saber histórico construído na escola”, ressaltava Fernandes (2004, p. 5). Desta forma, o saber histórico produzido pela escola, faz-se muito importante para que o aluno aprenda a gostar dos fatos do passado.

Quando foi perguntado aos alunos se sua professora lhes solicita que entrevistem seus pais ou pessoas da comunidade sobre os fatos culturais da sua comunidade.

Observou-se que, diante destes resultados que há um consenso entre as respostas dos alunos dos dois colégios, denotando que os professores realmente não estão inovando a sua

metodologia, parecem se limitar a um ensino de História baseado apenas nos livros didáticos, sem priorizar a história local.

É importante que o ensino de História aborde os fatos históricos da comunidade de entorno do aluno e do município onde ele vive, para que haja uma maior compreensão sobre o passado e seus acontecimentos, resgatando a identidade histórica e social do aluno.

Barbosa (2006) citado por Barros (2016, p. 3) não concorda com a postura dos professores que nas suas aulas de História não mencionam a história local, salientando que o ensino de história local “apresenta-se como um ponto de partida para a aprendizagem histórica, pela possibilidade de trabalhar com a realidade mais próxima das relações sociais que se estabelecem entre educador / educando / sociedade e o meio em que vivem e atuam”.

Barros (2016) também discorda dos docentes que não abordam a história local porque desta forma os alunos não observam e nem percebem o “significado de outras matérias construídas no passado, nem compreendem que as realidades históricas de determinada localidade e de seus habitantes no tempo não se dão isoladas do mundo” (p. 4).

Siqueira, Cardoso e Cesar (2012) discordam dos docentes que não solicitam aos alunos entrevistas à família e à comunidade, porque esta forma de agir sinaliza para o fato de que “o ensino da História local muitas vezes é deixado de lado [...]”. Estes autores dizem que é “necessário que a História local faça parte dos projetos e atividades desenvolvidos nas escolas e, assim como a História do Brasil e Geral, a ela seja dada à importância que lhe cabe (p. 161).

Referente a questão da abordagem pela professora sobre os lugares que compõem o patrimônio histórico/cultural local, houve uma divergência nas respostas dos alunos porque a maioria dos alunos do CESB disseram que sua professora de História “nunca” abordou os lugares históricos de sua cidade durante as aulas, enquanto a maioria dos alunos do Tancredo Neves afirmaram que sua professora “quase sempre” falava sobre estes locais.

Os professores do CESB devem olhar com atenção a escolha dos conteúdos que irão ensinar na sala de aula, não se atendo ao livro didático, pois este não contempla a história local, o que faz com que o ensino de História fique restrito, reduzindo-se a um caráter livresco. Eles devem diversificar sua metodologia, direcionando-a para um ensino que contemple abordagens dos lugares históricos e culturais da cidade. Os professores do Tancredo Neves demonstraram maior compromisso com um ensino de História que desperte o interesse do alunado, pois quando se fala da história local o interesse é maior por parte do aluno.

Giroux e Simon (1994) citados por Barros (2016), concordam com os professores do Tancredo Neves e ressaltam que eles devem “sempre” falar sobre o patrimônio histórico local, porque, são “abordagens desse tipo que apresentam um ganho pedagógico para os estudantes ao tornar disponíveis “aquelas narrativas, histórias locais e memórias que foram excluídas e marginalizadas nas interpretações dominantes da história” (p. 18).

Outro autor, Santos (2016), discorda com os professores que nunca falam sobre a história local durante suas aulas, porque a abordagem sobre a história local do município pode contribuir “para estabelecer uma maior relação no que diz respeito das camadas populares com o ensino de História, criando uma via de mão dupla, onde a população se sentiria como participes de fato dos acontecimentos históricos e os alunos formariam ou fortaleceriam suas noções de identidade com o local e conseqüentemente o regional, nacional e mundial (p. 51).

Foi informado pela maioria dos alunos do CESB que sua professora nunca lhes solicitou que trouxessem fotos, documentos e demais objetos antigos da cidade, e a maioria dos alunos do Tancredo Neves disseram que quase sempre lhes era feito este pedido.

Estes resultados demonstram que os professores do Tancredo Neves realizam um ensino de História voltado para a realidade dos alunos, o que pode conduzir para uma aprendizagem mais significativa do que a dos alunos do CESB. Os professores do CESB, embora se mostrassem preocupados com o ensino voltado para a preservação e valorização do patrimônio e memória, precisam entender que um ensino de História é mais produtivo se a história local for considerada prioritária, uma vez que irá despertar nos alunos o interesse em aprender a disciplina História. Quando, no ensino de História, são esquecidas as identidades locais nos currículos escolares, se esquece e se renega traços importantes da região onde o aluno vive e, desta forma, ele não sentirá prazer em aprender a história de outros locais que sequer conheceu.

Barros (2016) compartilha a postura dos professores do Tancredo Neves ao afirmar que no ensino de História deve ser levada em consideração a experiência de vida do aluno, é “necessária uma perspectiva teórico-metodológica que fale da vida das pessoas, das memórias e lembranças dos sujeitos de todos os segmentos sociais. É preciso dar voz á histórias desses sujeitos que sempre estiveram excluídos dos conteúdos ensinados” (p. 17).

Souza (2012) citado por Santos (2015) não concorda com os professores do CESB porque não dão ênfase à história local através de objetos e narrativas históricas, afirmando que se perdem “identidades e memórias coletivas associadas às vivências do contexto local,

quando a prática do profissional de História deixa de lado o conjunto de abordagens da história cotidiana através dos suportes, tais como: cordéis, músicas, poesias, fotografias, filmes, documento de arquivos, entre outros” (p. 54). Além disto, não solicitar objetos e documentos históricos aos alunos, ou seja, não dar atenção “a esses suportes que contam as trajetórias do lugar, esvazia a ideia de pertencimento” (p. 54).

A maioria dos alunos do CESB e dos alunos do Tancredo Neves afirmaram que nunca foram realizados ações de incentivo a valorização do patrimônio histórico. Esse resultados

Estes resultados sinalizam para o fato de que a maioria dos professores entrevistados nesta pesquisa, não se preocupam em administrar um ensino de História que desperte o interesse do alunado, porque quando a escola não dialoga com a comunidade, o processo de ensino/aprendizagem fica restrito aos muros escolares e a clientela escolar terá limitações na sua aprendizagem. Ao agirem desta forma, os professores estarão contribuindo para que as histórias dos alunos sejam relevadas ao esquecimento.

Santos (2016) vai de encontro ao ensino dos professores acima, afirmando que ao usarem este tipo de metodologia, os professores, estarão favorecendo o esquecimento e o silenciamento da história local dos alunos. Cabe ao professor de História modificar suas estratégias de ensino no intuito de “construir uma memória social, onde os sujeitos sejam realmente imortalizados, por meio da contribuição na construção de identidades que abranjam o local, como também o geral (p. 52).

Siqueira, Cardoso e Cesar (2012) ressaltam que o professor de História deve extrapolar o conteúdo de sua disciplina, e que a “lousa não deixa de existir, as provas continuam a serem cobradas, o livro didático permanece como ferramenta de aprendizado, mas o conhecimento, pela dinâmica transdisciplinar adquirida na contemporaneidade não se limita a esses elementos (p. 163).

Todos os alunos dos dois colégios participantes desta pesquisa informaram que os professores nunca *realizavam* excursões aos prédios antigos da sua cidade.

O professor de História não deve limitar seu trabalho educativo ao espaço da sala de aula. Deve extrapolar os muros da escola e avançar em direção de outros espaços que permitam a aquisição de conhecimentos. Para realizar um ensino significativo deve procurar inovar a sua metodologia e buscar novas estratégias de ensino. Sabe-se que a história local é formadora de conhecimentos históricos e de construção de identidades sociais, portanto,

deve-se procurar um contato maior com objetos e obras históricas e culturais, para que a aprendizagem se torne profícua.

Ao realizarem excursões aos prédios antigos da cidade, os professores mostrarão aos alunos a diferença entre o presente e o passado, onde era terreno baldio hoje é uma construção, onde só havia matas hoje estão casas, onde havia estrada de chão hoje é asfalto. Agindo assim, despertarão nos seus alunos a vontade de conhecer o passado de sua cidade e de aprender a disciplina História.

Santos (2016) é discordante dos professores que, durante o ensino de História, não levam os alunos a visitarem prédios históricos, afirmando que a “proximidade entre passado e presente, auxilia nas construções de noções de ação e intervenção direta dotada de uma consciência histórica, [...], onde a população se sinta mais participe da vida política e social da localidade, região, nação e mundo (p. 4).

Neves (1997) defende a visita a monumentos históricos enfatizando que a história local é um diálogo entre passado e presente, tendo como função a construção do conhecimento a partir da união sujeito do estudo (historiador/presente) e o objeto de estudo (ações/passado).

Schmidt e Cainelli (2004) não concordam com a postura dos professores acima, que segundo os alunos nunca realizam excursões aos prédios antigos da cidade, esclarecendo que “entre os objetivos do ensino de história local, destaca-se a importância do aluno conhecer e aprender a valorizar o patrimônio histórico da sua localidade, de seu país e do mundo” (p. 114).

Siqueira, Cardoso e Cesar (2012) também discordam dos professores deste estudo e defendem as excursões e visitas aos prédios antigos das cidade, como uma estratégia de ensino, e ressaltam que as excursões a estes prédios contribui para “uma desterritorialização dos espaços de aprendizado, visto que sem eliminar a aula expositiva e os exercícios de sala de aula, aprende-se e ensina-se História em muitos espaços e por muitos meios” (p. 164).

Cainelli (2008) acha importante a metodologia de ensino que utilize excursões e visitas a monumentos antigos locais durante o ensino de História, ressaltando que “existe um significado apropriado pelos sujeitos que transitam pelos locais chamados históricos e contam aos seus filhos algo sobre a cidade onde moram” (p. 8).

A preservação do patrimônio cultural da cidade, segundo os alunos do Tancredo Neves, sempre era motivo de questionamentos por parte dos professores, que demonstravam

a importância dessa preservação para as gerações futuras. Entretanto, os professores do CESB raramente mencionavam essa importância, disseram os alunos.

Quando se fala em patrimônio se faz referência a algum bem que pode ou não ser deixado de herança para alguém. Desta forma, se falar em patrimônio cultural significa que é um produto de cultura que foi herdado pela geração atual e que deve ser conservado para as gerações vindouras, por isso, é essencial que sua preservação seja falada pelos professores nas aulas de História.

Barros (2014) corrobora com a postura dos professores do Tancredo Neves afirmando que “Patrimônio é tudo aquilo que nos pertence. É a nossa herança do passado e o que construímos hoje. É obrigação de todos nós, preservar, transmitir e deixar todo esse legado, às gerações vindouras” (p. 17).

Horta (1999) citado por Barros (2014) não concorda com a postura dos professores do CESB, pois para este autor, falar sobre a preservação do patrimônio cultural local é fundamental e deve ser “um processo permanente e sistemático de trabalho educacional, centrado no patrimônio [...] um instrumento de promoção e preservação do patrimônio” (p. 18)

Constatou-se determinados pontos divergentes entre algumas respostas dos professores e alunos entrevistados, percebeu-se que os professores do Colégio Tancredo Neves realizam um ensino de História mais comprometido com a formação da identidade histórica dos alunos, enquanto os professores do CESB parecem se restringir a um ensino mais tradicional, abordando de forma menos enfática a história local .

6. CONCLUSÃO

Os resultados dessa pesquisa demonstraram que a hipótese foi positiva, ou seja, o ensino de história contribuiu para a preservação e valorização do patrimônio e memória local na construção de valores socioeducativos.

Os objetivos específicos foram amplamente alcançados, e respondidos com nitidez por todos os professores questionados. Nesse marco, em relação ao primeiro objetivo da pesquisa: **identificar a percepção dos alunos quanto a preservação e valorização do patrimônio e memória;** constatou-se que o ensino de História tem favorecido a descoberta de um patrimônio comum e a escola sempre deve desenvolver ações que visem conscientizar seus os alunos sobre a importância de preservar e valorizar o patrimônio e a memória histórica, pois trata-se de um patrimônio comum pertencentes a todos.

Quanto ao segundo objetivo, conseguiu-se **averiguar como a comunidade escolar e local incorpora o processo de construção de identidade histórica e cultural. Em efeito,** apurou-se que o ensino da história local sempre contribui para a aprendizagem da histórica. A abordagem da história local facilita a aprendizagem histórica porque ao trabalhar com o cotidiano do aluno, suas vivências e seu meio social mais próximo, torna interessante a aprendizagem, uma vez que estudar a realidade mais próxima do aluno, desperta o seu interesse em saber cada vez mais.

Ao se tratar do terceiro objetivo, pode-se **verificar se a proposta curricular proporciona a interação de história como ação reflexiva na construção de identidades.** Referente ao conteúdo do currículo, o mesmo evidenciou um ensino que prioriza o resgate da identidade cultural local, verificou que “sempre” acontece dos conteúdos estarem voltados para a construção da identidade cultural local e que conteúdos constantes na grade curricular contemplam um ensino voltado para construir a identidade cultural local dos alunos.

No quarto objetivo, conseguiu-se **constatar se o ensino de história relaciona o conteúdo patrimônio e memória como forma de resgate da identidade cultural da cidade.** Foi exposto que a importância do patrimônio e memória na formação da identidade histórico/cultural é grande a importância no resgate da identidade cultural da cidade e contribui para a construção de uma identidade histórica mais ampla dos alunos. Assim haverá de fato a valorização de sua história, permeando o reconhecimento de sua cultura.

Para o quinto objetivo, os dados ajudaram a conferir como é abordado as noções de patrimônio e memória na prática educativa. notou-se que as noções de patrimônio e memória são abordadas nas aulas de história pelos professores que procuram resgatar a memória coletiva articulando o saber histórico ao pedagógico; é muito importante que nas aulas de História o professor aborde as noções de patrimônio e de Memória. Porque, conforme afirma Maltez (2010, p. 42), “as noções de [...] preocupar-se em preservar um patrimônio histórico-cultural encontram-se intrinsecamente ligadas aos sentimentos de pertencimento e reconhecimento”.

Considerar a preservação do patrimônio histórico como uma questão de cidadania na construção de valores socioeducativos implica reconhecer que, como cidadão temos o direito à memória, mas também o dever de contribuir para a manutenção desse rico e valioso acervo cultural de nosso país e conseqüentemente do local em que vivemos. A pesquisa buscou

refletir sobre o ensino de história na preservação e valorização do patrimônio, memória local. Os investigados reconhecem a importância da história na construção desses valores e admitem o papel fundamental da instituição escolar no exercício e formação da cidadania de nossos jovens é por isso que defendemos a necessidade de que a temática do patrimônio histórico seja sempre tratada e defendida no processo de ensino-aprendizagem.

A partir do seu presente e de suas experiências, alunos e professores podem se apropriar da história como uma ferramenta com a qual romperiam, destruiriam e decifriam a linearidade da história, fazendo com que ela perca o seu poder como única fonte de orientação para a compreensão do presente.

Trata-se aqui, da possibilidade de aproximar o professor das formas como são produzidos os saberes, permitindo que se aproprie e ou se construa formas pelas quais esses saberes possam ser aprendidos e socializados.

Assim a disciplina de história, através do trabalho do professor, pode, tornar possível a construção de uma identidade cultural bem como desenvolver a consciência preservacionista de nossos bens culturais, ao mesmo tempo que reforçamos o discurso hegemônico predominante, que nossa cidade tem passado, memória e história que devem ser preservados para atuais e futuras gerações.

7. RECOMENDAÇÕES

Após conclusão relatada nesse estudo, seguem-se algumas recomendações:

- Mobilização de toda a comunidade escolar em torno da temática da preservação e valorização do patrimônio histórico cultural;
- Proporcionar excursões aos prédios, monumentos e acervo histórico existentes na cidade;
- Socialização do resultado desta pesquisa com todos os docentes de História das escolas do município de Senhor do Bonfim para que reconheçam a importância de um ensino pautado em conteúdo que proporcionem a construção de uma identidade histórica local;

- Que esse estudo possa suscitar novas pesquisas no ensino de História possibilitando maior reflexão da prática em sala de aula.

REFERÊNCIAS

- Abreu, I. (2003). A Pedagogia de Projetos: O novo olhar na aprendizagem. **Artigo NET**. Disponível em blog.educacaoadventista.org.br/sarinhaneres/arquivos/A_Pedagogia_de_Projetos3.doc> Acesso em 12 dez 2017.
- Abreu, R.; Chagas, M. (2004). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*, Rio de Janeiro, DP&A.
- _____ (2009). *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Lamparina.

- Abud, K. (2014). *Currículos de História e políticas públicas: os programas de História do Brasil na escola Secundaria*. 4. ed. São Paulo: Contexto.
- Alves, L. A. M. (2007). *A história local como estratégia para o ensino da história*. Porto: Universidade do Porto.
- Antunes, I. (2003). *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola.
- Aranha, J.C.T. (2018). *Metodologia de La Investigación Científica*. 2 ed. Assunção: Marben Editora.
- Arroyo, M. A. (2005). Educação Patrimonial ou a cidade como espaço educativo? In: *Revista Outro Olhar – revista de Debates*. Ano IV, n. 4, BH, out. 2005. Citado por Maltez,
- C. R. et. al. (2010). Educação e Patrimônio: O papel da Escola na preservação e valorização do Patrimônio Cultural. *Pedagogia em ação*, v.2, n.2, p. 1-117, Nov, semestral.
- Barbosa, V. L. (2006). Ensino de História Local: Redescobrimo Sentidos. *Saeculum, Revista de História*. João Pessoa: jul/dez. Citado por Barros, C. H. F. (2016). O ensino de história, memória e história local. *Brasil Escola*. Artigo NET. Disponível em <http://meuartigo.brasescola.uol.com.br/historia/ensino-historia-memoria-historia-local.htm>> Acesso em 8 jan 2018.
- Barros, B. B. (2014). *A presença dos conceitos de memória e patrimônio cultural nas monografias do curso de biblioteconomia da UFPB*. Monografia apresentada à Universidade Federal da Paraíba, para obtenção do grau de Licenciado em Biblioteconomia.
- Barros, C. H. F. (2016). O ensino de história, memória e história local. *Brasil Escola*. Artigo NET. Disponível em <http://meuartigo.brasescola.uol.com.br/historia/ensino-historia-memoria-historia-local.htm>> Acesso em 8 jan 2018.
- Biasoli, C. L. A. (1999). *A formação do professor de arte: do ensaio... à encenação*. 3. Ed. Campinas, SP: Papyrus Editora.

- Bicudo, M. A. V.; Borba, M. C. (1999). *Educação matemática: pesquisa em movimento*. 2. ed. São Paulo: Cortez.
- Bittencourt, C. M. F. (2009). *Ensino de História: Fundamentos e Métodos*. Editora Cortez: São Paulo.
- _____ (2011). *Ensino de História fundamentos e métodos*. 4 ed. São Paulo: Cortez.
- _____ (2008). *Identidade nacional e ensino de história do Brasil*. 5. ed. São Paulo: Contexto.
- _____ (2006). *O Saber Histórico na sala de aula*. 11. ed. São Paulo: Editora Contexto.
- _____ (1991). *As tradições nacionais e o ritual das festas cívicas*. 3. ed. São Paulo: Contexto. 1991.
- Bosi, E. (1994). *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Cia das Letras.
- Brandão, C. R. (1995). *O Que é Educação*. 33. ed. São Paulo: Brasiliense.
- Brandão, C. R. A. (1981). *A educação como cultura*. São Paulo: Brasiliense. IN: Parreira, L. A.; José Filho, M. A educação não formal: desafios de uma prática pedagógica. *Serviço Social & Realidade*, Franca, v. 19, n. 1, p. 241-268, 2010. Disponível em <http://periodicos.franca.unesp.br/index.php/SSR/article/viewFile/442/429>> Acesso em set 2017.
- Brito, A. (2006). *Formação dos professores e práticas docentes*. BH: Ed.Autêntica.
- Caimi, L. N. M. (2006). Porque os alunos (não) aprendem História? Reflexões sobre o ensino, aprendizagem e formação de professores de História. *Revista Tempo Seilo Brasil*.
- Cainelli, M. (2008). *Educação Histórica: ensinando e aprendendo história no ensino fundamental: Texto Mesa Redonda apresentado no VIII encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História: Metodologias e Novos Horizontes*,

realizado na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, no período de 28 a 31 de julho de 2008.

- Canclini, N. G. (1994). O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. *Revista do Patrimônio Histórico Artístico Nacional*, nº 23, p.94-115.
- Canen, A & Moreira, A. F. (2001). *Ênfases e omissões no currículo*. Campinas: Papyrus.
- Ceccon, C. et al. (1993). *A vida na escola e a escola da vida*. 26. ed. Petrópolis : Vozes. Disponível em < <http://www.ulbra-to.br/eventos/congresso2005>> Acesso em 06 set 2017.
- Carvalho, M. (2012). A construção das identidades no espaço escolar. *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 20, n. 1, p. 209-227, jan./jun.
- Carvalho, R. T. (2004). *Discursos pela interculturalidade no campo curricular: da educação de jovens e adultos no Brasil nos anos 1990*. Recife: Edições Bagaço.
- Carvalho, M. V. C. (2004). *Histórias de ser e fazer-se educador: desvelando a identidade do professor universitário e suas possibilidades emancipatórias*. 2004. 230 f. Tese (Doutorado em Educação) – PUC, São Paulo.
- Cavalcanti, L. S. (2006). *Formação de professores: concepções e práticas em geografia*. Goiânia: Vieira.
- Cavalcanti, E. C. O. et al. (2004). *Representações de trabalho por alunos de licenciaturas em uma instituição de ensino superior*. Eixo Temático 4- Formação de Professores. Disponível em http://www.fundaj.gov.br/images/stories/epepe/III_EPEPE/representacoes_de_trabalho.pdf> Acesso 18 jan 2018.
- Coll, C. (2006). O currículo do ensino fundamental no despertar do século XXI. *Pátio – Revista Pedagógica*, Porto Alegre, ano X, n. 37, p. 36-38, fev. / abr.
- Choay, F. (2001). *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade: Editora Unesp.
- Costa, M. V. (1999). *O Currículo nos limiares do contemporâneo*. Rio e Janeiro: DP&A.

- Costa, M. B. (2006). Refletindo sobre a Educação escolar. *Diálogos possíveis*. Ano 5, n.1 (jan/jun.) p. 159, 198.
- Costa e Silva, A. (1992). *Um breve histórico do patrimônio*. IN; Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural (IBPC). Memória e Educação. Rio de Janeiro: IBPC/Departamento de promoção /Paço Imperial.
- DA Silva, A. R. (2017). Patrimônio cultural e ensino de história: a educação patrimonial como estratégia de ensino de história local e regional. *XXIX Simpósio de História Nacional*. Contra o preconceito: História e Democracia.
- Doll, (2002). W. *Currículo: uma perspectiva pós-moderna*, Porto Alegre: Artmed.
- Fernandes, L. Z. (2004). *Patrimônio cultural e saber histórico escolar*. Dissertação apresentada à Universidade Federal do Paraná, UFP, para obtenção do grau de Mestre em Educação. Disponível em <http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/34227/R%20-%20D%20-%20LINDAMIR%20ZEGLIN%20FERNANDES.pdf?sequence=1>> Acesso em 20 nov 2017.
- Ferraço, C. E. (2006). Possibilidades para entender o currículo escolar. *Pátio – revista pedagógica*, Porto Alegre, ano X, n. 37, p. 9-11, fev. / abr.
- _____ (2004). *Possibilidades para entender o currículo escolar*. Citado por Santana, L. A. (2012). O currículo escolar e sua importância. Disponível em <http://blogdelucianasantana.blogspot.com.br/2012/10/possibilidades-para-entender-o.html>> Acesso em 10 jan 2018.
- Ferreira, L. S. (2001). *Produção de leitura na escola*. Ijuí: Unijuí.
- Fonseca, S. G. (2003). *Didática e prática de ensino de história*. São Paulo. Ed. Papirus.
- Forquin, J. C. (1996). As abordagens sociológicas do currículo: orientações teóricas e perspectivas de pesquisa. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, n. 21, p. 184-188.
- Freire, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998, p. 54.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

Freitas, R. (2008). Ensino de Geografia e Educação Inclusiva: estratégias e concepções.

Revista Urutágua - revista acadêmica multidisciplinar – nº 14 – dez. 07/jan./fev./mar – Quadrimestral – Maringá - Paraná – Brasil

Germinari, G.; Buczenho, G. (2012). História local e identidade: um estudo de caso na perspectiva da educação histórica. *História & Ensino*, Londrina, v. 18, n. 2, p. 125-142, jul./dez.

Giroux, h. & Simom, R. (1994). *Cultura Popular e Pedagogia Crítica: A Vida Cotidiana Como Base Para O Conhecimento Curricular*. São Paulo: Cortez, 1994. Citado por Barros, C. H. F. (2016). O ensino de história, memória e história local. *Brasil Escola*. Artigo NET. Disponível <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/junho2013/historia>> Acesso em 8 jan 2018.

Gil, C. (2008). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas.

Godoy, A. S. (1995). Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Rev. adm. empres.* vol.35 no.3 São Paulo May/June.

Godoy, M. C. (1985). Patrimônio cultural: conceituação e subsídios para uma política. IN: Encontro Estadual de História. 4. Belo Horizonte. *Anais...História e historiografia e*, Minas Gerais. Belo Horizonte, ANPUH/MG.

Guimarães, S. (2012). *Didática e prática de ensino de História: experiência, reflexões e aprendizado*. 13. ed. rev. ampl. Campinas, SP: Papirus

_____. (2015). *Didática e prática de ensino de história: Experiências, reflexões e aprendizado*. 14. ed. rev. e ampl. Campinas, SP: Papirus.

Ilza, M.; Menegolla, (2000). M. *Por qué planejar? Como planejar?* 9. ed. São Paulo: Vozes.

Hobsbawm, E. (1984). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

_____. (1995). *Era dos extremos: o breve século XX, 1914-1991*. São Paulo: Cia. das Letras

- _____ (2008). *Era dos extremos: o breve século XX, 1914-1991*. 2. ed. São Paulo: Cia. das Letras.
- _____ (2012) *Sobre História*. São Paulo: Companhia das letras.
- Hoffing, M. A. Z. (2003). *As páginas de História*. Cad. Cedes. Volume 23. Número 60. Campinas. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0101-> Acesso em 21 jan 2018.
- Horta, M. L. P. Grunberg, E.; Monteiro, A. Q. (1999). *Guia básico de educação patrimonial*. Brasília: IPHAN.
- Horta, M. L. P. (1999). *Guia básico de Educação Patrimonial*. Brasília: Iphan; Museu Imperial.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2007). *Censo Demográfico*. Rio de Janeiro: IBGE.
- Jacomini, M. A.; Penna, M. G. O. (2016). Carreira docente e valorização do magistério: condições de trabalho e desenvolvimento profissional. *PRO-POSIÇÕES*, v. 27, n. 2, maio/ago.
- Jardim, J. M. (1995). A invenção da memória nos arquivos públicos. *Revista Ciência da Informação*, Brasília, v. 25, n. 2, 1995.
- Jeudy, H. P. (2003). *Memórias do social*. 2. ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária.
- Kaercher, N. A. (2003). Quando a geografia crítica pode ser um pastel de verão. *Mercator, Revista de Geografia da UFC*, Ano 3, n. 6.
- Lakatos, E. M.; Marconi, M. A. (1990). *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas.
- Le Goff, J. (1990). *História e memória*. Tradução Bernardo Leitão. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.
- _____ (1997). *Patrimônio histórico, cidadania e identidade cultural: o direito à memória*. São Paulo: Conexto.

- Maltêz, C. R. et al. (2010). Educação e Patrimônio: O papel da Escola na preservação e valorização do Patrimônio Cultural. *Pedagogia em ação*, v.2, n.2, p. 1-117, Nov, Semestral.
- Marchi, D. M. (2010). Memória e patrimônio: porque preservar? *REJUP*, Rede Juvenil pelo Patrimônio Mundial, 5 de agosto.
- Marques, E. P. S. (2007). Afro-descendentes e educação: uma leitura de cultura e currículo escolar pela lente dos estudos culturais. *UCDB GT Afro-Brasileiros e Educação*, n.21.
- Marques, A. F. (2016). A educação escolar e o resgate da identidade cultural das classes populares. *Ciência & Educação*, pp. 65 a 73. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v6n1/07.pdf>> Acesso em 10 jan 2018.
- Martins, J. S. (2001). Educação com pé no chão do sertão: proposta político-pedagógica para as escolas municipais de Curaçá (BA). Petrolina: Gráfica Franciscana.
- Medeiros, M. C.; Surya, L. (2012). *A Importância da Educação Patrimonial Para a Preservação do Patrimônio*. Rio de Janeiro. Manual X.
- Melo, H. F.S. (2103). Patrimônio e memória no currículo escolar. Programa de Pós-Graduação Comunicação, Linguagem e Cultura, *UNAMA*, N. 1.
- Mendonça, J. A.; Fonseca, S. G. (s.d.). *Jovens, saberes históricos e construção da identidade juvenil*. Projeto de Pesquisa desenvolvida no Grupo “Formação docente, saberes e práticas de ensino de História”, vinculado à Linha de Pesquisa Saberes e Práticas Educativas do PPGED/UFU. Disponível em <http://ojs.fe.unicamp.br/index.php/FEH/article/viewFile/5111/4065>> Acesso em 18 jan 2018.
- Menezes, E. T.; Santos, T. H. (2002). *Gestão escolar (verbetes)*. São Paulo: Midiatix Editora.
- Menezes, U. B. (1992). A História: cativa da memória. Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. IN: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, n. 34.

- Merlo, F. (2015). Documento, história e memória: a importância da preservação do patrimônio documental para o acesso à informação. *Inf. Inf., Londrina*, v. 20, n. 1, p. 26 - 42, jan./abr. 2015. Disponível em <http://www.uel.br/revistas/informacao/Acesso> 12 fev 2018.
- Minayo, M. C. S. (2008). *O desafio do conhecimento*. 11 ed. São Paulo: Hucitec.
- Miras, M. (1998). *Um ponto de partida para a aprendizagem de novos conteúdos: os conhecimentos prévios*. Citado por Cury, R. P. A. (2011). Técnicas e práticas no ensino de ciências. Monografia apresentada à Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, para obtenção do título de Especialista em Ensino de Ciências.
- Monlevade, J. A. C. de. (2000). *Valorização salarial dos professores: o papel do piso salarial profissional nacional como instrumento de valorização dos professores da educação básica pública* (305 pp). Tese de Doutorado em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Moreira, A. F. B.; Candau, V. M. (2003). Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. *Rev. Bras. Educ.* n. 23 Rio de Janeiro May/Aug.
- Moreira, R. N. P. (2011). *História e Memória: Algumas observações*. Disponível em <http://pablo.deassis.net.br/wp-content/uploads/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf>> Acesso em 12 dez 2017.
- Monteiro, A. M. (2001). *Ensino de História: das dificuldades e possibilidades de um fazer*. Rio de Janeiro: 2001.
- Nascimento, M. L. J.; Afonso, S. D. (2016). A influência do ensino de história na educação infantil e formação do aluno. *Educação em Foco*, Edição nº 08.
- Nascimento, H. H. D.; Mesquita, T. P. N. (2009). O Semiárido Nordeste na sala de aula: uma proposta de transversalidade para os anos finais do Ensino Fundamental. *Sociedade e Território*, Natal, v. 21, nº 1 – 2 (Edição Especial), p. 95 - 109, jan./dez.

- Nascimento, L. J.; Schier, D. A. (2016). A influência do ensino de história na educação infantil e formação do aluno miranda, *Educação em Foco*, Edição nº: 08.
- Neves, J. (1997). História Local e Construção da Identidade Social. *Revista Saeculum*, João Pessoa, v. 3, p. 13-27, 1997.
- Oriá, R. (2001). *Memória e Ensino de História*. 5. ed. São Paulo: Contexto.
- Pacheco, R. A. (2010). Educação, memória e patrimônio: ações educativas em museu e o ensino de história. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 30, n. 60, p. 143-154.
- Padilha, P. R. (2004). *Currículo intertranscultural: novos itinerários para a educação*. São Paulo: Cortez, 24-147. Disponível em <<http://www.paulofreire.org.br/Textos/Conferencia%20de%20Carlinda%20Leite.pdf>> Acesso em 17 set 2017.
- Peliano, J. C. P. (1998). A importância da Educação para o Novo Modo de Produção do Conhecimento., mimeo. Citado por Cavalcanti, E. C. O. et al. (2004). Representações de trabalho por alunos de licenciaturas em uma instituição de ensino superior. Eixo Temático 4- Formação de Professores. Disponível em http://www.fundaj.gov.br/images/stories/epepe/III_EPEPE/representacoes_de_trabalho.pdf> Acesso 18 jan 2018.
- Peixoto, F. C. (2010). A metrópole e a patrimonialização do território: a análise dos bairros de Santa Teresa (Rio de Janeiro) e Alfama (Lisboa). III Seminário Nacional Metropole: Governo, Sociedade e Território. *Revista Tamoios*. Ano VI. Nº 1.
- Pelegriani, S. C. A. (2007). Os bens intangíveis e as políticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil: histórias, narrativas e memórias. *III Encontro De História Da Arte – IFCH / UNICAMP*.
- Pereira, J. C. C.; Pacheco, M. B. (2013). *O Ensino de História nas Séries Iniciais*. Editora FTD. São Paulo. Citado por Nascimento, M. L. J.; Afonso, S. D. (2016). A influência do ensino de história na educação infantil e formação do aluno. *Educação em Foco*, Edição nº 08. Disponível em:

<http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada10/_files/VOvTHqqQ.pdf>. Acesso em: 18 jan 2018.

- Peres, L. P. S. (2015). *A formação de professores dos anos iniciais do ensino fundamental em relação às TICs*. Monografia apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRS, para obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação.
- Pontuschka, N. N.; Paganelli, T. L.; Cacete, N. H. (2007). *Para ensinar e aprender geografia*. São Paulo: Cortez.
- Possamai, Z. R. (2010). *Cidade: escrituras da memória, leituras da história*. Porto Alegre, Evangraf, citado por Prévídi, G. B. S. (2011). *Patrimônio e memórias nas práticas de educação patrimonial do arquivo histórico Moysés Vellinho de Porto Alegre/RS (1997 a 2005)*. 61 fls. Monografia apresentada à Universidade federal do Rio Grande do Sul, UFRS, para obtenção do título de Licenciado em História.
- Prévídi, G. B. S. (2011). *Patrimônio e memórias nas práticas de educação patrimonial do arquivo histórico Moysés Velhinho de Porto Alegre/RS (1997 a 2005)*. 61 fls. Monografia apresentada à Universidade federal do Rio Grande do Sul, UFRS, para obtenção do título de Licenciado em História.
- Rebelo, A.P. C. (2010). Currículo: construção de identidades. *WEB ARTIGOS*, 11 de junho.
- Reis, J. C. (2003). *História e teoria: historicismo modernidade temporalidade e verdade*. São Paulo: Editora FGV.
- Reis, J. (2002). *A globalização como metáfora da perplexidade? Os processos geoeconômicos e o 'simples' funcionamento dos sistemas complexos*. São Paulo: Cortez.
- Rocha, T. S. F. (2012). Refletindo sobre memória, identidade e patrimônio: as contribuições do programa de Educação Patrimonial do MAEA-UFJF. *XVIII Encontro Regional, ANPUH, MG*, 24 a 27 de julho.
- Rodrigues. A. J. (2006). *Metodologia Científica: completo e essencial para a vida universitária*. São Paulo: Avercamp.

- Rodrigues, L. O. (2017). Identidade cultural. *Brasil Escola*. Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/identidade-cultural.htm>> Acesso em 4 mar 2018.
- Rolim, E. S. (2013). Patrimônio histórico, memória, história e construção de saberes. *XXVII Simpósio Nacional de História*. Natal/RN, 22 a 26 de julho de 2013.
- Rojo, R. (2000). *A prática da linguagem em sala de aula: praticando os PCNs*. Campinas/SP: Mercado de Letras.
- Rüsen, J. (2001). *Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica*. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- Sacristán, G. J. (2000). *O currículo: uma reflexão sobre a prática*. Porto Alegre: Artmed.
- Sacristán, G. J. e Pérez, G. A. I. (1995). *Compreender e Transformar o Ensino*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Sampieri, R. H.; Collado, C. F.; Lucio, M. P. B. (2014). *Metodologia de Pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Livraria Cultura.
- Santané, A. (2008). *Uma caracterização do diálogo significativo na sala de aula*. São Paulo: Moderna.
- Santos, C. M. 9. (2013). *Formação dos profissionais da EJA: docência como prática eficaz*. Monografia apresentada à Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, para obtenção do grau de Bacharel em Pedagogia.
- Santos, S, J, B. et al. (2013). A importância do ensino de história local dentro da disciplina de história para a formação da identidade dos alunos. *XIII Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão, JEPEX*, UFRPE: Recife, 09 a 13 de dezembro.
- Santos, J. P. (2014). *Memória e Patrimônio Cultural de Vitória, ES: um estudo sobre as igrejas católicas do Centro da Cidade*. Dissertação apresentada à Universidade Federal do Espírito Santo, UFES, para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

- Santos, J, C, P. (2016). História local e ensino de história: discutindo Manoel Pedro Cardoso Vieira. *XVII Encontro Estadual de História – ANPUH-PB*, v. 17, n. 1.
- Schmidt, M. A; Garcia, T. B. (2003). O trabalho histórico na sala de aula. *História & Ensino*. Londrina, v.9. out., p.223-241.
- Schimidt, M. A. (2004). *Ensinar história*. São Paulo: Scipione, 2004.
- Schmidt, M. A.; Cainelli, M. (2004). *Ensinar História*. São Paulo: Scipione, 2004.
- Soares, R. M. F. (2008). *A construção da identidade profissional do pedagogo atuante nas escolas da rede pública estadual de Teresina-PI: 1980 a 2006*. 284 fls. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Federal do Piauí, para obtenção do grau de Mestre em Educação.
- Silva, T. T. (2002). Tadeu. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- _____ (2013). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 13. ed. Petrópolis/RJ. Vozes.
- Silva, V. G. (2007). *Um olhar sobre o patrimônio cultural: proposta da inclusão da educação patrimonial no currículo do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás*. Dissertação apresentada à Universidade Católica de Goiás, para obtenção do título de Mestre. Disponível em <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/2301/1/Vagnar%20Goncalves%20da%20Silva.pdf>> Acesso em 2 mar 2018.
- Silva, J. G. (2009). *Currículo e diversidade: a outra face do disfarce*. Trabalho necessário. Ano 7, n.º. 9, pp. 1-18.
- Silva. M. M.; Delgado, A. F. (2014). *Ensino de História e Educação Patrimonial: experiências de ensino e pesquisa na educação básica*. Porto Alegre, RS; Edelbra. Citado por Silva, A. R. (2016). Patrimônio cultural e ensino de história: a educação patrimonial como estratégia de ensino de história local e regional. *XXIX Simpósio de História Nacional*. Contra os preconceitos: História e Democracia. Universidade Federal do Tocantins

- Silva, A. R. (2016). Patrimônio cultural e ensino de história: a educação patrimonial como estratégia de ensino de história local e regional. *XXIX Simpósio de História Nacional. Contra os preconceitos: História e Democracia*. Universidade Federal do Tocantins. Disponível em http://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502031269_arquivo_aeducacaopatrimonialcomoestrategiadeensinodehistoria.pdf> Acesso em 18 nov 2017.
- Silva, I. T. B. S.; Silva Junior, J. B. (2016). A construção da identidade vista na escola: desafios e perspectivas. Artigo NET, *Educação Pública*, 19 de janeiro de 2016.
- Siqueira, H. S. G.; Pereira, M. A. (1998). O sentido da autonomia no processo de globalização. *Revista EDUCAÇÃO - Centro de Educação-Universidade Federal de Santa Maria-RS*, V.22, N. 02.
- Siqueira, F. J. F. S.; Cardoso, E. C. O.; Cesar, A. C. G. (2012). O ensino de história local e do Brasil na construção da cidadania. *Revista Ciências Humanas*, Universidade de Taubaté (UNITAU) – Brasil, v. 5, n. 1 e 2 – Especial.
- Souza, J. V. A. (1996). Educação, modernidade, modernização e modernismo: crenças e descrenças no mundo moderno. *Educação & Sociedade*. Campinas, ano XVII, dez.
- Souza, J. F. (2007). *E a educação popular ¿¿quê??* uma pedagogia para fundamentar a educação, inclusive escolar, necessária ao povo brasileiro. Recife: Bagaço.
- Souza, R. R. (2012). *O Ensino de História Local/História da Paraíba na cidade de Sapé: Notas Introdutórias*. Guarabira – PB: UEPB.
- Straforini, R. *Ensinar Geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais*. São Paulo: Annablume, 2004.
- Sutil, N. (2016). Museu afetivo e ensino de história: práticas de memória e uso de fontes na educação escolar. *XVI Encontro Estadual de História da ANPUH, SC*. História e Movimentos Sociais, 07 a 10 de jun.
- Teixeira, A. (1997). *Educação para a democracia*. Rio de Janeiro: Ed.UFRJ.

- Triviños, A. N. S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.
- Vaz, A. C. S.; Pereira, V. C. B.; André, B. P. A construção da identidade do aluno: desafios da docência no ensino fundamental. *EDUCERE, XII Congresso Nacional de Educação*. PUCPR, 26 a 29/10/2015.
- Vezentini, J. W. (2004). *O ensino de geografia no século XXI*. Campinas, SP: Papirus.
- Viana, U. F. (2009). *Patrimônio e educação: desafios para o processo de ensino-aprendizagem*. 177 fls. Dissertação apresentada à Universidade Federal Fluminense para obtenção do Grau de Mestre em Educação.
- Vygotsky, L. S. (2000). *Pensamento e Linguagem*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Zamboni, E. (1993). *O Ensino de História e a Construção da Identidade*. História-Série Argumento. São Paulo: SEE/Cenp.

APÊNDICES

APÊNDICE A- QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES



Universidad Autónoma de Asunción
Dirección de Investigación
Ficha Técnica de Proyecto de Tesis

INSTRUMENTO DE PESQUISA ESCALA DE LIKERT: Ensino, patrimônio e memória: uma construção socioeducativa.

MESTRANDA: **Claudia Luciana Gonçalves da Silva Freitas** TUTOR: **Dr. DIOSNEL CENTURION**
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Questionário para os (as) professores (as) do Ensino Médio do Colégio Estadual Senhor do Bonfim e do Centro Estadual de Educação Profissional em Saúde Tancredo Neves, BA-Brasil.

Caro (a) professor (a):

Este questionário visa à obtenção de informações sobre :Ensino, patrimônio e memória: uma construção socioeducativa.

A consolidação dos dados será objeto de análise em uma tese para o curso de Mestrado em Ciências da Educação na Universidade Autônoma de Assunção/Paraguai.

Queira respondê-lo, por gentileza. Asseguramos o sigilo de sua identificação e agradecemos sua colaboração.

Claudia Luciana Gonçalves da Silva Freitas

<p>2. Constatar se o ensino de história relaciona o conteúdo patrimônio e memória como forma de resgate da identidade cultural da cidade</p>		<p>4- Articula elementos do saber histórico com o saber pedagógico</p> <p>Sempre ()</p> <p>Quase sempre ()</p> <p>indeciso ()</p> <p>Raramente ()</p> <p>Nunca ()</p>
	<p>Professor</p>	<p>1 – Procura refletir sobre a importância do patrimônio e memória na formação de identidades história e cultural.</p> <p>Sempre ()</p> <p>Quase sempre ()</p> <p>Indeciso ()</p> <p>Raramente ()</p> <p>Nunca ()</p> <p>2 - A prática educativa está focada na história da cidade</p> <p>Sempre ()</p> <p>Quase sempre ()</p> <p>Indeciso ()</p> <p>Raramente ()</p> <p>Nunca ()</p> <p>3 – A valorização da história local pode ser considerada ponto de partida para o processo de formação do ser histórico e social que se pretende formar com o ensino de história</p> <p>Sempre ()</p> <p>Quase sempre ()</p> <p>Indeciso ()</p> <p>Raramente ()</p> <p>Nunca ()</p> <p>4 – .Os conteúdos estudados proporcionam a construção de uma memória comum nos alunos permeando o reconhecimento de sua cultura</p> <p>Sempre ()</p> <p>Quase sempre ()</p> <p>Indeciso ()</p> <p>Raramente ()</p> <p>Nunca ()</p>

<p>3. Identificar a percepção dos alunos quanto a preservação e valorização dos patrimônios e memória</p>	<p>Professor</p>	<p>1 – A disciplina de história tem favorecido a descoberta de um patrimônio comum que precisa ser conhecido pelas novas gerações.</p> <p>Sempre () Quase sempre () Indeciso () Raramente () Nunca ()</p> <p>2 – A escola desenvolve ações que conscientizam os alunos sobre a importância da preservação do patrimônio</p> <p>Sempre () Quase sempre () Indeciso () Raramente () Nunca ()</p> <p>3 – A disciplina de história tem possibilitado ao aluno a descoberta de um patrimônio comum</p> <p>Sempre () Quase sempre () Indeciso () Raramente () Nunca ()</p>
<p>4- Averiguar como a comunidade escolar e local incorpora o processo de construção de identidade histórica cultural</p>	<p>Professor</p>	<p>1 – O ensino de história local apresenta-se como ponto de partida para a aprendizagem histórica pela possibilidade das relações sociais entre educandos e educados.</p> <p>Sempre () Quase sempre () Indeciso () Raramente () Nunca ()</p> <p>2 - A construção da identidade histórica e cultural está presente durante todo processo de ensino aprendizagem</p> <p>Sempre () Quase sempre () Indeciso () Raramente () Nunca ()</p> <p>3 – A comunidade escolar participa da construção da identidade histórica cultural</p> <p>Sempre () Quase sempre () Indeciso () Raramente () Nunca ()</p>

		<p>4 –Existe uma relação entre a formação de identidade histórica com os conteúdos abordados nas aulas de história?</p> <p>Sempre () Quase sempre () Indeciso () Raramente () Nunca ()</p>
<p>5- - Verificar se a proposta curricular proporciona a interação de história como ação reflexiva na construção de identidades</p>	<p>Professor</p>	<p>1 - Os conteúdos propostos pela grade curricular contempla a construção de um ensino que tenha eixo no resgate da identidade cultural local.</p> <p>Sempre ()</p> <p>Quase sempre () Indeciso () Raramente () Nunca ()</p> <p>2 – A proposta curricular contempla assuntos relacionados ao patrimônio e memória.</p> <p>Sempre ()</p> <p>Quase sempre () Indeciso () Raramente () Nunca ()</p> <p>3– O currículo contempla a interação da história e sua ação reflexiva na construção de identidades.</p> <p>Sempre ()</p> <p>Quase sempre () Indeciso () Raramente () Nunca ()</p>

APÊNDICE B- QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS



Universidad Autónoma de Asunción
Dirección de Investigación
Ficha Técnica de Proyecto de Tesis

INSTRUMENTO DE PESQUISA ESCALA DE LIKERT: Ensino, patrimônio e memória: uma construção socioeducativa.

MESTRANDA: **Claudia Luciana Gonçalves da Silva Freitas** TUTOR: **Dr. DIOSNEL CENTURION**

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Questionário para os (as) alunos (as) do Ensino Médio do Colégio Estadual Senhor do Bonfim e do Centro Estadual de Educação Profissional em Saúde Tancredo Neves, BA-Brasil.

Caro (a) professor (a):

Este questionário visa à obtenção de informações sobre :Ensino, patrimônio e memória: uma construção socioeducativa.

A consolidação dos dados será objeto de análise em uma tese para o curso de Mestrado em Ciências da Educação na Universidade Autônoma de Assunção/Paraguai.

Queira respondê-lo, por gentileza. Asseguramos o sigilo de sua identificação e agradecemos sua colaboração.

Claudia Luciana Gonçalves da Silva Freitas

A) INFORMAÇÕES GERAIS

1 Sexo

- Masculino
 Feminino
 Outro

2. Idade

- até 15 anos
 de 16 a 25 anos

3. Carga horária na escola:

- 1 turno 2 turnos

B) PRÁTICAS DE APRENDIZAGEM E INFORMAÇÕES SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA

1)A professora de História em sua prática docente solicita seus alunos para entrevistar pais ou pessoas da comunidade acerca de fatos culturais locais?

- Sempre()
Quase sempre()
Indeciso()
Raramente()

2)São abordados pela professora assuntos relacionados ao patrimônio histórico incentivando a preservação destes lugares que fazem parte da memória da cidade?

- Sempre()
Quase sempre()
Indeciso()
Raramente()

3)A escola promove ações que incentivem a valorização do patrimônio histórico cultural?

Sempre()

Quase sempre ()

Indeciso()

Raramente()

4)Existe uma relação entre a história ensinada na escola com a história voltada para a construção de identidades históricas e culturais?

Sempre()

Quase sempre()

Indeciso()

Raramente()

5) A escola promove á realização de excursões aos prédios e monumentos antigos presentes na cidade e que fazem parte do patrimônio histórico local?

Sempre()

Quase sempre()

Indeciso()

Raramente()

6) Em relação á abordagem sobre a importância da preservação do patrimônio cultural de sua cidade?

Sempre()

Quase sempre()

Indeciso()

Raramente()



UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN
FACULTAD DE CIÊNCIAS HUMANÍSTICAS Y DE LA EDUCACIÓN
MAESTRIA EM CIÊNCIAS DE LA EDUCACIÓN
Mestranda: Claudia Luciana Gonçalves da Silva Freitas
Orientador: Dr. Diosnel Centurión

APENDICE C - CARTA DE APRESENTAÇÃO

Senhor do Bonfim, 05 de Março de 2018.

Assunto: Coleta de dados para tese de mestrado

Senhor (a), Diretor (a),

A Universidade Autônoma de Assunção/Paraguai está em processo de realização do curso de Mestrado em Ciências da Educação. No momento, a instituição está iniciando a fase de construção das teses que representam requisito parcial para a conclusão do curso.

Para a realização da minha tese de mestrado, preciso realizar um estudo sobre ensino, patrimônio e memória: uma construção socioeducativa e para tanto precisarei aplicar um

questionário para colegas, e também para os alunos desta instituição escolar. A realização desse trabalho tem como objetivo analisar o ensino de história nas escolas estaduais de Senhor do Bonfim e de que forma se contempla a preservação e valorização pelos alunos e professores do patrimônio e memória.

Essa pesquisa será realizada pela professora/cursista Claudia Luciana Gonçalves da Silva Freitas sob orientação do Prof. Dr. Diosnel Centurión cujo tema é “Ensino, patrimônio e memória: uma construção socioeducativa”.

Nesse sentido, venho solicitar sua contribuição e autorização para o desenvolvimento dessa pesquisa nessa escola. Asseguramos que os aspectos de ordem ética – garantia de sigilo dos questionários, observações, serão rigorosamente respeitados em todas as atividades propostas.

Desde já agradeço, colocando-me a disposição de Vossa Senhoria para maiores esclarecimentos nos telefones (074) 99120-2946 ou pelo e-mail claudia_lucianna@hotmail.com

Atenciosamente,

Claudia Luciana Gonçalves da Silva Freitas

ANEXOS

ANEXO A- SOLICITAÇÃO DE ANÁLISE DO INSTRUMENTO DE PESQUISA PELO DR. DANIEL GONZALEZ.



Universidad Autónoma de Asunción
Dirección de Investigación
Ficha Técnica de Proyecto de Tesis

INSTRUMENTO DE PESQUISA ESCALA DE LIKERT: Ensino, patrimônio e memória: uma construção socioeducativa.

MESTRANDA: Claudia Luciana Gonçalves da Silva Freitas TUTOR: Dr. DIOSNEL CENTURION

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Prezado Doutor

Este formulário destina-se à 1ª fase da validação do instrumento que será utilizado na coleta de dados em minha pesquisa de campo cujo tema é: Ensino, Patrimônio e Memória: Uma construção de identidade histórica socioeducativa. A pesquisa se dará no Colégio Estadual de Senhor do Bonfim, em Senhor do Bomfim, Bahia. E tem como objetivo geral: Analisar o ensino de história nas escolas estaduais de Sr.do Bomfim e de que forma se contempla a preservação e valorização pelos alunos e professores do patrimônio e memória. Para isso, solicito sua análise no sentido de verificar se há adequação entre as questões formuladas e os objetivos referentes a cada uma delas, além de clareza na construção dessas mesmas questões. Caso julgue necessário, fique à vontade para sugerir melhorias.

As colunas com **SIM** e **NÃO** devem ser assinaladas com (X) se houver, ou não, coerência entre pergunta, opções de resposta e objetivos. No caso da questão ter suscitado dúvida, assinale a coluna (?) descrevendo, se possível, as dúvidas que a questão gerou no verso da folha. Sem mais para o momento antecipadamente agradeço por sua atenção e pela presteza em contribuir com o desenvolvimento da minha pesquisa.

Avaliador: DANIEL GONZALEZ GONZALEZ

Formação: DOCTOR EN CIENCIAS DE LA EDUCACION

Instituição: UNIVERSIDAD DE GRANADA - ESPAÑA

Assinatura do avaliador

**ANEXO B- SOLICITAÇÃO DE ANÁLISE DO INSTRUMENTO DE PESQUISA
PELO DR. DANIELA RUIZ.**



Universidad Autónoma de Asunción

Dirección de Investigación

Ficha Técnica de Proyecto de Tesis

INSTRUMENTO DE PESQUISA ESCALA DE LIKERT: Ensino, patrimônio e memória: uma construção socioeducativa.

MESTRANDA: **Claudia Luciana Gonçalves da Silva Freitas** TUTOR: **Dr. DIOSNEL CENTURION**

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Prezada Doutora

Este formulário destina-se à 1ª fase da validação do instrumento que será utilizado na coleta de dados em minha pesquisa de campo cujo tema é: Ensino, Patrimônio e Memória: Uma construção de identidade histórica socioeducativa. A pesquisa se dará no Colégio Estadual de Senhor do Bonfim, em Senhor do Bomfim, Bahia. E tem como objetivo geral: Analisar o ensino de história nas escolas estaduais de Sr.do Bomfim e de que forma se contempla a preservação e valorização pelos alunos e professores do patrimônio e memória. Para isso, solicito sua análise no sentido de verificar se há adequação entre as questões formuladas e os objetivos referentes a cada uma delas, além de clareza na construção dessas mesmas questões. Caso julgue necessário, fique à vontade para sugerir melhorias.

As colunas com **SIM** e **NÃO** devem ser assinaladas com (X) se houver, ou não, coerência entre pergunta, opções de resposta e objetivos. No caso da questão ter suscitado dúvida, assinale a coluna (?) descrevendo, se possível, as dúvidas que a questão gerou no verso da folha. Sem mais para o momento antecipadamente agradeço por sua atenção e pela presteza em contribuir com o desenvolvimento da minha pesquisa.

Avaliador: **Dra. Daniela Ruiz- Díaz M.**

Formação: **Dra. En Psicología. Master en Educación**

Instituição: **Univesidades Autónoma de Asunción, Nacional de Asunción y Americana.**

Assinatura do avaliador